

Adiante!

200 trabalhadores despedidos no fecho da Lusalite

Liquidar dá lucro



Ao acabar com aquela que foi a empresa líder no fibrocimento em Portugal, a família Abecassis reforça a sua posição no

ranking dos mais ricos. Outra é a sorte dos despedidos, metade dos quais tem mais de 50 anos de idade

Pág. 5

A fantasia da animação

A festa

Nesta edição

- Pequenos mestres do Xadrez
- Mil na Corrida da Festa
- Mostra de Vídeo

Pág. 11 a 22



Concessão de telemóveis

PCP critica Governo

Na atribuição das licenças aos operadores de telemóveis da chamada «terceira geração» devem ser consideradas «exigências claras e evolutivas», defende nota do Gabinete de Imprensa do PCP.

Pág. 6

Salários e emprego

CGTP contra «moderação»

A CGTP volta a insistir na melhoria dos salários e contra a tentativa de imposição de uma «moderação salarial» por parte do Governo e do patronato. E desmente números do INE sobre o desemprego.

Pág. 6

Regionais nos Açores

Candidatos da Graciosa

Encerrou, na ilha da Graciosa, o processo de constituição da lista, que divulgamos, de candidatos da CDU às eleições para a Assembleia Legislativa Regional, a realizar em 15 de Outubro.

Pág. 8

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.º-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lígia Calapez
Manuel Jorge Veloso
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presência

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 924 04 47
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

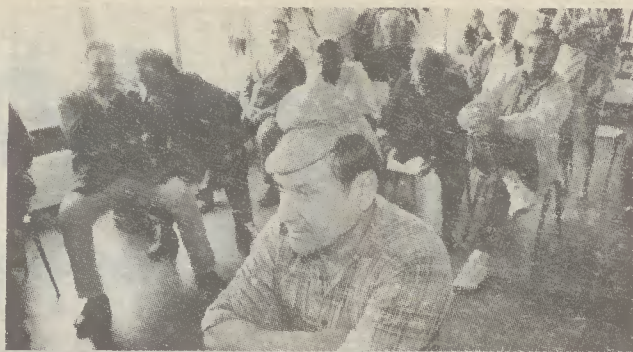
ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)
50 números: 8 100\$00
25 números: 4 200\$00
EUROPA
50 números: 21 850\$00
EXTRA-EUROPA
50 números: 30 600\$00
GUINÉ-BISSAU,
S. TOMÉ E PRÍNCIPE
e MACAU
50 números: 23 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



Reformas antecipadas para escamotear o desemprego

Resumo

16 Quarta-feira

Yasser Arafat admite reexaminar a data de 13 de Setembro para a proclamação unilateral de um Estado palestino • Acções violentas atribuídas a militantes secessionistas causam em Caxemira seis mortos e 16 feridos • O chefe do Estado Maior das Forças Armadas angolanas, general João de Matos, exclui, em Pretória, diálogo com Sayimbi • Governo russo pede ajuda internacional para o salvamento dos 118 marinheiros que se encontram no submarino nuclear que no sábado se afundou • Governo britânico aprova clonagem humana para fins terapêuticos.

17 Quinta-feira

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, anuncia a contribuição portuguesa de 220 milhões de contos até 2003 para a consolidação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) • Albert Arnold Gore Jr. é escolhido pelo Partido Democrata como candidato às presidenciais americanas de 7 de Novembro • Tribunal Administrativo alemão proíbe manifestações de homenagem a Rudolf Hess • As associações cabo-verdianas em Portugal recusam em conferência de colagem da comunidade à prática de pontuais casos de violência.

18 Sexta-feira

Força de Paz e a Resistência reconhecem a existência de milícias em Timor-Leste, «mais de cem» segundo o coronel Nymo, das forças internacionais, e «mais de 300» segundo a Resistência • Na Indonésia, a Assembleia Consultiva do Povo adopta um decreto que autoriza os militares a manterem o seu lugar no Parlamento até 2009 • Prosseguem sem grandes esperanças as tentativas de salvamento da tripulação do submarino nuclear russo «Kursk» • O tribunal de Porto Velho (Amazonas) condena a 18 e 16 anos de prisão os polícias que em 1995, na Corumbiara, executaram três sem-terra que já se tinham rendido à polícia.

19 Sábado

Durão Barroso, líder do PSD, ameaça o Governo com moção de censura caso não demita o ministro da Administração Interna, Fernando Gomes, e

não separe o Ministério da Economia e das Finanças • Hugo Chávez, Presidente da Venezuela toma posse para o seu segundo mandato • O chefe do estado-maior da Esquadra do Norte, Mikhail Motsak, considera quase nula a possibilidade de existência de sobreviventes no submarino russo afundado • Um incêndio em Espartim, chega a ameaçar alguns bairros da periferia da cidade, lançando o pânico na zona da Covilhã.

20 Domingo

Xanana Gusmão, no dia do 25.º aniversário das Falintil, passa comando a Taur Matan Ruak • Num atentado à bomba, a ETA mata dois guardas civis em Sallent de Gallego, nos Pirinéus aragoneses • Governo espanhol aceita dialogar com os partidos da oposição sobre o problema do terrorismo • Coreia do Norte ameaça boicotar processo de paz intercoreano se a Coreia do Sul não anular exercícios militares conjuntos com os Estados Unidos • Empresas portuguesas contribuem com meio milhão de contos para subsidiar atletas nacionais aos Jogos Olímpicos.

21 Segunda-feira

Morre, aos 95 anos, o engenheiro-agrônomo e investigador Henrique de Barros, presidente da Assembleia Constituinte • Mais de 20 mil fogos destruíram desde o princípio do ano em todo o País uma área de 31 422 hectares • Começa em Díli o Congresso do CNRT • No México, Pablo Salazar, candidato da Aliança por Chiapas, ganha por dez pontos percentuais ao candidato do PRI o governo do estado de Chiapas • Nove dias após o afundamento do submarino nuclear russo «Kursk», é confirmada a morte dos seus 118 marinheiros.

22 Terça-feira

Em conferência de imprensa, a CGTP contesta os números do desemprego divulgados pelo INE • O Tribunal de Aveiro declara a prisão preventiva de um jovem inicialmente acusado de envolvimento nos assaltos da CREL, por suspeita de assalto a uma espingardaria da cidade • Milícias pro-indonésias atacam uma equipa do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados • O Presidente russo Vladimir Putin declara um dia de luto em toda a Rússia em homenagem às vítimas do afundamento do «Kursk».

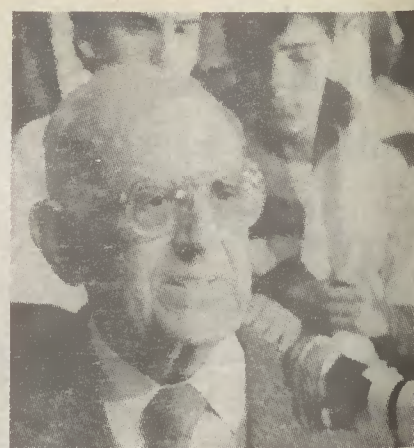
Aconteceu

Morreu Henrique de Barros

Faleceu na passada segunda-feira, em consequência de doença prolongada, o destacado democrata Henrique de Barros, que contava 95 anos de idade. Professor e investigador de economia agrícola, Henrique

de Barros viu a sua carreira universitária interrompida pelo fascismo, regime ao qual se opôs com vigor, vindo a participar, a seguir ao 25 de Abril, no processo de institucionalização da democracia. Participou,

como ministro de Estado, no I Governo Constitucional e, em 1975, foi eleito por Coimbra, nas listas do PS, para a Assembleia Constituinte, de que foi Presidente. Demitiu-se do Partido Socialista em 1981, tendo então



presidido à Comissão de Recandidatura do Presidente Ramalho Eanes. Não abandonou, porém, os ideais do

socialismo e do cooperativismo, a que cedo aderiu e que manteve durante toda a vida.

A tragédia do Kursk

Chega ao fim, em tragédia, o caso do submarino russo «Kursk», afundado no mar de Barends. Todos os ocupantes mortos. O número de mortes anunciadas foi entretanto subindo. Com uma tripulação revelada de 116 membros, no momento em que chegou a confirmação oficial das mortes esse número era já de 118 e, no dia seguinte, alguma imprensa russa adiantava que seguiam a bordo mais doze pessoas cuja presença não constava das listas fornecidas pela marinha. De nada serviu a ajuda estrangeira nas operações de resgate em que participaram noruegueses e britânicos. As informações posteriores revelaram que os estragos produzidos no submarino haviam sido suficientes para não permitirem que os tripulantes sobrevivessem.

A doença dos atestados

As centenas de atestados médicos usados por outros tantos alunos de Guimarães para se furtarem às provas globais do secundário não parecem ter surtido o efeito esperado. Marcada uma chamada extraordinária para os alunos «doentes», 300 pais e encarregados de educação reclamaram da decisão com o argumento de que os educandos deveriam ver atribuídos os resultados da avaliação do final do 3.º período. Não foi dessa opinião o Provedor de Justiça que deu razão às instâncias do Ministério da Educação. Nascimento Rodrigues considerou que, se assim não fosse, seria «reconhecido um benefício aos alunos faltosos que os colocaria numa situação injustamente mais favorável do que aquela que se deparou aos restantes».

Papa dois milhões

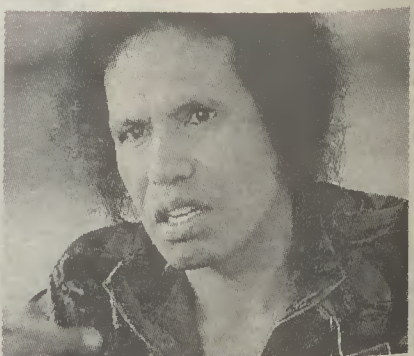
As XV Jornadas Mundiais da Juventude, integradas nas comemorações do Jubileu 2000, levaram a Roma cerca de dois milhões de jovens, que se reuniram numa missa celebrada por João Paulo II no campo de Tor Vergata, nos arredores da capital italiana. O papa, que voltou de férias para a cerimónia e se reuniu antes da missa com o chefe do Estado italiano, Carlo Ciampi, absteve-se de insistir nos aspectos mais retrógrados da doutrina que tem vindo a impor aos católicos, preferindo apelar aos sentimentos de solidariedade dos jovens. «Não vos deveis resignar», disse, «a viver num mundo onde outros homens morrem de fome, permanecem analfabetos ou têm falta de trabalho.»

Congresso do CNRT

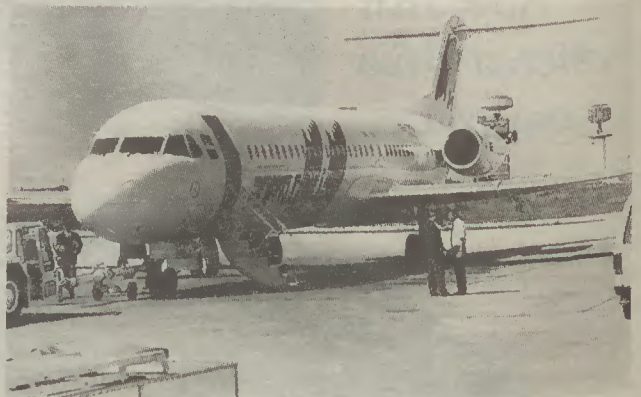
Com a presidência de Xanana Gusmão até à eleição da respectiva mesa, teve início na passada segunda-feira o Congresso do Conselho Nacional da Resistência Timorense,

com a participação de cerca de 450 delegados e duas centenas de observadores. Xanana, na véspera, em cerimónia oficial, passara o comando das Falintil a Taur Matan Ruak, libertando-se desse modo para outros cargos políticos no processo de independência. Começam a desenhar-se com maior nitidez as clivagens partidárias em Timor-Leste, com Mário Carrascalão a criar um novo partido, o PSD, à direita

do espectro político, e com a Fretilin a ser acusada de boicotar o Congresso do CNRT por dirigentes seus discordarem de «alguns aspectos» do regimento do Congresso. Por



seu lado, o bispo Ximenes Belo está apostado em assegurar futuro à igreja timorense, tendo afirmado que Timor não precisa de guerrilheiros «nem sequer de partidos».



A nega da Swissair

A companhia aérea Swissair deu o dito por não dito e declarou que, afinal, o contrato celebrado entre esta empresa suíça

e a Portugal não é válido «porque o negócio tinha de ser sujeito à aprovação das autoridades portuguesas e da União Euro-

peia». Assim, a esperada - pelos accionistas portugueses - aquisição, por parte do grupo suíço, de 42 por cento do capital desta transportadora aérea nacional, fica sem efeito. Reagindo a esta tomada de posição, a Portugal manifestou a decisão de processar a Swissair. O presidente da companhia privada portuguesa - que registou um prejuízo de milhão e meio de contos no primeiro semestre deste ano - revelou entretanto que possui alternativas ao grupo suíço, nomeadamente a alemã Lufthansa e a francesa Air France.



Crónica Internacional

• Domingos Lopes

A tragédia do «Kursk»

O afundamento do submarino nuclear russo *Kursk* no mar de Barents e a morte dos seus 118 tripulantes criou um tremendo impacto na opinião pública mundial. A mediatização da tragédia fez com que o mundo seguisse hora a hora o destino das 118 vidas que no interior do *Kursk* pereceram.

Independentemente das verdadeiras causas do seu afundamento, da incapacidade da marinha russa para entrar dentro do seu próprio submarino, do «timing» para o pedido de ajuda internacional, o desastre do *Kursk* devia servir para debater toda a problemática relacionada com a corrida às armas nucleares. Não são só os submarinos nucleares russos que têm acidentes, também há submarinos norte-americanos no fundo do mar.

A tragédia deveria contribuir para recentrar o debate em torno do perigo para toda a Humanidade e para o planeta da existência das armas nucleares, independentemente do debate sobre as tecnologias mais ou menos avançadas, as maiores ou menores capacidades da Rússia para acorrer a um acidente deste tipo. Enquanto existirem milhares de armas nucleares instaladas, há sempre riscos de acidentes, onde quer que elas se encontrem. E existem armas nucleares para destruir praticamente a vida na Terra. Apesar disso, e não obstante o desaparecimento do Pacto de Varsóvia, organização político-militar que agrupava a URSS e outros países socialistas, os EUA e a NATO têm aumentado substancialmente os seus orçamentos militares e feito investimentos colossais no armamento nuclear, no «sistema de defesa de mísseis balísticos» nova versão da «guerra das estrelas», o que põe em causa os acordos de limitação dos mísseis estratégicos (tratado ABM).

Os biliões de dólares gastos no programa visam conceder aos EUA uma espécie de escudo que lhe permitiria desencadear ataques militares nucleares ou outros sem risco de represálias por parte dos países vítimas dos seus ataques. Essa «invencibilidade» passa por criar condições para que a Rússia não seja capaz de utilizar o seu armamento nuclear, seja por via da «guerra das estrelas» seja por outras vias, seja combinando as várias possibilidades.

E tanto assim é que os EUA e a NATO, ao contrário do que proclamaram no momento da entrada Polónia, Hungria e República Checa para a NATO, pretendem instalar nestes países fronteiriços da Rússia armamento nuclear.

A título de curiosidade, vale a pena sublinhar que se todos os dólares que os EUA gastaram em armas nucleares desde 1940, fossem sobrepostos um a um, já tinham atingido a Lua...

Naturalmente que outros países gastaram também quantias colossais; mas é preciso ter em conta como começou a corrida aos armamentos nucleares, quem procurou obter vantagens militares e até quem pela primeira vez fez explodir duas bombas atómicas em Hiroshima e Nagasaki, há precisamente 55 anos.

Esta política é um perigo potenciador de tragédias humanas; a do *Kursk* tem causas próprias, mas assenta nessa realidade de fundo.

Este é o Ano Internacional pela Abolição das Armas Nucleares, proclamado pela ONU. É preciso eliminar o mal pela raiz fazendo parar a corrida aos armamentos nucleares e caminhar na direcção do desarmamento nuclear. A dificuldade e a complexidade de tal caminho não deve servir para desistir de um tão justo objectivo. Na luta pela conquista de aderentes para a causa da paz e do progresso social é preciso participar convictamente na batalha do esclarecimento. A tragédia do *Kursk* deverá contribuir, entre muitas coisas, para ganhar novas consciências da importância da luta pelo desarmamento nuclear.

Existem armas nucleares para destruir praticamente a vida na Terra

Editorial

A NUDEZ CRUA DA VERDADE

Após quinze dias de férias no Pantanal da telenovela brasileira – onde deu grandes passeios e teve longas conversas com o Presidente Fernando Henrique Cardoso – António Guterres deu um pulinho a Lisboa, ao que parece para se encontrar com o ministro Jorge Coelho e para almoçar com Durão Barroso, deslocou-se a Bragança numa acção de agitação e propaganda e partiu para o Algarve onde terminará as férias.

Sobre o teor das conversas de Lisboa não se sabe mas imagina-se qual tenha sido. Em Bragança, Guterres foi igual a si próprio: personagem saída de um romance de Eça de Queiroz, com as devidas adaptações ao tempo que vivemos, falou.

António Guterres é, hoje, Primeiro Ministro de um Governo desgovernado e em desgovernada derrapagem, que não sabe a quantas anda, onde ninguém se entende e cuja preocupação maior é a de fazer ou não fazer uma remodelação ministerial para que tudo continue cada vez mais na mesma. Destapado do manto diáfano de fantasia em que se envolveu, o Governo do PS exhibe agora a nudez crua da verdade: em vez das apregoadas capacidades, competências e valên-

“As «paixões» explícitas ou implícitas do Primeiro-Ministro viraram ódios”

cias, o elenco governamental não passa de um depósito de «talentos» onde abundam os Pachecos, os Abranhos, os Acácios, os Raposões, os Arturinhos Corvelos.

Entretanto, os problemas dos trabalhadores, do povo e do País crescem e agravam-se enquanto os grandes grupos económicos e financeiros vivem no paraíso terreal da abundância que a política de direita lhes proporciona.

O «diálogo», que foi uma das armas principais da propaganda guterrista, foi o que se viu: um monólogo ao serviço da política de classe do Governo – e, porque nem sequer serve para resolver as desavenças internas que fazem do executivo governamental um autêntico saco de gatos, repousa no lugar que lhe cabe: o caixote do lixo.

As «paixões» explícitas ou implícitas do Primeiro Ministro viraram ódios: o Governo de António Guterres flagela o Ensino, mata a Saúde, agride a Segurança dos cidadãos, sufoca dezenas de milhares de famílias que adquiriram casa própria, despreza os reformados e pensionistas, distribui «jobs» por tudo quanto é «boy», naufraga o Terreiro do Paço, esfacela a Agricultura, afunda as Pescas, destroça a economia, acocora-se servilmente perante os donos do Mundo, degrada a soberania nacional – e despeja sobre os explorados, exclusivamente sobre os explorados, as consequências trágicas da política que leva à prática e que se prepara para continuar.

E faz tudo isto em nome da «esquerda», em nome da «democracia» e, naturalmente, em nome da «modernidade». E com tudo isto insulta a esquerda, avilta a democracia e, naturalmente, mostra o conteúdo da sua «modernidade».

Dizem uns jornais que está em curso uma «remodelação ministerial»; dizem outros que se trata de uma «remodelação deslizante» ou «a conta gotas»; afiançam terceiros que «remodelação, só depois das presidenciais, de modo a imprimir um novo «élan» para as autárquicas»; dizem todos que a remodelação é necessária e inevitável; nenhum diz que o que é essencial remodelar, e profundamente, é a política praticada pelos ministros remodelados ou a remodelar.

Ao que parece, a «remodelação necessária» está, assim, dependente dos interesses eleitoralistas do partido do Governo o que, por si só, caracteriza uma política e uma prática governativa. Este retardamento tático-estratégico da remodelação – visto com bons olhos por alguns ministros e mal visto por outros... – significa que a bagunçada governamental vai continuar. Diz-se, por exemplo, que o buliçoso ministro Jorge Coelho, farto de esperar pela remodelação que não chega, resolveu cuidar melhor de si «virando-se quase exclusivamente para o seu Ministério do Equipamento» sob o lema «lançar obra, mostrar obra» – decisão que é pitorescamente justificada por «um socialista próximo do ministro»: «Jorge Coelho entrou no jogo dos outros ministros. Se cada um anda a tratar da vidinha, ele vai fazer o mesmo.» «Tratar da vidinha»: eis a expressão-chave da equipa treinada por António Guterres; eis a palavra de ordem sussurrada no balneário por todo o plantel.

De qualquer forma, uma coisa parece certa: a todos os ministros vai valendo – e de que maneira! – o ministro Fernando Gomes o qual, pelo exuberante conjunto de requisitos que todos os dias exhibe, concentra em si as atenções que, se assim não fosse, recairiam sobre todos os seus pares.

Estes fragmentos da situação actual que, a traço largo, aqui se enunciam servem para sublinhar os malefícios intrínsecos à política de direita que o Governo PS – na digna senda dos seus antepassados do PSD – tem vindo a executar. Servem, igualmente, para lembrar que a resolução dos muitos e graves problemas que afectam a maioria dos portugueses passa, inevitavelmente, pela derrota dessa política e pela sua substituição por uma política de esquerda ao serviço dos interesses e dos direitos dos trabalhadores e das populações. Servem, finalmente, para acentuar que a obtenção desses objectivos passa pela intensificação e pelo reforço da luta de massas; passa pela intervenção comum de todos os que se identificam com tais objectivos; passa – sendo esta a condição básica essencial – pelo reforço do Partido Comunista Português, pelo reforço social, eleitoral e político do grande partido da esquerda, cujo papel indispensável e insubstituível é todos os dias confirmado pela realidade.

Actual

De repente...

• Vítor Dias

Hoje, esta crónica bem podia ter como título um nome de mulher. Precisamente o nome da que, no passado sábado, os jornais relataram ter morrido, aos 32 anos, após três semanas de coma e em muito provável consequência de um aborto clandestino realizado numa freguesia de Viseu.

Mas a verdade é que, embora sabendo que a citação do seu nome daria dimensão mais humanizada à tragédia que queremos evocar, não nos apetece propiciar que alguém possa pensar que andamos a procura de um bandeira de martírio, com o nome concreto de uma mulher, para defender uma causa - a do combate ao aborto clandestino e da despenalização do aborto - na qual tem sido incontornável o comovido protagonismo do PCP.

E embora os alvos não mereçam tal contenção, também não nos apetece

desfiar e fustigar outra vez o rosário de cinismos, hipocrisias e ideias aberrantemente retrógradas que, há dois anos e à tangente, levaram a que o conforto da holorenta conservação de sagrados «princípios» triunfasse sobre o humanismo, sobre a necessidade de operar um transferência da IVG do campo da clandestinidade e do risco para o campo da legalidade e da segurança médica, sobre a

necessidade de responder a um pungente problema que marca tão dolorosamente a vida de tantas mulheres portuguesas.

Não, por hoje só queremos registar que, por vontade deliberada ou por pressão de outros assuntos ou problemas, bem pode meio mundo se querer esquecer ou não se lembrar desse mundo submerso de sofrimento, medo e provação do aborto clandestino, mas pode sempre haver uma notícia que, de

repente e por via do estúpido sacrifício de uma vida em flor, vem estragar e condenar esta festa da indiferença e das consciências normalizadas.

Em Portugal aí continua pois o flagelo e o drama do aborto clandestino e aí está o alastramento da toxicodependência e, atestada em números aterradores, a catastrófica expansão da SIDA. Mas isso não importa aos guardiões ou sentinelas da boa «moralidade» que continuam a não querer ouvir falar de despenalização da IVG e de preservativos, enquanto outros fazem o mais indigno e deseducativo terrorismo verbal sobre a questão da droga.

E chega. É que há alturas e assuntos em que escrever mais é prolongar e adensar uma desmedida raiva interior contra um conservadorismo vesgo, doentio e bronco que insulta o que deviam ser valores fundamentais da civilização humana à beira do terceiro milénio.



A Leste

• Jorge Cordeiro

«Comunismo dava vida melhor». Assim titulava um «matutino, com a discrição que a notícia aconselha, um texto aludindo a uma sondagem realizada na Rússia.

As sondagens são o que são. O mais prudente é olhar para elas sem as idolatrar ou diabolizar. Embora para alguns, como se sabe, as sondagens são assim como que o sal para a comida. Não há notícia que valha se não for servida acompanhada de um qualquer estudo de opinião, nem sondagem que não dê para uns bons metros de notícia...

Estranho é assim que ao universo da nossa comunicação social, sempre tão rendida e deslumbrada perante o fascínio de uma qualquer sondagem e num mundo tão global e mediatizado, tenha passado despercebida uma sondagem divulgada por um insuspeito jornal russo onde, inquiridos sobre a época em que melhor tinham vivido, os cidadãos daquele país identificaram esse período com os anos em que a então União Soviética foi «dirigida por Brejnev, Tchernenko e Andropov», em oposição à «década de 90 marcada pela economia de mercado» e pelo desmembramento do seu país.

Que a destruição da União Soviética e do sistema socialista não contribuiu para um mundo melhor, mais justo e pacífico, mas que bem pelo contrário abriu caminho a uma mais arrogante e incontida acção do imperialismo num quadro mais indefeso da luta dos povos por um mundo e uma

sociedade melhor, já era coisa que os tempos mais recentes se encarregaram de revelar.

Como já se conhecia que, sobre os escombros dessa destruição, se ergueu um regime de rapina assente na apropriação pelo capital estrangeiro dos recursos e sectores-chave da economia, na invasão dos mercados e na drenagem de capitais para as sedes da filantropia ocidental, realizado à custa da eliminação das principais conquistas sociais e dos sistemas produtivos desse país.

Com uma novidade mais recente. A da vantagem dupla que daí comprovadamente resulta para o capital: A sucção directa dos recursos desses países por um lado, e por outro a importação forçada de uma mão-de-obra barata e altamente qualificada tão necessária ao cumprimento das metas de crescimento dos países capitalistas.

Pelo que se vai ouvindo e conhecendo da opinião de muitos dos que até nós chegam em busca da sobrevivência que agora lhes é negada nos seus próprios países e pelas notícias, ainda que silenciadas, do estado de espírito dos que lá sobrevivem se vai também ficando a conhecer que lá, como um pouco por todo o mundo, há quem não se resigne e conforme perante a lógica que o capital e a sua economia de mercado à força pretendem impor, à custa da liberdade e da dignidade de milhões de trabalhadores.



Espírito de Aljubarrota

• Leandro Martins

Diz-se - e cada vez se diz menos, felizmente - que *de Espanha nem bom vento nem bom casamento*. Nunca percebi muito bem onde mergulham as raízes deste dito, a não ser cavando um pouco na história e concluindo que se não trata propriamente de ventanias quando se evocam as devastadoras invasões; nem se pretende falar do vulgar ajuntamento de trapinhos mas provavelmente dos casamentos políticos que vieram a pôr em perigo ou a consumir perdas de independência. Se recordarmos bem, no entanto, depressa acharemos que as invasões as provocaram governantes portugueses e, quanto a casamentos, as culpas não ficam no cartório e serão atribuídas aos mesmos. Os consórcios reais foram procurados sempre por reis portugueses, na mira de pôr

o pé do outro lado da fronteira; só que a história lhes correu mal e o pé foi castelhano a pisar este lado da raia... Quem pagou as despesas da boda e do divórcio foi sempre o Zé.

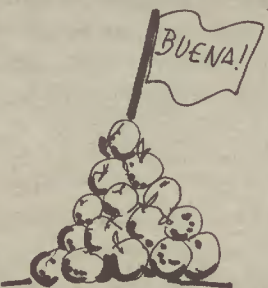
Não vem isto a propósito do recente aniversário da batalha de Aljubarrota, mas do «espírito de Aljubarrota» com que é fácil mobilizar os justos sentimentos de independência nos corações lusitanos e voltá-los contra os celtiberos do lado de lá, quando seria mais sensato procurar aqui perto, junto a celtiberos de cá, a razão de alianças desvantajosas.

Tendo passado uns dias de férias numa terra junto à fronteira - que já não há - e onde me habituei a encontrar no reduzido mercado semanal alguma fruta mirrada e roída do bicho - a de melhor sabor, diz-nos o orgulho luso

- tive a surpresa de deparar com pirâmides, erguidas nas pedras municipais, de bela, sumarenta, odorosa e... muito mais barata, fruta espanhola. Quem a vendia eram mesmo alguns *hermanos* que, apesar de não falarem peva de português, sabiam o suficiente para venderem tudo e contarem os escudos com a vontade.

Os agricultores da região, enquanto os consumidores da zona e de fora enchiam os sacos, apontavam o dedo acusador aos espanhóis, «responsáveis» por tamanha desgraça. Como por vezes se ouve pescadores atribuírem culpas aos barcos de Espanha; como agora se ouvem vozes gritar contra os vizinhos ibéricos porque os citrinos algarvios não encontram fregueses.

Seria melhor procurar cá dentro os responsáveis por esta política de entrega e de parco desenvolvimento. É sempre melhor começar por perto a identificar quem trai a nossa confiança.



Frases

“A minha luta na vida política é ideológica. E um lutador ideológico é um revolucionário. E o revolucionário é revolucionário 24 horas por dia.”

(Alberto João Jardim, na TVI, 21.08.00, citado nos jornais.)

“O medo de Jardim - que, acrescenta-se, não é uma figura execrável apenas do ponto de vista político - está a tornar-se, cada vez mais, um fenómeno de degradação da autoridade democrática, envolvendo os partidos e o próprio Estado de Direito.”

(Vicente Jorge Silva - «Diário de Notícias», 18.08.00)

“Não rejeito nenhuma hipótese e sei que a minha presença no Governo é pouco importante. [...] O que eu gosto é disto. De mangas de camisa e perto das pessoas.”

(Narciso Miranda - «Público», 22.08.00)

“A minha primeira batalha como líder distrital [do Porto] será reabrir todas as sedes partidárias.”

(Francisco Assis - «Público», 23.08.00)

“É assim que se faz política e não com campanhas de abaixo-assinados que são instrumentos de propáganda antidemocráticos, em que alguns militantes exercem coacção sobre outros.”

(idem, ibidem)

“Ainda não percebi o que fez ou quem fez mudar de estratégia aqueles que defenderam a necessidade de convergência em torno da minha candidatura.”

(Narciso Miranda - «Público», 20.08.00)

“Tudo o que sou politicamente devo ao PS, à dedicação e empenho dos militantes anónimos. Eu também sou do aparelho.”

(idem, ibidem)

“O triunfo de mercados remete a União Europeia para a sua função estrita de espaço económico. Os projectos de integração política são deixados de lado. Política externa, protecção do ambiente, reforma das instituições, Europa social - tudo é bloqueado ou secundarizado.”

(Sérgio Figueiredo - «Diário Económico», 21.08.00)

“Pós-escrito aos jovens que não perceberam o 25 de Abril: o povo andava revoltado contra os ricos que não deixavam os bombeiros passar pelas suas propriedades relvadas. Então, deu-lhes uma corrida em osso e eles só pararam no Brasil. Todos sabiam que eles haviam de voltar - mas foi muito bom tê-los visto a tremer. Nem que tenha sido uma só vez na vida de um povo.”

(Óscar Mascarenhas - «Diário de Notícias», 16.08.00)

“[as pessoas] têm medo de sair à rua, na cidade, e trancam as portas, no campo.”

(Paulo Portas - «24 Horas», 19.08.00)

Jorge Abecassis fecha Lusalite e despede 200 trabalhadores

Ao acabar com aquela que foi a empresa líder no fibrocimento em Portugal, a família Abecassis reforça a sua posição no ranking dos mais ricos. Outra é a sorte dos trabalhadores, metade dos quais tem mais de 50 anos de idade.

Fundada em 1933, a Lusalite foi empresa líder na produção de fibrocimento; a sua forte posição no mercado alargou mesmo o nome da marca a toda esta gama de produtos.

Estatísticas recentes (1998) referiam, a nível nacional, importações médias anuais da ordem das 12 mil toneladas de amianto, provenientes sobretudo do Canadá e destinadas, quase na totalidade, a fibrocimento para a indústria da construção (fabrico de chapas onduladas, tubos e manilhas, placas de isolamento térmico), a partir da mistura homogénea de fibras de amianto e cimento.



Liquidar dá lucro

A Lusalite e a Cimianto têm repartido entre si mais de 75 por cento do mercado. Juntaram-se para criar a Novinco. Estas três maiores empresas criaram uma associação para a promoção do amianto (que expõe os seus argumentos no site www.aipa.pt).

Tal como Portugal, os restantes países da União Europeia dependem da importação de amianto. Provocando polémica em torno dos argumentos sanitários e ecológicos, a UE decidiu, neste contexto, proibir a utilização de fibras de amianto a partir de 2004. A decisão deu a Jorge Abecassis – a figura principal da família que, através da **Corporação Mercantil Portuguesa**, detém a propriedade da Lusalite – a ocasião para decidir fechar a empresa.

O motivo real, contudo – como denunciaram ao «Avante!» trabalhadores da Lusalite – prende-se com a opção por negócios que, para os detentores do capital social, serão muito mais lucrativos do que a manutenção da empresa.

Para esses interesses da família Abecassis, os trabalhadores são motivo de preocupação apenas pelos prejuízos que podem causar ao negócio. Por isso, o patrão tomou providências para evitar os danos que um despedimento colectivo causaria na imagem pública e para gastar o menos possível no pagamento de indenizações aos despedidos por mútuo acordo.

nizações aos despedidos por mútuo acordo.

Estratégia e responsabilidades

Como resultado dos contactos desencadeados pela administração com vários trabalhadores, desde há cerca de três semanas, a Lusalite já deve ter actualmente menos de dois terços das 200 pessoas que empregava. A nossa reportagem foi descrito um

tenso e instável ambiente laboral, com que a empresa pretendeu contribuir para a saída de pessoal, sobretudo daqueles que ao longo dos anos se mostraram mais combativos e mais firmes na defesa dos interesses dos trabalhadores.

Há cerca de um ano, numa primeira lista de empregados «a despedir», foram incluídos todos os delegados sindicais e membros da Comissão de Trabalhadores (menos o elemento que encabeçou a lista apoiada pela administração). Agora, aqueles que recusam o «mútuo acordo» para o desemprego são mudados de local de trabalho, vêm as férias interrompidas ou

adiadas e não têm actualização salarial.

Os factos que nos foram relatados justificam plenamente as acusações feitas nos últimos meses à administração da Lusalite, designadamente pelos deputados comunistas Bernardino Soares e Natália Filipe (num requerimento ao Governo denunciam «**uma clara estratégia de liquidação da empresa**»)

e pelo Sindicato da Cerâmica do Sul (num comunicado de Julho, escreveu que «desde o início do ano de 1999 a administração da Lusalite vem actuando com mais objectividade no sentido de liquidar a empresa»).

Para os nossos entrevistados, o recurso ao processo de recuperação foi um acto de má fé, que não tinha por objectivo a viabi-

lização da Lusalite. Por ter como meta a liquidação da empresa, a administração não procedeu à modernização dos equipamentos e processos de fabrico, nem fez os necessários esforços para encontrar produtos alternativos (sem fibras de amianto). E acabou por interromper abruptamente a «recuperação», para anunciar claramente a liquidação.

Imobiliário e outros negócios

Com sede na baixa lisboeta, a Lusalite tem a fábrica instalada na Cruz Quebrada, próximo da estação de caminho-de-ferro, da praia e do Estádio Nacional do Jamor, numa área para onde existem vários projectos de valorização urbanística, quer da Câmara Municipal de Oeiras, quer da Administração do Porto de Lisboa, quer de investidores privados (entre os quais há quem admita que se encontre o dono e liquidatário da Lusalite).

Dívidas acumuladas à banca e à Segurança Social, num

total superior a 700 mil contos, estiveram na origem de um processo de recuperação económica e financeira, solicitado ao tribunal em Julho de 1998. Nessa altura, o sector de empresas de Oeiras do PCP questionou publicamente os motivos das alegadas dificuldades da Lusalite, notando que os terrenos da Cruz Quebrada, em futuros projectos urbanísticos, poderiam ter um valor muito superior ao da fábrica em laboração. Os comunistas acusavam os responsáveis da empresa de má gestão e falta de renovação tecnológica e repudiavam o caminho das «rescisões amigáveis» de contratos, lembrando que essa opção, em anos anteriores, não tinha resolvido o problema da rentabilização.

O processo de recuperação deveria durar três anos. No entanto, em Abril passado, a administração anunciou que a empresa ia fechar e convocou uma assembleia de credores para levantar a gestão controlada e, no passo seguinte, vender o terreno onde se encontra a fábrica. Para se libertar da maior parte dos trabalhadores (três ou quatro dezenas serão necessários para concluir a liquidação da empresa), a Lusalite quis evitar o despedimento colectivo e preferiu as «rescisões por mútuo acordo». Para quem recusasse a indemnização proposta (um mês por cada ano de serviço), foi ficando a ameaça de ir na mesma para o desemprego, *sem receber nada*.

Este é um perigo real, uma vez que o património da Lusalite tem vindo a reduzir-se, até a favor do patrão. Os trabalhadores que contactámos referiram, entre outros exemplos, a venda da marca «Lusalite» à Novinco, por um baixo valor, e a mudança de titularidade da Sociedade Agrícola de Pinhal Novo e de acções da Novinco (que terão passado da Lusalite para Jorge Abecassis, alegadamente para *liquidação de dívidas da empresa ao seu principal proprietário*).





Aniversário do STAL hoje no Porto

Uma sessão solene, hoje de manhã, no Cinema Terço, assinala os 25 anos da fundação do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local. Segue-se, a partir das 13.30 horas, uma confraternização popular na Quinta do Cotovelo.

A 24 de Agosto de 1975 teve lugar no Porto a Assembleia Constituinte do STAL. Mas o sindicato afirma-se nascido com a revolução de 25 de Abril de 1974. Após o derrube do fascismo, constituiu-se a Organização Pró-Sindical da Administração Pública e Local, e logo em Maio de 1974 realiza-

ram-se plenários em Braga, Coimbra, Foz do Arelho, Leiria, Lisboa, Praia Grande, Santarém, Setúbal e Távira. Uma nota do STAL refere ainda um plenário, a 22 e 23 de Março de 1975, na Praia Grande, com a participação dos «secretários dos trabalhadores» dos distritos de Braga, Faro, Guarda, Lisboa e Porto. «Começou assim a desenvolver-se o embrião que levou à constituição daquele que é hoje o maior sindicato português, com mais de 50 mil associados em todas as regiões do continente e ilhas», refere a resenha histórica.



Sindicatos ferroviários comentam hoje conflito

Vários sindicatos de ferroviários anunciaram para hoje a divulgação de uma posição conjunta, no sentido de alertar o Governo e a CP para o perigo de estarem a tentar resolver um problema parcial deixando de lado questões gerais da empresa.

A posição conjunta será dada a conhecer em conferência de imprensa, na véspera de uma greve dos maquinistas, cujo conflito com a CP se arrasta há alguns meses. Os maquinistas, a quem já foi imposta uma requisição civil, continuam em negociações com a empresa, sob a tutela do Ministério do Trabalho, tentando melhorar alguns pontos do Acordo de Empresa e as respectivas carreiras.

José Manuel Oliveira, dirigente do Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Sector Ferroviário (CGTP), disse à Agência Lusa que o objectivo desta iniciativa conjunta é alertar o Governo e o Conselho de Gerência da CP para o perigo de estarem a dar muita atenção a um sector específico, em detrimento de questões que envolvem a maioria dos trabalhadores da empresa.

«Há que ter algum cuidado com isto. Vamos ver se, para resolver os problemas de 1600 trabalhadores, vão agravar as desigualdades existentes em relação aos restantes trabalhadores», preveniu o sindicalista. Garantindo não querer interferir nas negociações entre a CP e os maquinistas, José Manuel Oliveira afirmou, no entanto, que os ferroviários não serão indiferentes ao que se passa com estes profissionais.

Na posição conjunta que irão divulgar, as estruturas sindicais de ferroviários vão também reivindicar aumentos salariais intercalares, dado considerarem que os aumentos de três por cento que tiveram, com base numa previsão de inflação de dois por cento, são insuficientes.

Além do Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Sector Ferroviário, subscreverão esta tomada de posição o Sindicato Nacional dos Ferroviários do Movimento e Afins, o Sindicato Nacional Democrático da Ferrovia, o Sindicato Nacional dos Ferroviários e Afins, o Sindicato Nacional dos Ferroviários Administrativos, Técnicos e de Serviços e a Associação Sindical das Chefias Intermédias de Exploração Ferroviária, revelou a Lusa.

PCP critica actuação do Governo na concessão dos telemóveis UMTS

Mais garantias públicas

Na atribuição das licenças aos operadores de telemóveis da chamada «terceira geração» devem ser consideradas «exigências claras e evolutivas».

Numa nota do Gabinete de Imprensa do Partido, distribuída anteontem, defende-se que «as taxas de utilização anual não devem levar em conta apenas o que é praticado para as actuais redes de telemóveis», mas «devem ser evolutivas e acompanhar os níveis de facturação do serviço, independentemente do pagamento dos impostos devidos», ao longo dos 15 anos da concessão e com controlo firme da sua aplicação.

Devem igualmente ser «garantidas exigências de cobertura do território nacional mais rápidas dos que as consideradas, para não acentuar discriminações nas zonas rurais e do interior», e «devem ser definidos e efectivamente aplicados critérios de qualidade, assegurados mecanismos de defesa dos utentes em matéria de estabelecimento de preços e conhecimento de condições

de utilização, bem como «um vasto leque de atribuições para uso público e social».

Concurso ou leilão

O PCP regista que o Governo decidiu fazer a atribuição das licenças para os telemóveis UMTS (tecnologia que permite uma maior largura de banda e possibilidades de transmissão de sons, dados e imagens e o uso da Internet em boas condições) por concurso público, afastando a possibilidade de o fazer por leilão.

Sobre esta matéria, o Partido decidiu adiantar, «desde já», mais alguns «elementos de apreciação, sem prejuízo de posteriores tomadas de posição em função do desenvolvimento do processo»:

– «Independentemente da forma utilizada – concurso público ou leilão –, o essen-

cial é que sejam salvaguardados os interesses nacionais, nas condições de atribuição e desenvolvimento desta nova geração de telemóveis, designadamente do ponto de vista financeiro para o erário público e do acesso democratizado da população a este novo meio de comunicação e informação, e que seja garantida capacidade de controlo público nacional sobre este sector que tenderá a assumir grande importância no futuro das comunicações.»

– «O sistema de concurso público, desde que definido com critérios de efectivo respeito pelo interesse nacional e concretizado com esse objectivo, pode salvaguardar mais essas preocupações.»

– «O valor atingido pela atribuição destas licenças em outros países sob a forma de leilão, (Alemanha cerca de dez mil milhões de contos, Reino Unido mais de sete mil milhões de contos e Holanda mais de quinhentos milhões

de contos), não estando desligado da dimensão e poder de compra desses países e das expectativas de expansão rápida de uma tecnologia que é à partida cara, aponta para valores de concessão que levam a concluir que o valor estabelecido pelo Governo em Portugal, de 80 milhões de contos (20 milhões de contos por cada licença), é demasiado baixo, mesmo tendo em conta a especificidade do País e as condições colocadas no concurso público.»

Exigências mais rigorosas devem compensar o preço baixo da concessão

Neste contexto, o PCP entende que o Governo deve «prestar mais informação» e propõe «que seja disponibilizada desde já à Assembleia da República toda a informação existente, que sejam claras e transparentes as decisões do concurso e controláveis as regras quanto a pagamento de taxas anuais e sua evolução, grau de cobertura do território, critérios de qualidade e defesa dos direitos dos utentes», conclui a nota.

CGTP insiste na melhoria dos salários

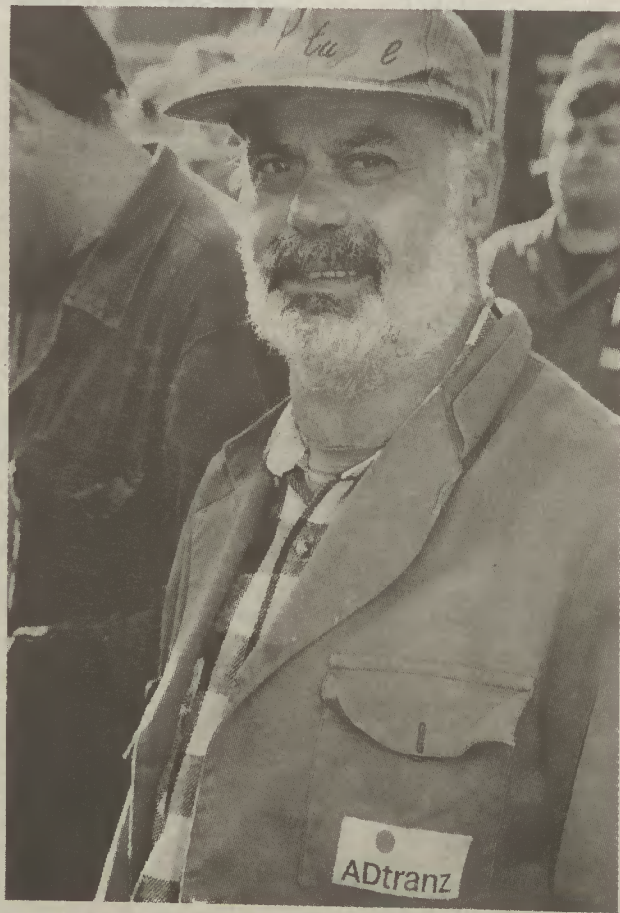
Desempregados são mais do que números do INE

A taxa de desemprego divulgada anteontem pelo Instituto Nacional de Estatística levou a CGTP-IN a chamar a atenção para várias «preocupações e contradições» que não podem ser escamoteadas, quando se discutem os problemas do emprego e do desemprego.

Em conferência de imprensa, Manuel Carvalho da Silva voltou a condenar o Governo e o patronato por estarem a desenvolver «uma manobra para tentarem impor a moderação salarial, com base na afirmação de que há uma fraca evolução da produtividade e agora, também, ao que parece, na «baixa» da taxa de desemprego».

Para o secretário-geral da CGTP, a taxa de 3,8 por cento, divulgada pelo INE, cria a ilusão de que «estamos no bom caminho, quando não estamos». Carvalho da Silva lembrou que o Instituto do Emprego e Formação Profissional anunciou existirem, em Junho, 315 mil desempregados, número que contrasta com os 191 mil do INE.

A CGTP reafirmou as críticas aos critérios estatísticos de quantificação do desemprego, que consideram empregado quem trabalhe uma hora na semana. Carvalho da Silva lembrou ainda que o próprio Banco de Portugal explicou, em parte, a baixa taxa de desemprego pelo peso desmesurado dos



Nas estatísticas não se vê a inactividade forçada para que foram empurrados milhares de trabalhadores (foto de arquivo)

trabalhadores por conta própria.

Inactivos forçados

Entretanto, refere a CGTP, a transição do desemprego para o emprego é extremamente reduzida e processa-se sobretudo na base do contrato a prazo e outras formas de

precariedade. A grande fatia da diminuição de desempregados é, salienta a central, motivada pela «inactividade forçada, uma vez que «as dezenas e dezenas de milhares de trabalhadores mais velhos, que nas empresas privadas e no sector público têm sido colocados em situação de reforma antecipada, passam,

no geral, a inactivos e portanto não constam como desempregados».

A Inter chamou a atenção para a situação dos jovens e mulheres, grupos onde a taxa de desemprego é muito mais elevada, e apontou igualmente os muitos trabalhadores que se encontram em situação de «elevadíssima» precariedade ou ocupados na economia paralela.

Contrariando a ideia do Governo e do patronato, de que uma melhoria dos salários poria em causa a competitividade da economia portuguesa e o próprio crescimento económico, os equilíbrios orçamentais e até poderia agravar a inflação, a CGTP contrapôs: «O facto que pretendem esconder é a responsabilidade do Governo e do patronato na quebra do crescimento do Produto Interno Bruto e na divergência da economia portuguesa face aos parceiros europeus. Para isso, o melhor bode expiatório são os trabalhadores e as suas justas reivindicações».

No entender da CGTP, os problemas da economia «resolvem-se com a melhoria dos salários, que possibilita o reforço sustentado do mercado interno e, sobretudo, com o dizer a verdade», em vez de «dizer meias verdades e atribuir responsabilidades a quem tem razões para criticar».



Em Grândola Perpetuar o 25 de Abril

Assinalar de forma indelével a luta antifascista, o 25 de Abril e a construção do novo Portugal que emergiu da Revolução, eis, em síntese, o sentido que preside ao conjunto arquitectónico que a delegação do Alentejo da Associação 25 de Abril quer construir em Grândola.

Designado por «Espaço Abril/Liberdade», este projecto, na sua estrutura edificada, além de um núcleo museológico, prevê uma área para conferências e debates e uma outra para a realização de festivais. Na intenção dos promotores está igualmente a criação de um espaço a que chamam «integração etária e sócio-profissional», pensado em termos do intercâmbio de experiências entre officios, profissões e gerações.

Para o núcleo museológico foi já cedido, entretanto, pela Associação 25 de Abril à sua delegação do Alentejo, o material das exposições Liberdade e Cidadania e 25 de Abril. Trata-se de um contributo importante para preservar a memória do que foi a

luta do povo português contra o fascismo. A luta pela terra no Alentejo e o movimento operário e popular nas cidades e fábricas constitui outro dos temas a desenvolver no núcleo museológico.

Quanto ao espaço para conferências e debates, sendo certo que se pretende «criar o máximo de interactividade com o público», segundo se lê num documento que divulga o projecto, torna-se indispensável «criar uma programação sistemática» de temas relacionados com a «cidadania, a emancipação e a democracia participativa».

O Espaço Abril/Liberdade, a erigir em Grândola, assume-se, pois, como um projecto destinado a evocar a longa luta de libertação do povo português, constituindo-se, ao mesmo tempo, como um fórum permanente de exposições, espectáculos e debates, capaz de oferecer, simultaneamente, uma actividade social e cívica especialmente dirigida à população do Alentejo.

Loures Mais zonas verdes

A Câmara Municipal de Loures vai investir mais de 280 mil contos em zonas verdes e de lazer nas freguesias de S. João da Talha, Santo António do Tojal e Portela. Segundo informação da autarquia, em Vale Figueira e S. João da Talha vão ser investidos 83 mil contos numa área total de cinco mil metros quadrados, estando prevista a construção de um

parque infantil e a melhoria das infra-estruturas no jardim local.

A zona de A-das-Lebres, Santo António do Tojal, vai receber um investimento municipal de cerca de 108 mil contos destinado à construção de um parque desportivo de raiz. Na Portela, por seu turno, vão ser investidos cerca de 90 mil contos em arranjos exteriores na freguesia.

Moita Melhores espaços públicos

A Câmara Municipal da Moita lançou dois concursos limitados para obras de arranjos paisagísticos na sede do concelho. Trata-se das empreitadas de arranjos exteriores na Urbanização de S. Sebastião e de enquadramento paisagístico de um espaço situado na Urbanização do Palheiro.

Já em curso estão, por outro lado, os arranjos exteriores da Rua Manuel da Fon-

seca, junto à Escola Básica n.º 2 da Moita. Calçadas e plantação de árvores constituem, genericamente, os trabalhos a desenvolver pela autarquia neste local, até Outubro próximo.

Em execução está também uma pequena rede de esgotos domésticos para 30 habitações existentes no Juncalinho, freguesia da Moita, que deverá estar concluída no final de Setembro.

Teatro em Movimento 20 anos de luta

O «Teatro em Movimento» comemora este ano vinte anos de existência. Foram «vinte anos de sacrifícios e de luta constante», segundo as palavras da Companhia de Teatro de Bragança que, em hora de balanço, não esconde a satisfação pelo trabalho realizado, prometendo continuar o mesmo rumo em torno de um projecto cultural capaz de romper o isolamento do nordeste transmontano.

Desse seu percurso de duas décadas recheado de iniciativas e projectos, tantas vezes incompreendido e outras tantas ostracizado, alvo de «maldicências e risos escarninhos» e mesmo de «perseguições ignóbeis», fala-nos o próprio grupo em documento alusivo à comemoração do início da sua actividade.

E o que de mais importante se retém da sua leitura é que, não obstante todas as dificuldades, olhando para esse passado de muito esforço e trabalho, todo ele em resultado da tenaz persistência dos seus protagonistas, valeu a pena e deu «frutos positivos».

«Formámos gentes que, neste momento, são o que são e não o seriam sem que tivesse havido a acção do «Teatro em Movimento», recordam, antes de assinalar que idêntica evolução ocorreu com a criação de públicos, com o despertar de novas mentalidades e, sobretudo, com o terem conseguido chamar a atenção do País e da Europa para uma região votada ao esquecimento «que alguém, um dia, disse que haveria de pôr no mapa, mas que disso se esqueceu».

Traço distintivo do grupo nestes vinte anos de existência, sublinham, foi ainda a sua «disponibilidade para colaborar em tudo e com todos, desde que o objectivo final fosse o de fazer avançar a região, o País, a cultura».

E talvez por isso, como eles próprios afirmam, e por «serem independentes», houve uma «factura muito alta» a pagar. Um preço, traduzido numa «vida difícil», imposto «pela ignorância de

peito das gentes de teatro a nível internacional, bem como levar o teatro fora de portas aos portugueses espalhados pelo mundo, do mesmo modo que realizaram um feito que muitos consideravam impossível: manter paralela-

O notável trabalho cultural desenvolvido pelo «Teatro em Movimento» é reconhecido aquém e além fronteiras

em Movimento», sob a direcção artística de Leandro Vale e a direcção pedagógica de Helena Vidal, foi o ter conseguido «ganhar a estima e a confiança de todos as gentes do Nordeste Transmontano», onde a presença da Companhia, seja nos meios rurais seja nos grandes centros, «é sempre uma festa».

gentes sem um mínimo de critérios, como as gentes do Instituto Português das Artes do Espectáculo (IPAE)».

Apesar de tudo isso, fazem notar - e isto é que importa relevar -, conseguiram o res-



400 mil espectadores

Nascido como projecto cultural numa das regiões mais carenciadas do País, secularmente votada ao isolamento, o «Teatro em Movimento» desenvolveu nestes seus vinte anos de existência um notável trabalho. É, bem se pode dizer, uma história de amor e dedicação ao teatro. Calcorreados pelos elementos do grupo foram todos os distritos do continente, com mais de 200 concelhos visitados, bem como a totalidade dos concelhos da região Autónoma dos Açores. Espanha, França, Suíça e Bélgica foram ainda destinos da Companhia, onde apresentaram três dezenas de espectáculos, a que assistiram sobretudo as comunidades portuguesas.

Ainda inserito no seu percurso está uma centena de montagens, traduzidas em cerca de quatro mil espectáculos, apresentados para mais de quatrocentos mil espectadores.

Actividade diversificada

O «Teatro em Movimento» tem desdobrado a sua actividade em múltiplas áreas culturais. Ao teatro, que deu corpo de raiz ao projecto, têm-se somado incursões noutros domínios. Todas com êxito, seja no plano do cinema, da televisão ou da música. Em muitos casos é o resultado de uma frutuosa cooperação com as autarquias.

Para além da criação de espectáculos, a Companhia organiza a Mostra Internacional de Teatro de Bragança (este ano em segunda edição); o Encontro Internacional de Teatro de Torre de Moncorvo (também em segunda edição), em colaboração com as autarquias locais; o FARPA, em colaboração com a Associação Recreativa e Cultural de Pombal de Ansiães; várias actividades culturais no «Carviçais Rock»; a direcção do «palco 2» da Festa da Alegria, em Braga; a direcção da Mostra de Teatro das Velas, em S. Jorge, Açores; a acção «Teatro nas Zonas Rurais», projecto com o apoio de fundos comunitários.

Destaque merecem ainda os ciclos de cinema, em colaboração com embaixadas de outros países, bem como o trabalho desenvolvido com as juntas de freguesia da cidade de Bragança, quer ao nível de exposições quer de animação cultural.

Demolição de prédio em Viana do Castelo gera contestação

Acordo dos moradores é indispensável

O PCP só apoiará a demolição do prédio do Coutinho se for encontrada uma solução que dê lugar a «algo melhor» e mereça o acordo dos actuais moradores do edifício.

A Comissão Concelhia de Viana do Castelo do PCP defende, ainda, que a tomada de decisão seja da exclusiva responsabilidade da Assembleia Municipal, devendo-se criar uma Comissão de Acompanhamento, a eleger pelos deputados municipais, que reúna toda a informação necessária a uma decisão fundamentada tanto no plano técnico como sócio-político.

Os comunistas estão de acordo em que todos os vianenses gostariam de olhar a frente ribeirinha da cidade sem ter que ver o «monstro urbano» que é o chamado «prédio do Coutinho», criado em «plena era marcelista», quando prevalecia um poder municipal ao serviço de interesses económicos sustentadores do regime. Mas a «realidade irrefutável» é que o edifício existe hoje e nele habitam numerosas famílias.

Admitindo todas as soluções que do ponto de vista

arquitectónico levem à substituição do prédio por edificação ou espaço que se insira no planeamento urbano previsto para aquela zona da cidade, estudando-se soluções técnicas que permitam concretizar essa intenção e os custos rigorosos que elas implicam, o PCP apenas coloca como questão inegociável os interesses e a vontade dos moradores, sem cujo acordo não será admissível a implementação de qualquer medida.

Preocupação hipócrita

Entretanto, o «desnorte do PSD» e a sua incapacidade de fazer oposição têm-no levado a assumir posições políticas de absoluta fantasia, como a proposta de referendo local, e a criar condições para que o PS leve a bom termo as suas intenções, «lavando as

mãos como Pilatos» e transferindo para a consulta popular uma decisão da responsabilidade da autarquia. O que, desde logo, não se percebe, já que documentos e políticas como o Plano Estratégico de Desenvolvimento da Cidade, Plano Director Municipal Plano de Urbanização da Cidade ou Projectos de Reconversão da Cidade, que transformam substancialmente o perfil de Viana do Castelo, foram decididos pelos órgãos autárquicos, alguns deles exclusivamente pela maioria socialista do Executivo.

No fundo, para os comunistas, esta «pretensa preocupação» com o rigor urbano e a qualidade estética e paisagística da cidade, não passa de uma «profunda hipocrisia» que apenas visa centrar a atenção dos vianenses no problemático e mais visível prédio do Coutinho, impedindo-os de observar o terrorismo urbano que prolifera na Bessa, Meadela, Vila de Entre os Santos, Abelheira, Areosa e Darque que «destrói a cidade e retira direitos aos munícipes» que começam a viver «enlatados», sem espaços verdes e de lazer na proximidade das suas habitações.

Barrinha de Esmoriz - que futuro?

O PCP tem um «vasto património de intervenções» e iniciativas visando a despoluição da Barrinha de Esmoriz, diz a Comissão Concelhia de Ovar que, a propósito dos últimos acontecimentos em torno da questão, lembra a proposta de inclusão de verbas no PIDDAC para requalificação daquela área e a recente visita do deputado João Amaral ao local.

Segundo o PCP, o problema da Barrinha de Esmoriz, parte integrante da Rede Natura 2000, exige a elaboração de um plano integrado visando a resolução definitiva dos eflu-

entes domésticos lançados a montante, «relativamente aos quais nenhum dos três concelhos envolvidos poderá deixar de assumir a sua quota de responsabilidade». Não é solução nem o fecho da Barrinha, nem o Plano de Dragagem, sobre o qual pairam grandes dúvidas, apresentado unilateralmente pela Câmara de Ovar, «sem consultar as outras partes envolvidas».

Dada a classificação da Barrinha de Esmoriz como Área Protegida de Interesse Local ao abrigo do DL 19/93, a sua gestão pertence às autarquias de Espinho e

Ovar. Porém, as recentes trocas de acusações entre os presidentes destas Câmaras, comprometendo o entendimento entre si, são motivo de apreensão para a Concelhia do PCP, que teme pelo futuro da Barrinha.

Assim, os comunistas defendem a revisão urgente do estatuto de área protegida da Barrinha e, ao abrigo do referido DL 19/93, propõem a sua classificação como Área Protegida de Interesse Nacional, de forma a dotá-la de meios humanos e materiais próprios, indispensáveis à sua recuperação.

▼ CAMARADAS FALECIDOS

Francisco Viana Marco Costa

Com 74 anos de idade, faleceu, no passado dia 29 de Julho, o camarada Francisco Viana Marco Costa. Membro do Partido desde longa data, desempenhou inúmeras tarefas na freguesia de Palhais (Barreiro) e na frente dos reformados.

Horácio Domingos Moleiro

No dia 17 de Julho, faleceu o camarada Horácio Domingos Moleiro, de 74 anos de idade. Membro do PCP desde 1980, estava também organizado na freguesia de Palhais (Barreiro), onde desempenhou várias tarefas, sobretudo na frente dos reformados.

Sebastião Martins Romeiro

Faleceu, no dia 18 deste mês, com 39 anos de idade, o camarada Sebastião Martins Romeiro, natural da freguesia de Vale

de Vargo, concelho de Serpa. Inscrito na JCP a seguir ao 25 de Abril, passou algum tempo depois para o PCP, perdendo entretanto o contacto com a organização por motivo de mudança de residência. Reinscreveu-se há cerca de três meses, tendo agora sido cooptado para a Comissão de Freguesia, em que pela primeira vez ia participar no dia do seu funeral. Uma das tarefas que lhe estava destinada era a reabertura da sede do Partido, que há cerca de quatro anos se encontrava encerrada. Foi sempre um camarada muito activo e dedicado, merecendo o respeito de todos os militantes e da população em geral. No seu funeral integraram-se não só camaradas e amigos do concelho como a população da freguesia.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Açores

acres
REGIONAIS 2000

Juventude com a CDU

A praia do Porto de Pim, na cidade açoriana da Horta, foi na noite de sábado, o cenário adequado à realização do muito participado Festival da Juventude, promovido pela Juventude CDU do Faial.

Um palco montado à beira mar, onde sobressaía a palavra de ordem «Mais CDU - O Melhor Para Os Açores», um bar vasto e convidativo e uma iluminação sóbria constituíram o cenário que acolheu as centenas e centenas de jovens que participaram animadamente nos concertos das bandas «Tobias Band» e «Prozak».

Entre os dois concertos, o coordenador da JCP/Açores, Pedro Roldão, apresentou os candidatos jovens da CDU pela lista do Faial - Miguel Ângelo Manchete e Herlanda Pamplona - e deu a palavra ao 1.º candidato pelo Faial e coordenador do PCP/Açores, José Decq Mota.

José Decq Mota, dando como exemplo a dimensão, participação e complexidade organizativa da iniciativa da Juventude CDU que se estava a realizar, disse «haver

na realidade política regional um dado novo e muito importante que se traduz no facto de a CDU ter reforçado muitíssimo a sua capacidade de aproximação à juventude açoriana», para acrescentar que «sendo a CDU uma força de transformação, é indispensável que saiba interpretar os anseios da juventude e que saiba criar espaços para a intervenção criativa da juventude».

Referindo-se em concreto aos problemas da Ilha do Faial, José Decq Mota afirmou que «a eleição de deputados da CDU por esta ilha irá criar um quadro político e institucional que aponte para uma nova dinâmica de aproveitamento das potencialidades e da resolução dos problemas», apelando concretamente ao «voto transformador da juventude faialense».

A anteceder a intervenção de José Decq Mota, usou da palavra a candidata Herlanda Pamplona que apelou ao voto da juventude da CDU.

Graciosa já tem candidatos

Encerrou, na ilha da Graciosa, o processo de constituição da lista de candidatos da CDU às eleições para a Assembleia Legislativa Regional de 15 de Outubro.

A lista agora apresentada expressa a aliança social e política entre activistas da CDU e cidadãos independentes que se revêem na Coligação, com a qual partilham o objectivo de contribuir com o seu esforço e trabalho para um melhor equilíbrio de forças a nível regional.

Este equilíbrio, que exclui a maioria absoluta de qualquer partido, possibilita «a concretização de políticas governamentais mais justas e favoráveis ao desenvolvimento harmonioso da região, concretamente da ilha Graciosa». É o que afirmam os oito candidatos que integram a lista da CDU, cujos nomes a seguir se transcrevem:

- **Valdemiro Manuel de Melo Santos**
Natural de Santa Cruz, 47 anos,
Funcionário público, Militante do PCP

- **José Manuel Bettencourt e Silva**
Natural de Santa Cruz, 32 anos,
Mecânico, Independente

- **Fernando Jorge de Melo Mendonça**

Natural de Santa Cruz, 34 anos, Operador de Máquinas, Independente

- **Lúcia de Fátima Medina Picanço**
Natural de Santa Cruz, 29 anos,
Doméstica, Independente

- **João Luís Bettencourt Correia da Silva**

Natural de Santa Cruz, 41 anos, Operador de Rampa na SATA, Independente

- **Hélio Manuel Picanço**

Natural de Santa Cruz, 36 anos,
Funcionário da EDA, Independente

- **Manuel Duarte Horta Espinola**

Natural de Santa Cruz, 36 anos,
Bombeiro, Independente

- **José Carlos Menconça Leite**

Natural de Santa Cruz, 35 anos,
Bombeiro, Independente

Carlos César com férias de parto

O candidato a deputado pelo PS à Assembleia Legislativa Regional dos Açores - Carlos César, actual Presidente do Governo Regional - chegou de férias a semana passada...

Entrou no activo, para grande tristeza da comunicação social (entretanto também em gozo de férias por falta de anúncios governativos), quando tinha finalmente nascido o menino, numa barriga de aluguer e da lavra de um pai estranho - o PCP -, para descanso dos desesperados avós (os reformados e pensionistas de menores rendimentos) que sofriam há quase nove meses à sua espera...

Nove meses foi o que demorou o Governo Regional para parir o complemento, pelos custos de insularidade, de 6.000\$00 às pensões e reformas dos que têm quase nada.

Numa localidade distante da ilha de S. Miguel, onde as condições de assistência social e de saúde, há muito precárias, foram repentinamente recordadas no dia 17 de Agosto passado, o candidato a deputado, actual Presidente em *rentrée*, fez o anúncio da apresentação de um anteprojecto de polivalente para ser construído não se sabe quando. Entretanto, o dito candidato aproveitou sabiamente o facto de estarem a ser finalmente processados os complementos de pensão para declarar que o actual Executivo aposta forte no conforto dos idosos e «que tem sido feito um grande esforço no sentido de tornar os dias dos idosos mais felizes, mais saudáveis, etc., etc.»

Compreendemos o esforço de gestação e de parto de uma mulher. Não alcançamos

como foi necessário um «esforço» equivalente para começar a pagar os complementos de pensão (obrigação do Governo desde os finais de 1999 por lei da Assembleia Legislativa Regional proposta pelo PCP e com os votos, infelizmente, contrários do PS), e muito menos qual o «esforço» tão importante em prol dos idosos que significou a apresentação pública de um anteprojecto de polivalente há muito justamente reivindicado e sem data de execução. É que estes «esforços» não passam de simples obrigações decorrentes da actividade governativa (esteja no governo quem quer que esteja) e, em ambos os casos, apenas pecam é por atraso evidente de concretização. A não ser que tudo isto signifique promover eleitoralmente o candidato Carlos César, mais do que aprovar (reprovar é que estaria certo, nos dois casos em referência) a acção do Governo.

É claro ou não este jogo de usar os cargos públicos para campanha partidária? São os factos!

E são os que, sem sentido crítico, aceitam estes factos como naturais (incluindo alguma comunicação social) os responsáveis pelo desinteresse dos cidadãos na vida política.

A alguns deles (cidadãos) apenas bastará, porque é cómodo e proveitoso no imediato, desfrutar do manjar que lhes é servido. Mas muitos virarão as costas ao banquete, abstendo-se.

Alguns ganham com isso... que lhes faça bom proveito. A maioria perde! Por isso perde também a democracia.

● Mário Abrantes

VIZELA Bandas perturbam população

A colocação de bandas sonoras na via intermunicipal Ave/Joane/Vizela está a perturbar os moradores da Rua do Vilar, S. João das Caldas, e ocasionalmente a provocar fracturas nas paredes de alguns prédios, devido particularmente à forte carga de trânsito pesado que aí passa.

O deputado comunista Agostinho Lopes ouviu as queixas dos moradores - que consideram existir alternativas às bandas sonoras - e dirigiu um requerimento ao Governo, onde pergunta sobre a possibilidade de substituição das actuais bandas sonoras por outros sistemas de segurança rodoviária e «se há normas técnicas sobre o uso, dimensão e avaliação das bandas sonoras como sistema redutor de velocidade dos veículos e contribuição para a segurança rodoviária». Agostinho Lopes pergunta, ainda, se existe algum projecto para a construção da circular rodoviária envolvendo o núcleo urbano de Vizela, que permitiria aliviar a actual circulação de pesados pelo seu interior.

BRAGA Rio Este em perigo

A não serem tomadas algumas medidas imediatas, o Rio Este não chegará a 2002, transformando-se definitivamente em esgoto a céu aberto que só valerá a pena «entubar», colocando-lhe uma ETAR na zona de confluência com o Ave.

Esta a conclusão a que chegou o deputado Agostinho Lopes, após uma reunião com os presidentes das Juntas de Freguesia de Celeirós, Ferreiros, Lomar e S. Lázaro, todas ribeirinhas do Rio Este.

A inexistência ou insuficiência das redes de esgotos, o mínimo e irregular funcionamento da Estação Elevatória do Lugar da Pedrinha que bombeia as águas residuais, a falta de limpeza do rio, a poluição com óleos e gasóleos do afluente Leda que atravessa Lomar, foram algumas anomalias ambientais detectadas por Agostinho Lopes, levando-o a dirigir ao Governo mais um requerimento, onde pretende saber que projectos e medidas de fiscalização pensa o Ministério do Ambiente concretizar para evitar o agravamento da situação do Rio Este.

ALGARVE Citricultores em dificuldades

Os citricultores algarvios têm milhares de toneladas de laranja por escoar e avultados prejuízos, devido não só à excepcional produção deste ano e aos maiores problemas de escoamento que coloca, como à ausência de apoios por parte do Ministério da Agricultura, às crescentes exigências do mercado e à própria inexperiência e desorganização das suas organizações.

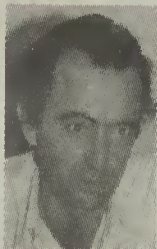
A Direcção da Organização Regional do Algarve do PCP defende, assim, apoios financeiros imediatos aos citricultores para compensar os prejuízos sofridos e a tomada de medidas que lhes garantam a segurança necessária a investir no sector, nomeadamente em apoio tecnológico e científico e à entrada no circuito comercial.

O PCP quer ainda que o Estado crie mecanismos de previsão de colheitas, uma fiscalização que evite a introdução no mercado de laranja com o rótulo do Algarve mas de proveniência diferente, e uma política de maior contenção à importação de laranja de países exteriores à Comunidade Europeia.



Avante por uma grande Festa!

A Festa do Avante do ano 2000 aí está! De amanhã a oito dias, mais uma vez no início de Setembro, vão abrir-se as portas do magnífico espaço da Atalaia, para um acontecimento singular, a 24.ª edição da Festa do Avante!



Virgílio Azevedo
Membro do Secretariado do CC

Realização ímpar no panorama político-cultural do País, festa da juventude, da liberdade, da democracia, da solidariedade, de intervenção e luta, festa de convívio e de alegria, têm tido ao longo dos anos a criatividade, a inovação e a diversidade capazes de criar novos

A ofensiva do capitalismo nesta viragem de século, criando um mundo mais injusto, a nova ordem de domínio e hegemonia mundial do imperialismo dão nova importância à necessidade do reforço do movimento comunista e revolucionário, à solidariedade, cooperação

das forças anti-imperialistas, à luta dos trabalhadores e dos povos pela paz, o desenvolvimento e o progresso social. A Festa do Avante, pela presença das delegações de partidos comunistas e outras forças revolucionárias e de esquerda, por significativas iniciativas de solidariedade internacionalista, é mais um contributo nessa direcção.

“O êxito da Festa afirma o papel insubstituível do PCP ao serviço dos trabalhadores e do povo”

pólos de atracção para muitos milhares de portugueses.

Festa do Portugal de Abril, festa popular, incorpora o melhor que há do nosso património, ponto de encontro de culturas de todos os continentes, importante expressão de solidariedade internacional, espaço de convívio e liberdade, a Festa do Avante evidencia a criatividade, a ligação à vida, o humanismo, o estilo e os ideais do partido que a concebeu e desenvolve - o Partido Comunista Português.

A 24.ª edição da Festa do Avante ocorre numa situação internacional, num momento político nacional e no ano em que se realiza o 16.º Congresso do PCP, aspectos que se reflectem no seu conteúdo e lhe dão uma importância política particular.

Reforçar o PCP

Os trabalhadores, o povo português, Portugal sofrem o impacto da política de direita que o Governo PS prosseguiu e intensificou, cujas consequências económicas, sociais, políticas e nacionais hoje estão profundamente vincadas e colocam grandes ameaças ao futuro do País. Da fragilização do aparelho produtivo e das privatizações ao domínio da economia pelo grande capital; do agravamento da exploração e do ataque aos direitos dos trabalhadores ao aumento das injustiças e desigualdades sociais; das discriminações e silenciamentos da comunicação social aos projectos de alteração das leis eleitorais; da subserviência na política europeia ao domínio

da economia nacional pelo capital multinacional, estende-se um enorme rol de malfetorias. A política de direita e as suas nefastas consequências colocam a necessidade do desenvolvimento da luta dos trabalhadores e do povo português e exigem uma política e uma alternativa de esquerda só possível com o reforço do PCP. O programa político da Festa, em particular o comércio de domingo à tarde, são elementos destacados para a projecção das análises e propostas do Partido e o seu êxito global constitui uma afirmação do PCP, do seu papel insubstituível aos serviços dos trabalhadores e do povo.

Um estímulo à luta

No ano do 16.º Congresso, quando se intensificam mais uma vez as pressões e campanhas contra o Partido, o êxito da Festa do Avante representa uma demonstração da capacidade de resposta e de realização do colectivo partidário, um impulso à sua intervenção política e um enorme estímulo para prosseguir com determinação a preparação do 16.º Congresso, afirmando a identidade do Partido no caminho do aumento da sua influência.

O êxito da festa do Avante é o resultado da militância, da criatividade, da dedicação dos membros do Partido e da JCP, e de muitos simpatizantes que vêm na Festa do Partido a Festa dos que lutam por um mundo melhor, mais justo, mais fraterno, pela liberdade, pela democracia, pelo socialismo.

O êxito da Festa do Avante deste ano, construído ao longo dos meses, depende ainda do empenho final, do uso do suplemento de energia das organizações e militantes do Partido, de todos aqueles que os acompanham nesse objectivo, para uma nova e vibrante afirmação da Festa, das propostas ideais e projecto do PCP.

Avante, com a 24.ª Festa do Avante!

A Lei da droga, o PSD e o «caos»

• Carlos Gonçalves

Como é sabido, a lei que «define o regime jurídico aplicável ao consumo de estupefacientes e substâncias psicotrópicas, bem como a protecção sanitária e social das pessoas que consomem tais substâncias sem prescrição médica», aprovada na AR em 6 de Julho, na base de propostas legislativas do Governo e do PCP, não foi promulgada pelo PR e foi devolvida para reapreciação.

As razões invocadas pelo Presidente são relativas à respectiva aplicabilidade nas Regiões Autónomas. Primeiro, porque estando prevista a intervenção regulamentadora das Assembleias Legislativas Regionais para a sua implementação nos Açores e Madeira, «... parece indispensável que ... a Assembleia da República conheça formalmente a opinião dos órgãos de governo próprio das regiões ...». Segundo, porque exigindo a própria lei a publicação dos diplomas regulamentares para entrar integralmente em vigor, daí decorre, segundo o Presidente, «... que o não esclarecimento prévio de eventuais divergências poderia pôr em causa a exequibilidade nacional da lei ... e criar uma indesejável situação de bloqueio ...».

Ou seja, há uma questão de constitucionalidade formal, que se

formal, dado que a AR tem legitimidade total para decidir, mas também quanto ao respectivo conteúdo político.

Quem distraidamente oiça os responsáveis do PSD ou leia o seu perverso «out door» - «Droga? - exija o referendo» - é levado a pensar que as alterações legislativas aprovadas visam legalizar o consumo, ou até liberalizar a venda de droga e que, num hipotético referendo, estariam dum lado os que querem a «droga livre» e do outro os que não querem drogas. Sem tirar nem pôr a mesma cabala que montaram no referendo à despenalização da IVG. Mas o «caos» que as alevisias do Chão da Lagoa, e não só, previram vir a resultar das alterações à lei da droga nada tem a ver com a realidade, só que, como era previsível, do destempero resultou a balbúrdia e um quase-caos no próprio PSD, com novos confrontos, pedidos de expulsão e demissões, tal e qual visam PS e PP, também conluiados a esse respeito.

Duas notas da realidade

No DN do passado dia 15, Guilherme Silva (GS), deputado do PSD/Madeira na AR, procurou ingloriamente dar sustentabilidade às provocações de Jardim.

Sobre o seu texto justificam-se apenas duas notas.

Uma primeira para esclarecer que, diversamente do que sugere GS, verifica-se na União Europeia, conforme afirma o Observatório Europeu da Droga e da Toxicoddependência no Relatório de 1999, «... uma tendência para a descriminalização de determinados comportamentos associados ao consumo de drogas ...» o que deita por terra a falácia de que as alterações à lei atrairiam consumidores do exterior. Aliás, continuando a repressão do tráfico e a proibição do consumo e apostando em medidas de prevenção mais expeditas e eficazes, visa-se exactamente a contenção dos consumos.

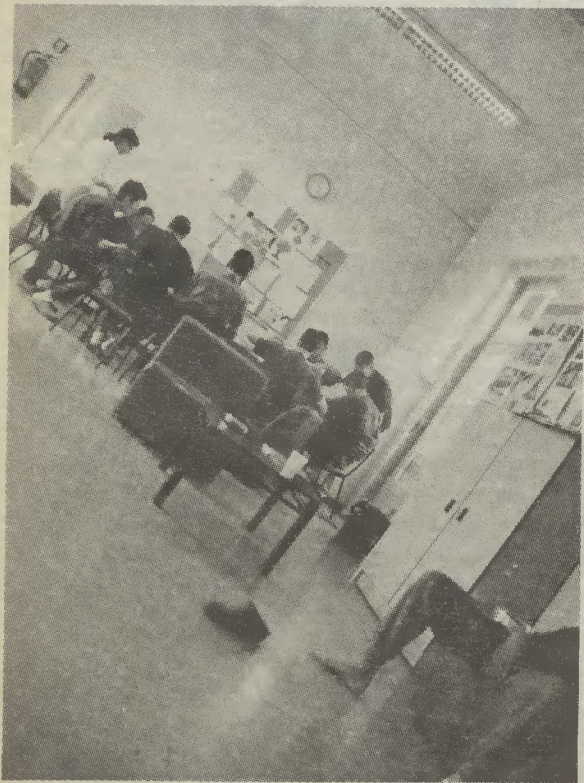
Uma segunda nota para clarificar que, ao contrário do que afirma GS, é muito provável que ainda hoje haja reclusos por simples consumo de drogas. Pelo menos, segundo as estatísticas do Instituto Português da Droga e da Toxicoddependência, em 31.12.97 havia ainda 42 reclusos condenados só por esse motivo (sem cúmulo jurídico), sendo apenas 4 em 31.12.98. Mas nesse ano - últimos dados disponíveis - foram condenados em tribunal 2524 indivíduos como consumidores, dos quais 176 com prisão efectiva. Isto é, a penalização do consumo de drogas não só continua a levar jovens à prisão, agravando aí todos os seus problemas, como estigmatiza inutilmente com tribunal, condenação e registo criminal muitos milhares de jovens que do que precisam é duma oportunidade célere e eficaz de tratamento e recuperação. Por isso, sem hesitações, urge terminar o processo legislativo e garantir a aplicação da lei em todo o território nacional.

impõe corrigir, e um bloqueio anunciado do PSD/Madeira que é indispensável resolver, e que não pode passar pela conciliação com a direita parlamentar de «divergências» inultrapassáveis, mas antes por alterações à lei que garantam a sua exequibilidade nacional.

A campanha do «caos»

Nesta matéria, como aliás em tudo o resto, a direcção do PSD, a braços com uma crise endémica de «morte lenta» e afogada pela onda de populismo e demagogia do PP, que a comunicação social mais próxima do Governo se encarrega de soprar, tem procurado desesperadamente fugir do naufrágio, num crescendo de falta de escrúpulos e algazarra reaccionária, em que cada um faz questão de estar mais à direita que o «irmão-inimigo».

Assim nasceu a campanha pelo referendo que cedo se revelou uma mistificação, não apenas no terreno



Palestina
não prescinde de Jerusalém

Arafat recolhe apoios na Ásia

O presidente palestino congratulou-se com o apoio recebido às reivindicações palestinas. Yasser Arafat falava em Gaza, onde regressou, no final da passada semana, depois de um período por oito países asiáticos.

«A ronda foi importante e ilustrou o apoio dos dirigentes asiáticos aos direitos palestinos legítimos», declarou Arafat aos jornalistas. O dirigente palestino visitou o Paquistão, a China, a Malásia, Indonésia, Vietname, o Japão, Bangladesh e Índia. Em Tóquio, o presidente da Autoridade Palestina confirmou que a OLP reexaminará a decisão de proclamar um Estado palestino a 13 de Setembro, mesmo sem o acordo de Israel.

A direcção palestina reiterou, entretanto, no pas-

sado domingo, que a questão de Jerusalém deverá ser resolvida antes de se passar a um acordo de paz definitivo com Israel, rejeitando simultaneamente qualquer possibilidade de soberania israelita naquela cidade.

Para os palestinos não é possível obter uma paz verdadeira sem o regresso de Jerusalém à sua soberania

«Uma paz verdadeira é impossível sem o regresso de Al Qods (Jerusalém) à soberania palestina», refere em comunicado a direcção palestina, após reunião em Ramallah, na Cisjordânia, sob a presidência do chefe da Autoridade Palestina, Yasser Arafat.

O comunicado, distribuído pela agência noticiosa palestina Wafa, reafirma ainda a rejeição de «todo e qualquer projecto de imposição da soberania israelita sobre Al-Qods e os restantes lugares santos cristãos e muçulmanos».

Anunciado foi já, por outro lado, que Arafat dirigirá a delegação palestina à reunião do Comité Al-Qods, promovida pela Organização da Conferência Islâmica (OCI), previsto para o próximo dia 28 em Marrocos.

A questão do estatuto final de Jerusalém - ocupada e anexada por Israel em Junho de 1967, mas reivindicada pelos palestinos como capital do seu futuro Estado -, recorde-se, foi a principal divergência da cimeira israelo-palestina realizada em Julho em Camp David, Estados Unidos.

Milhões de refugiados no mundo

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) presta assistência em todo o mundo a mais de 22 milhões e pessoas, segundo dados divulgados no final da passada semana pela organização humanitária da ONU.

No final de 1999, o total de pessoas protegidas pelo ACNUR fixava-se nos 22,2 milhões, face a 21,4 milhões no ano anterior. Durante o ano passado, a população refugiada no mundo subiu 1,6 por cento, como consequência, em parte, do conflito na província jugoslava do Kosovo.

Além dos refugiados, o ACNUR presta assistência a 4 milhões de deslocados internos, a 1,2 milhões de asilados, a 3,9 milhões de refugiados e deslocados que regressaram às suas casas e a 1,5 milhões que recebem outro tipo de ajuda.

Por continentes, o total de refugiados subiu em 1 milhão na Europa, atingindo os 7,2 milhões de pessoas, apesar de ter descido no resto do mundo.

Na Ásia, até final de 1999, havia 7,3 milhões de pessoas assistidas pelo ACNUR, enquanto em África o número de refugiados

nessas condições ascendia aos 6,2 milhões. Nos Estados Unidos foram 1,2 milhões, sendo de 90.170 na América Latina e Caraíbas e de 80.040 na Oceânia.

A última década foi «particularmente agitada» para o ACNUR em todo o mundo e, apesar de 1990 registar 15 milhões de refugiados, 1995 foi o pior ano, com o seu número a atingir 27,4 milhões, para descer para 21,4, em 1998. O motivo do aumento foram as crises no norte do Iraque, na antiga Jugoslávia e na região dos Grandes Lagos.

Kinshasa expulsa americanos

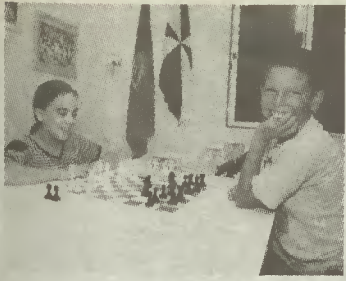
As autoridades de Kinshasa decidiram expulsar dois diplomatas norte-americanos da República Democrática do Congo (RDC), segundo fonte do ministério dos Negócios Estrangeiros congolês. O governo congolês considerou que os norte-americanos tinham «um comportamento incompatível com o seu estatuto de diplomatas», de acordo com a rádio oficial.

Os dois diplomatas, a conselheira cultural Denis N. Burgess e o conselheiro político Roger James Moran, foram declarados «personae non gratae». Esta medida foi comunicada ao embaixador dos Estados Unidos na RDC, William Swing, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Yérodiya Abdoulaye Ndombasi.

Dois outros diplomatas

norte-americanos, ainda segundo a rádio oficial, são objecto de uma investigação sobre a sua actuação antes de o governo tomar uma decisão num ou noutro sentido».

O jornal pró-governamental «L'Avenir», na sua edição do passado dia 18, afirmava que aqueles diplomatas participaram numa conspiração com vista a derrubar o presidente Laurent-Désiré Kabila.



Pequenos mestres

Dois campeões de Xadrez, com dez anos, vão estar na Festa para uma simultânea

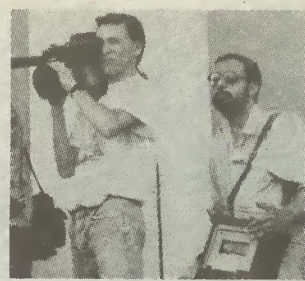
Págs. 12-13



Mil na Corrida

As inscrições aumentam, enquanto personalidades manifestam apoio à Corrida

Págs. 20-21



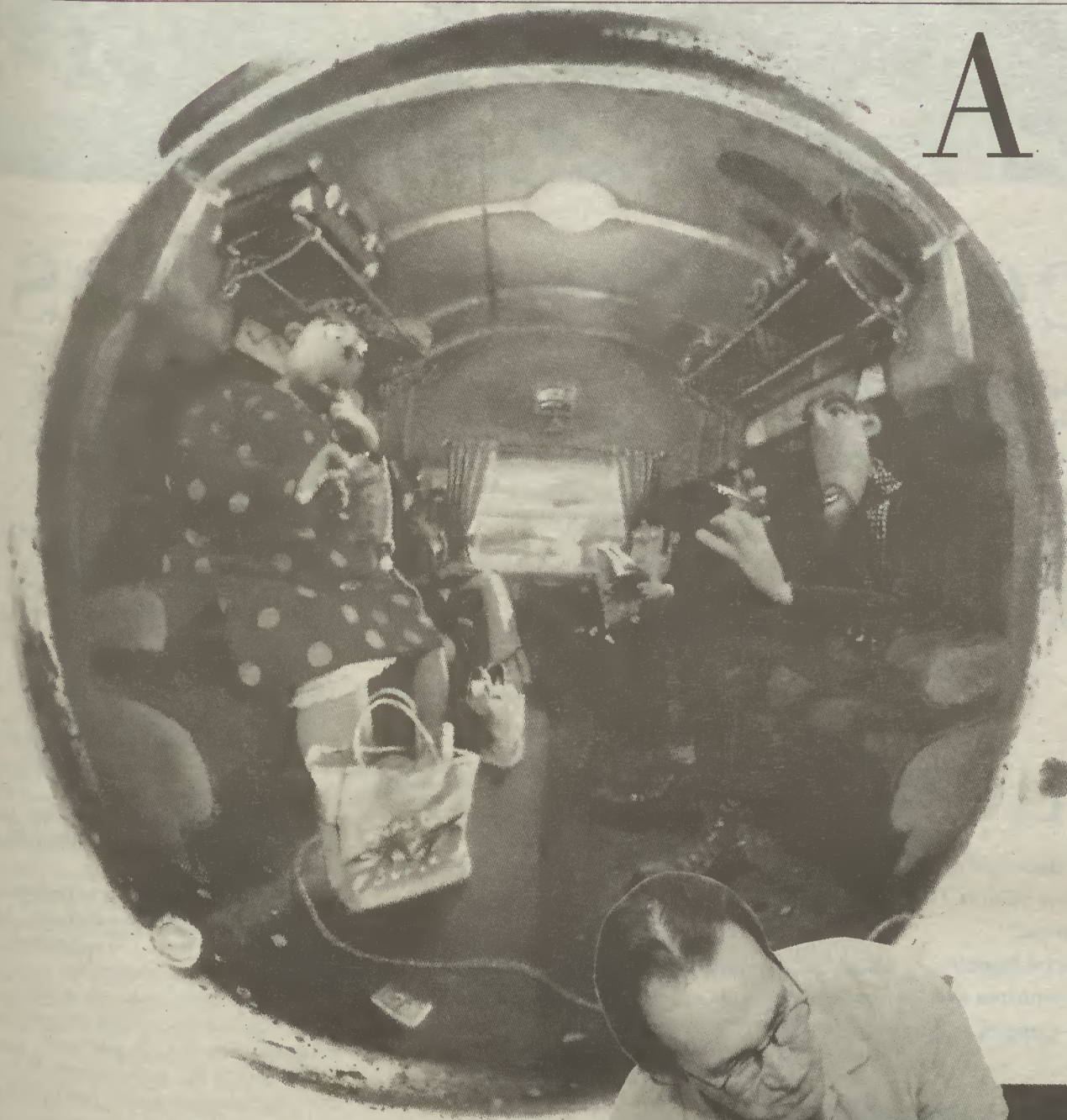
Mostra de Vídeo

Uma selecção de vídeos vai poder ser visionada no espaço de artes audiovisuais

Pág. 22

Avante! festa!

FESTADO Avante! 2000 1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL



A fantasia da animação

Do papel para o ecrã, o cinema agrada a todas as idades e a todos os gostos. A JCP apresenta na Festa a II Mostra de Curtas Metragens, com filmes animados dirigidos a adultos, numa colaboração com o Festival Cinanima, de Espinho. Mas os mais novos também são bem-vindos. A satisfação é garantida.

Centrais



• Carlos Nabais (texto)

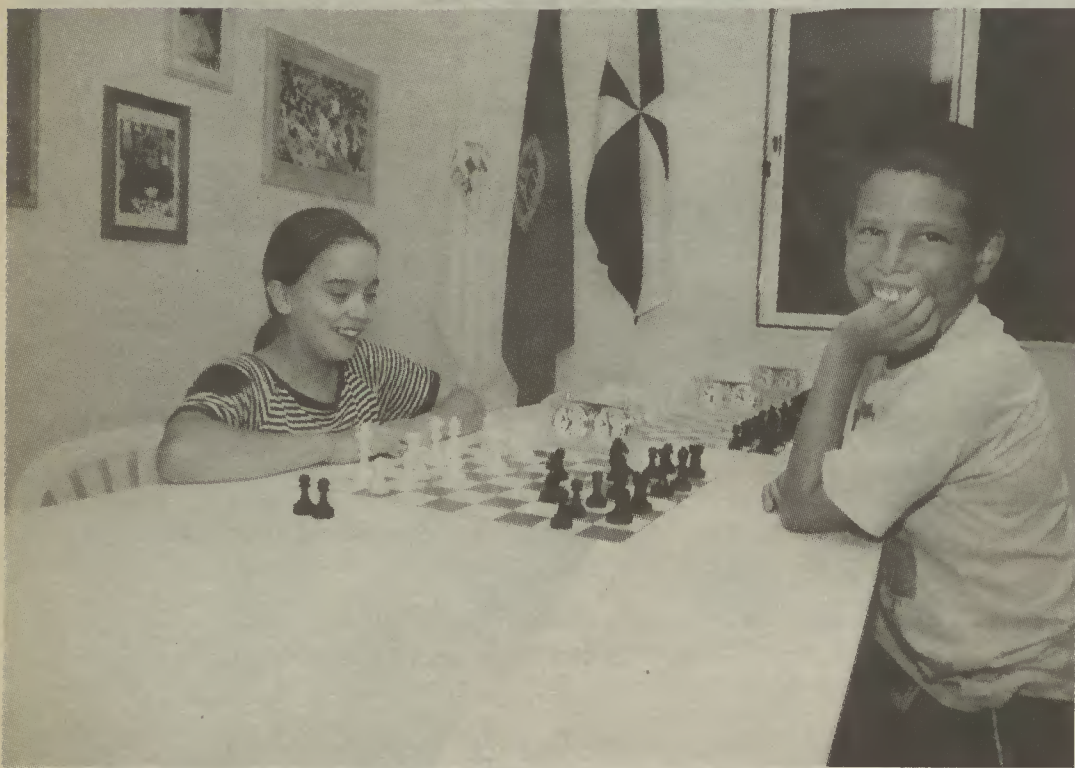


Escola de campeões

A associação «Mestres de S. João» é uma das muitas colectividades de Lisboa que só existe graças a uma elevada dose de caridade dos seus membros. Criado por um jovem apaixonado pelo Xadrez, que soube congregar vontades e angariar os apoios mínimos da Câmara e da Junta de Freguesia, o clube pode hoje orgulhar-se do lugar destacado que ocupa no panorama nacional da modalidade.

Pequenos mestres

Ana Baptista e Rafael Teixeira são dois pequenos «craques» do Xadrez. Com apenas 10 e 9 anos, respectivamente, revelam um conhecimento profundo e um especial talento para este jogo, sendo os actuais detentores dos títulos de campeão absoluto e vice-campeão nacionais.



Ana Baptista e Rafael Teixeira, actuais campeã e vice-campeão nacionais de Xadrez em sub-10, vão disputar uma simultânea na Festa

Quem os quiser ver em plena acção ou arriscar uma partida com estas duas crianças pode fazê-lo na Festa do «Avante!», onde vão estar numa simultânea com 15 tabuleiros, que terá lugar no sábado, dia 2, às 19 horas, no espaço do Xadrez. Entretanto, até lá treinem-se já que nesta modalidade os campeões não se medem aos palmos e quer a Ana, quer o Rafael, apesar da tenra idade, estão habituados a

defrontar parceiros muito mais velhos e não se saem nada mal.

A reportagem do «Avante!» foi encontrá-los na colectividade «Mestres de S. João», onde recebem formação e treinamento avançado.

Ana Baptista começou a jogar xadrez na escola, já lá vão três anos. Hoje treina praticamente todos os dias, participando regularmente em torneios nacionais e internacionais. Quanto ao futuro, disse-nos que quer ser professora de matemática, não se mostrando intimidada por ir disputar uma simultânea na Festa. Aceita as derrotas com desportivismo mas também com responsabilidade: «Claro que gosto mais de ganhar, mas não fico chateada quando perco. Tenho é de continuar a treinar e a aprender para depois ganhar.»

Rafael é ligeiramente mais novo tendo começado a jogar com o pai aos três anos de idade: «Naquela altura eu já comia as peças todas, mas não sabia dar o mate.» Entretanto, foi para os Mestres de S. João, onde com a ajuda de monitores qualificados aprendeu muitos dos segredos do Xadrez: «Ela joga um bocadinho melhor do que eu», reconhece o Rafael referindo-se à Ana com quem jogou a final nacional de sub-10.

Ali ao lado, estava outra jovem campeã - Diana Soares, campeã nacional em femininos sub-14 e uma das esperanças do Xadrez nacional que conta já com uma participação no mundial do ano passado, onde arrebatou metade dos pontos possíveis.

Pouco depois estavam todos sentados numa mesa com uma dezena de xadrezistas de diferentes idades. Mas isso que importa, ali o que conta é o jogo.

As duas salas de que dispõem num pavilhão pré-fabricado, situado perto da Casa Pia de Lisboa, são exíguas para os cerca de 60 praticantes que frequentam regularmente a colectividade, mas a sua cedência representou um passo em frente na concretização do sonho que António Laranjeira acalenta desde muito novo. Tudo começou há sete anos, tinha António apenas 17 anos, quando, como monitor da CML, realizou um curso de iniciação na escola primária da freguesia de S. João: «O curso era de

15 dias, mas como eu morava ali ao lado, acabámos por formar na escola um clube informal de Xadrez que durou cerca de dois anos.»

Em 1995 ficaram sem instalações na escola, mas não desistiram recorrendo à sede Junta de Freguesia. «Esta foi uma fase de grandes dificuldades devido à falta de espaço disponível para jogar.»

Nos últimos dois anos, a situação melhorou e, com um mínimo de condições, foi possível desenvolver um trabalho mais regular. Os resultados não tardaram a surgir: «Nesta temporada vencemos um terço dos campeonatos distritais de jovens sub-20 e passámos a ser o segundo clube em termos de títulos alcançados. Temos dois campeões nacionais e dois vice-campeões», diz António Laranjeira, não escondendo uma ponta de justificado orgulho.

A comprovar a notoriedade alcançada por esta verdadeira escola de campeões, as paredes da sede exibem artigos saídos na imprensa nacional, fotos de praticantes do clube a jogar com figuras de topo do Xadrez mundial, caso de Karpov ou de David Bronstein, e, numa vitrina, alinham-se os troféus e taças conquistados, a mais antiga com data de 1993, num torneio de sub-10.

Por amor ao Xadrez

Mas se os resultados competitivos são por certo o lado mais visível da actividade dos Mestres de S. João, o trabalho de iniciação e formação que realizam nas escolas não é menos importante. «Temos actividade em três escolas primárias, numa preparatória e noutra secundária e no Centro Infantil de Santos-o-Novo», revela o presidente, notando que parte das crianças que aderem aos cursos vêm de famílias carenciadas de bairros pobres da freguesia. «Muitos descobrem no Xadrez uma ocupação para os tempos livres e ficam comosco.»

Mas o mais surpreendente é que tudo isto se realiza com um orçamento limitado que no ano passado ultrapassou à justa os 700 contos, abalçando-se este ano para os 1170 contos. Segundo explica António Laranjeira, o clube não cobra quotas nem mensalidades aos praticantes: «Por uma questão de princípio queremos

A Festa comunista

Aos tantos de tal do mês de Agosto,
Ano quinto da Revolução o de Abril,
No Alto da Ajuda, bairro popular
De Lisboa-cidade,
Eu tabelião-poeta vim certificar
Que aqui,
Há cerca de um mês e picos,
Eram vinte hectares de restolho,
De mato e silvas,
De cacós e cobras

(que eu bem vi).

Aqui
Estão a chegar, agora,
Milhares de companheiros.
Vêm aos grupos ou sozinhos,
Chegam a pé, de camioneta,
De autocarro, de tractor,

ou mesmo motoreta.

São mais de mil e mil
(Talvez nem tanto...)
No Alto de Abril,
Ajuda de Monsanto,
Em Lisboa-cidade,
Em Lisboa, a deslado.
Há velhos que trazem nuvens de Tarrafal,
Ou marcas de Caxias
E terrores de Peniche
Colados na pele.
Aquele

E a companheira
Eram ratos clandestinos
Durante a longa noite.
Outros só acordaram
Com o açoite

De uma canção cantada
Alta madrugada,
Numa cadência militar.

E há, também, os jovens
E as crianças que vêm trazidas pelos avós,
Pelos amigos, ou pelos próprios pais.
São os pioneiros do Futuro.
Não saberão, ainda, muito bem, o que querem
Mas Fascismo nunca mais!
Chegam do Norte, do Centro, das Ilhas e do Sul,
Vêm do Alentejo, das Beiras, dos bairros
periféricos.
São Portugal inteiro.
Trazem nas mãos o coração
E a determinação
De vencer o Passado.
Chegam e dizem simplesmente:

Bom dia, camarada!

Como se dissessem:

O dia está a amanhecer!
Depois juntam-se,
Logo a seguir se espalham,
Cada um para seu lado.
Trazem consigo o jeito do seu dia a dia.
Uma arranca mato, como quem puxa a malha,
Outro alisa o chão como quem estende a massa.
E há quem retire pedras,
Como quem limpa a escrita,
De uma importuna gralha.

E quem passa

E repassa

É contaminado
E, passado um bocado,
Já ali está ao lado
De picareta em punho
P'ró que der e vier!

Gente do Campos da Reforma Agrária,
À compita com os dos escritórios;
Os da «ferrugem» misturam a ganga
Com paletó dos intelectuais...

E há mais e há mais,
Muito mais...

Ruas que se rasgam,
Largos que se abrem,
Caminhos que se cruzam,
Construções que se erguem.

O entusiasmo galvaniza toda a gente
E, por mais que vos espante,
Eu vi e juro e por isso certifico,
À palavra de ordem:

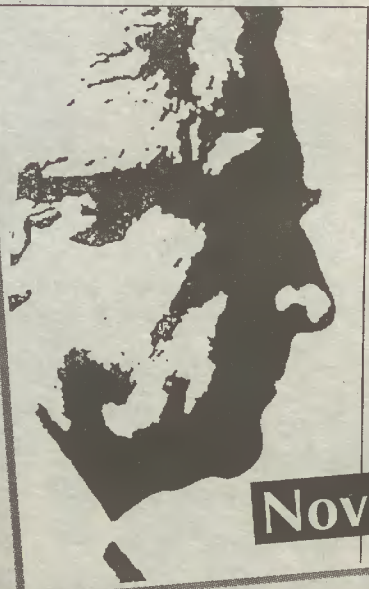
«P'rá frente, camarada!»



O Cristo de Almada
Despiu o manto faraónico de pedra
Que o amarra e prende,
E, num gesto simples de quem compreende,
Vestiu seu fato de macaco
De velho carpinteiro;
Depois, deu o braço ao companheiro
Mais vizinho
E meteu-se a caminho.
Ei-lo que vem já sobre a Ponte.
Traz o martelo.
Não há ninguém que lhe resista!
Também ele vem para a Ajuda
Ajudar a construir
Esta festa comunista!

Festa do Livro Novidades a lançar na Festa

Outras obras
de Manuel
Tiago

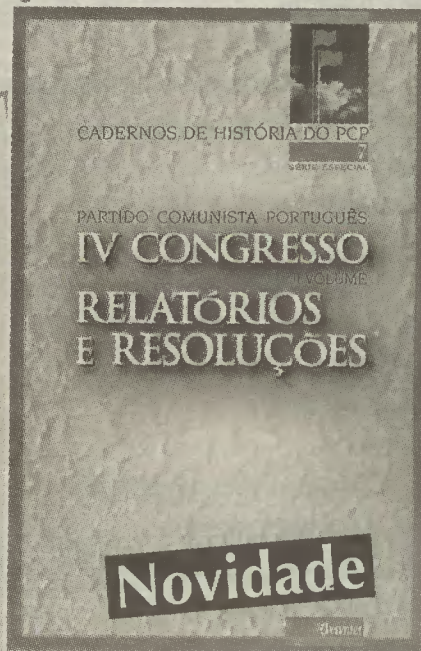
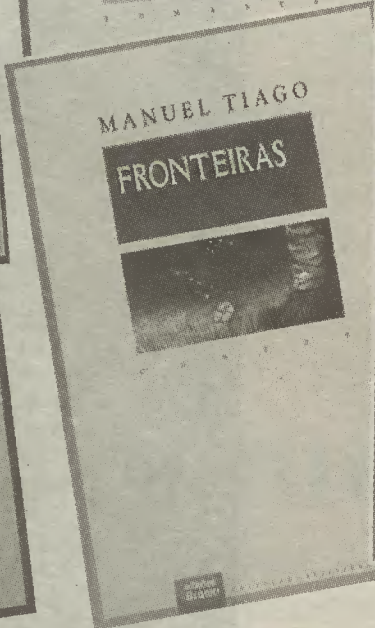
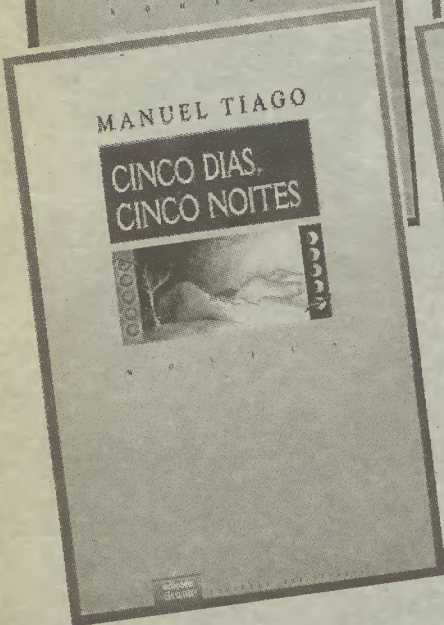
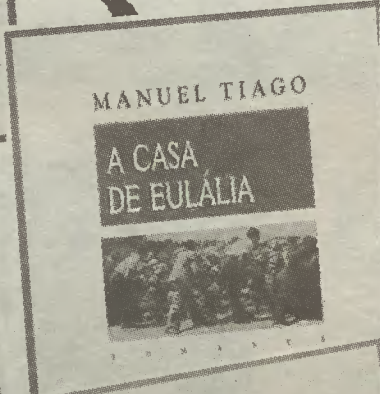
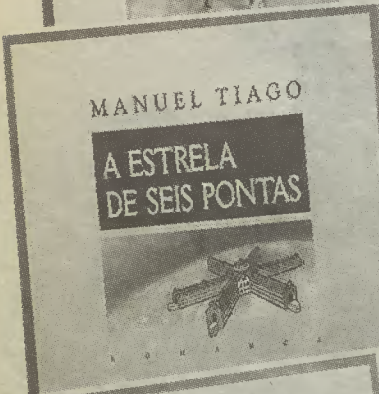
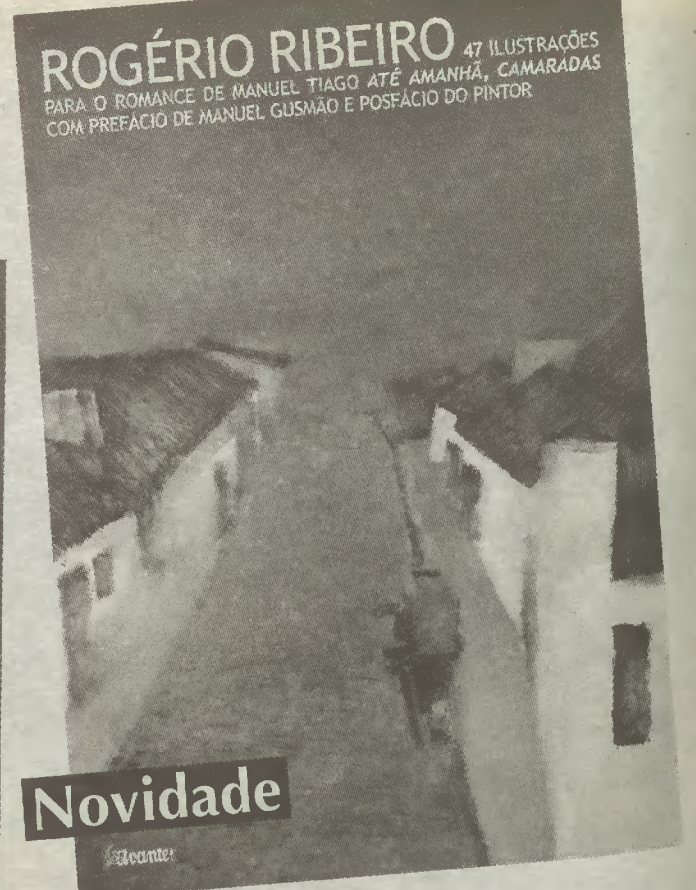


Novidade

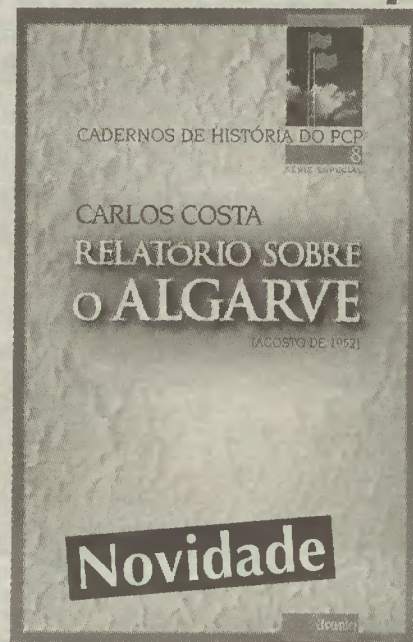


Novidade

Sessões
de
autógrafos



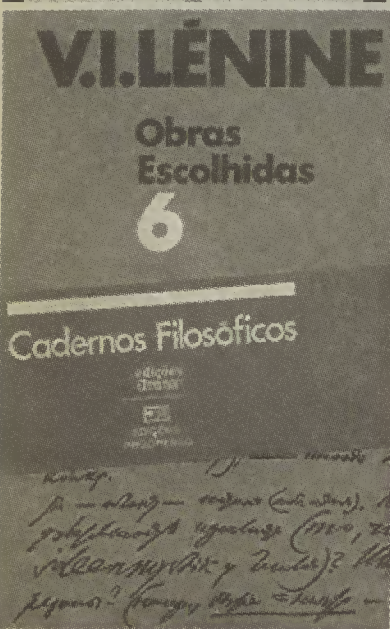
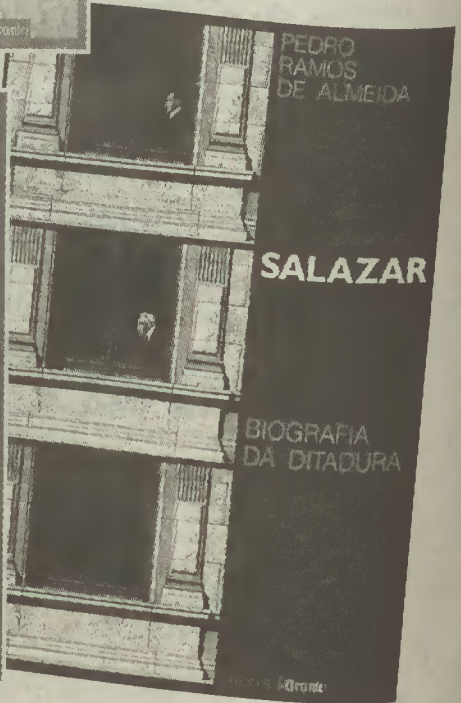
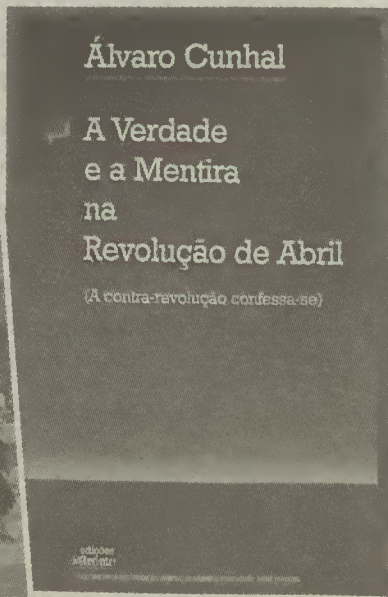
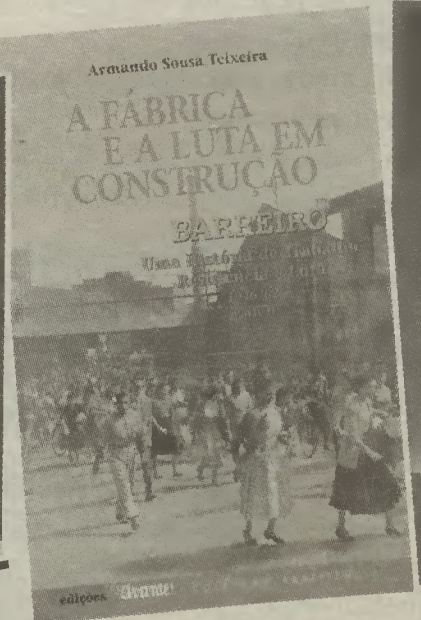
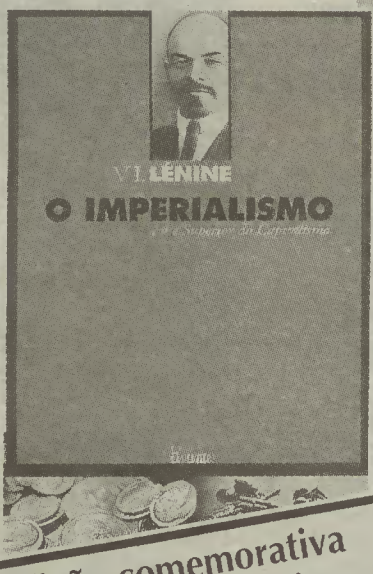
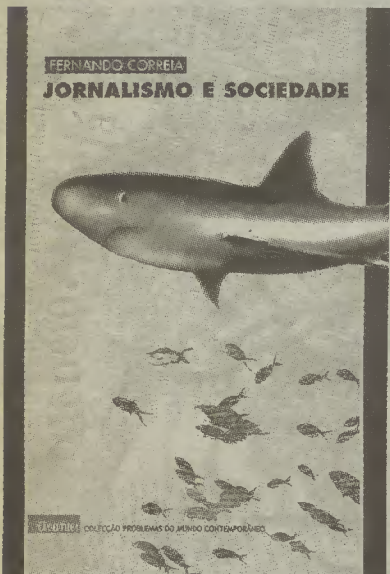
Novidade



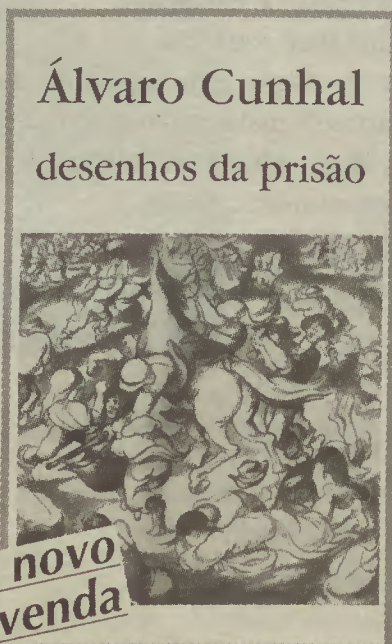
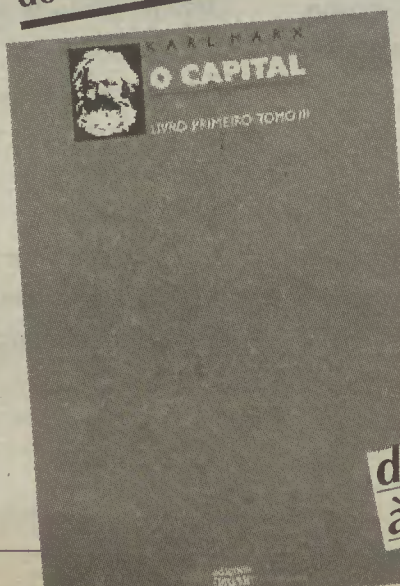
Novidade



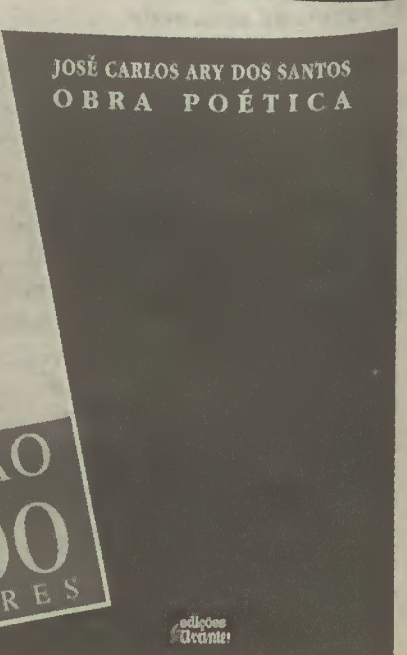
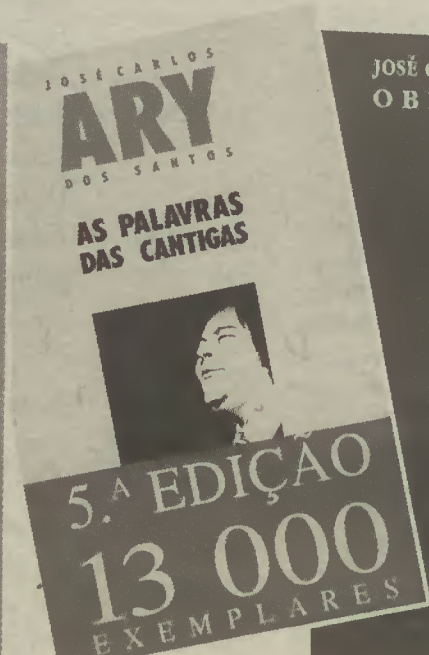
Novidade



Edição comemorativa do 130.º aniversário do nascimento do autor



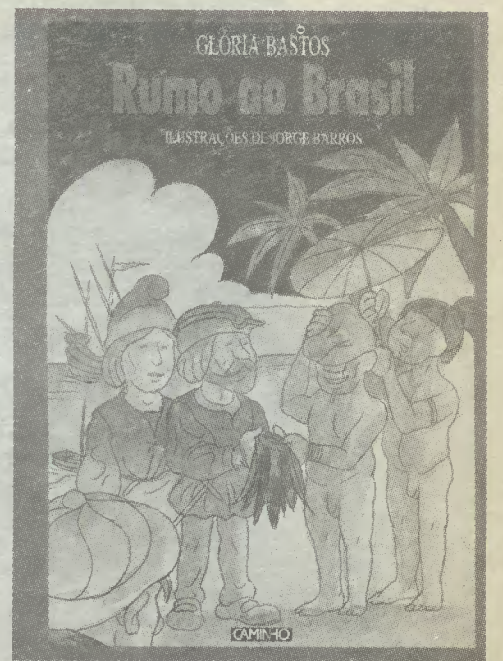
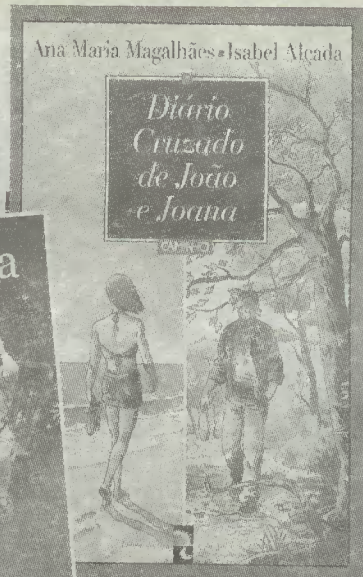
de novo à venda



Festa do Livro

para os mais novos os mais belos livros

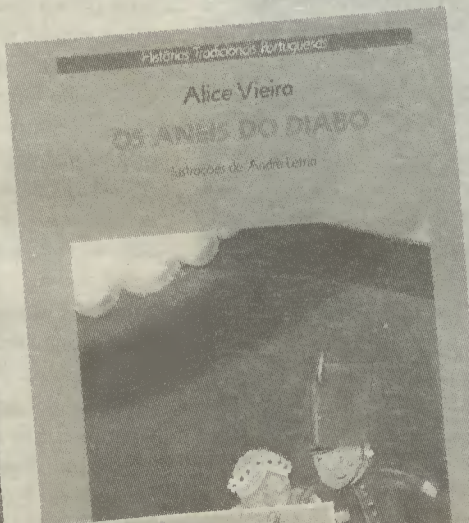
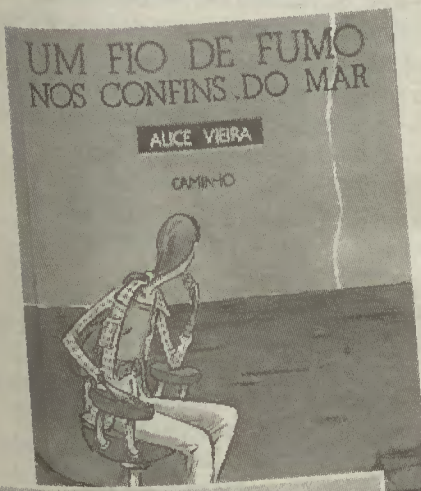
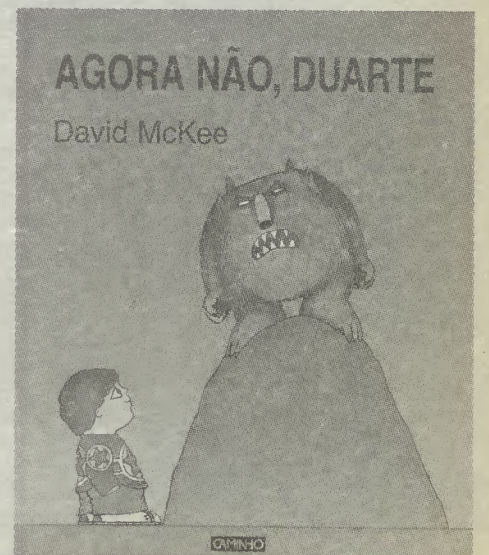
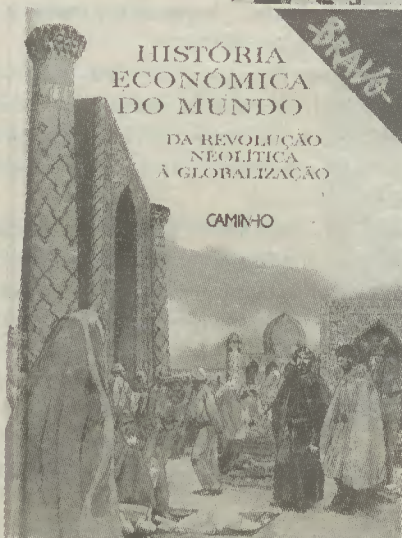
Colecção
«Uma Aventura»
Uma geração
de leitores



Novidades

Livros do Arco Íris

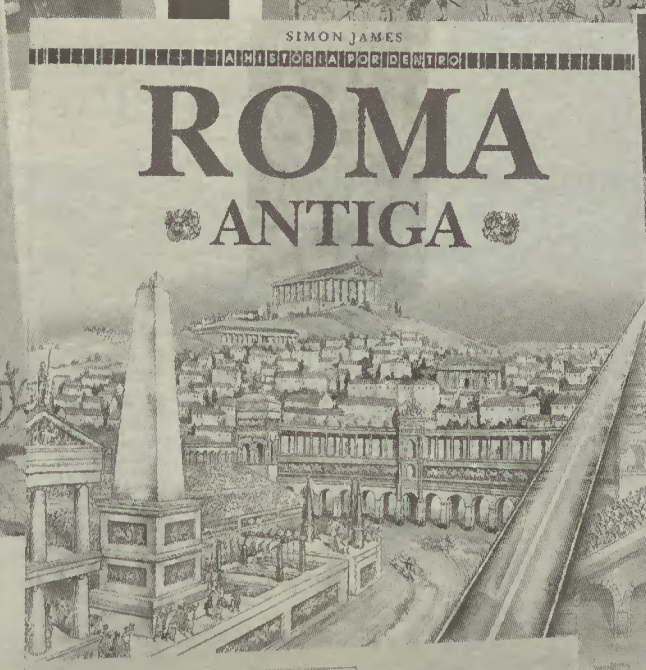
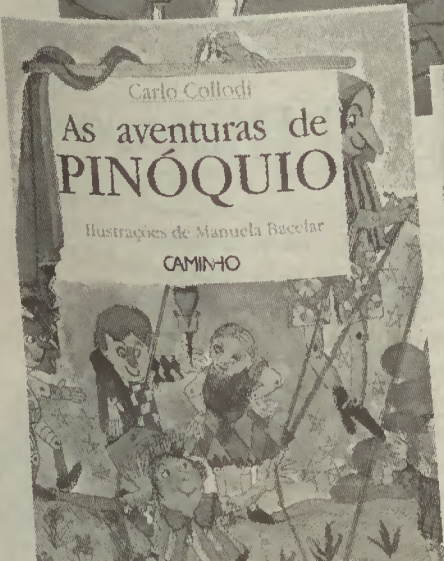
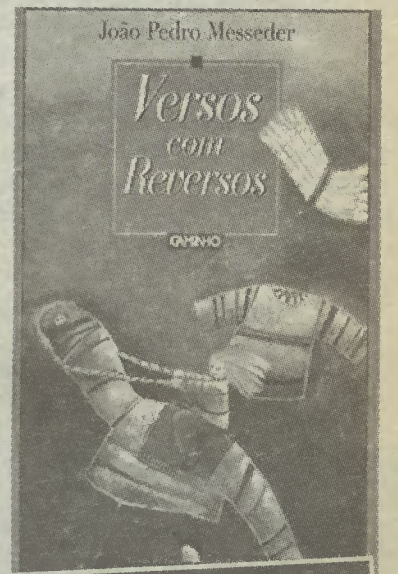
Colecção Bravo

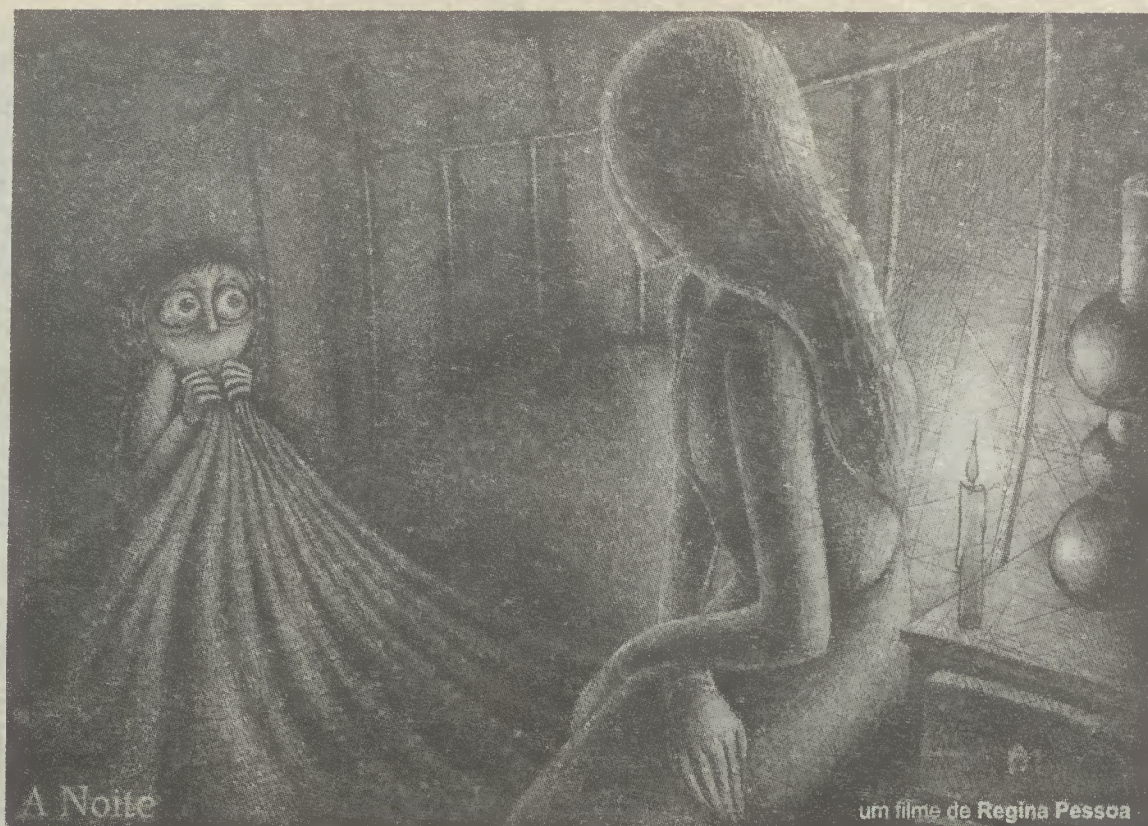


Destques



Sessões de autógrafos





A Noite

um filme de Regina Pessoa

«A Noite», de Regina Pessoa

«A Noite», de Regina Pessoa, mostra a angústia de uma menina face ao desconhecido da noite, tendo como base os medos da infância da autora. Regina procurou um tema forte, que lhe dissesse muito, porque «a animação às vezes é um longo percurso e é um trabalho que nem sempre é agradável. Os desenhos são quase iguais, demoram muito tempo. É um trabalho que implica um grande isolamento.»

Usando lápis cor de camim queimado e gravura em placas de gesso, os desenhos eram destruídos sucessivamente para dar lugar ao seguinte. «Foi um trabalho muito difícil e pesado, porque, se a história já era sombria, eu também estava sozinha a trabalhar num quarto escuro», afirmou Regina ao *Avante!*.

O filme estreou no Cinanima, onde recebeu três prémios, incluindo o de Jovem Cineasta e a Menção Honrosa para Melhor Filme Português, tendo percorrido vários festivais, nomeadamente o de Annecy.

Regina Pessoa licenciou-se na Faculdade de Belas Artes do Porto e, em 1992, começou a trabalhar no «Filmógrafo», onde participou em vários filmes de animação.



Na noite de sexta-feira, é exibida «A Caixa Negra», de Nuno Amorim, e «Cof Cof», de José Pedro Cavalheiro e Zepe. No sábado, são apresentados «De Cabeça Perdida», de Isabel Aboim, «Fragmentos de Sal», de Cristina Teixeira, e «A Suspeita», de José Miguel Ribeiro. No domingo, é a vez de «Fado Lusitano», de Abi Feijó, «Evasão-Invasão», de Paulo Simões, Fernando Galrito e Joana Rebelo, e «A Noite», de Regina Pessoa. Sempre no espaço da JCP.

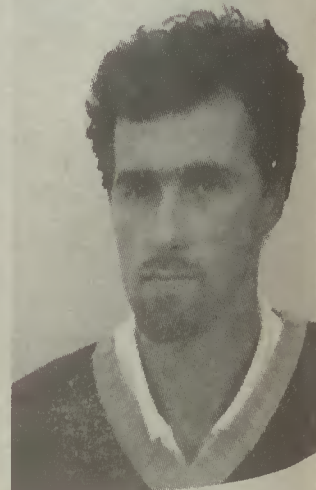
«A Suspeita», de José Miguel Ribeiro



«Um compartimento de comboio, quatro pessoas, um revisor, um canivete de Barcelos e um potencial assassino. Chegaram todos ao fim da viagem?» É assim que a Zepelin Films resume o argumento de «A Suspeita», filme realizado por José Miguel Ribeiro e produzido por Luís da Matta Almeida.

Apesar da falta de apoios e das poucas condições em que foi produzido, o filme foi apresentado em dezenas de festivais, nacionais e internacionais, e galardoado com importantes prémios, nomeadamente no Cinanima, no Fantasporto e em Stuttgart. A coroa de glória é a nomeação para o «Cartoon D'Or 2000», o mais importante prémio para animação, e a candidatura à nomeação para os Oscars da Academia de Hollywood na categoria de curta metragem de animação.

José Miguel Ribeiro, licenciou-se em Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e estudou animação de desenho e volumes na Lazzeroni-Bretagne (França) e no Filmógrafo. Realizou e animou vários filmes, recebendo vários prémios. Actualmente dá aulas de animação de volumes na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.



II Mostra de Curtas Metragens Cinema de animação em crescimento

Com a colaboração do Festival «Cinanima» de Espinho, a JCP apresenta na Festa do *Avante!* a II Mostra de Curtas Metragens, com a projecção de oito filmes de animação, quatro dos quais são comentados pelos autores nestas páginas. Abi Feijó e Regina Pessoa, dois realizadores de animação, falam ao nosso jornal sobre a situação deste tipo de cinema.

Avante!- As curtas metragens são vistas erradamente por muita gente como um cinema de segunda classe, feito por estudantes. A questão é vista de forma diferente na animação?

Regina Pessoa- Essa ideia existe em relação à curta metragem de imagem real, porque para a animação este formato é assumido. Poucas são as pessoas que procuram servir-se da curta metragem como uma passagem para a longa. Para nós, este é o formato ideal.

Abi Feijó- A animação tem uma carga simbólica tão grande que acaba por concentrar a sua mensagem. Na história do cinema, há muitas curtas metragens de animação que são obras-primas e poucas longas que o são. Na imagem real, passa-se o contrário. Se há muita gente que vê as curtas como uma forma de aprendizagem para chegar às longas, essa ideia praticamente não existe na animação.

- Que apoios é que o cinema de animação tem em Portugal?

AF- Vivemos hoje um momento único. Nunca houve tantos apoios para a animação. No entanto, não existem escolas, ou melhor, não há nenhum curso profissional. A nível de apoios, há o ICAM e um acordo entre o Ministério da Cultura e a RTP. O ano passado foram apoiadas sete curtas metragens de animação, das quais quatro eram primeiras obras. Isto quer dizer que os jovens têm grandes possibilidades de entrar no meio.

RP- Muitas dessas primeiras obras são da autoria de pessoas que nunca fizeram animação, que têm projectos e que, se andassem numa escola, poderiam concretizá-los af.

- Qual é a situação das produtoras?

AF- As produtoras funcionam quando há hipóteses de trabalho. Neste momento há essa possibilidade. Mas há sempre falta de formação. Não havia escolas, não havia indústria, começou-se a apoiar as curtas metragens e estas vão formando na prática pessoas que depois saem para outros projectos. Este tipo de formação vai fazendo com que as produtoras se vão multiplicando.

- Até à pouco tempo, a animação portuguesa estava virada mais para a publicidade. Isso acontecia por falta de mercado?

AF- O mercado não é local, é mundial. Hoje, quando se produz um filme não se pode pensar que só se vai vender em Portugal. Deve-se trabalhar para o mercado global. A publicidade já tem características mais locais, embora haja publicidade que passa além fronteiras, como os produtos passam.

A animação na publicidade acontecia quando não havia apoios. Houve uma geração que sobreviveu a fazer publicidade, enquanto a nova geração que surgiu após os apoios foi muito influenciada pelo Cinanima. Agora começa a aparecer uma nova vaga com interesses mais comerciais.

- A animação é encarada por muita gente como um entretenimento para crianças. Mas, faz-se muita animação para adultos. Esta ideia começa a mudar?

AF- A grande estrutura de animação, implantada no mercado mundial, é dirigida às crianças. Há um mercado em crescimento, onde há falta de quadros. Nos festivais, vêm-se os grandes estúdios a contratar animadores, enquanto há uns anos acontecia o contrário. Normalmente, as pessoas têm acesso apenas à animação para crianças. É isso que as televisões passam. A animação para adultos não tem mercado, porque as pessoas não têm acesso a ela. Praticamente o único mercado que existe são os festivais e algumas televisões que têm uns programas mais ou menos escondidos dedicados às curtas.

- Os adultos não descobrem a animação porque pensam à partida que não é para eles?

AF- Mas isso começa a mudar. A presença do público dos festivais está a crescer. Existe um interesse crescente.

RP- Se lhes mostrarem, as pessoas vão ver. **AF**- E, como os produtos nacionais têm melhorado em termos qualitativos, as pessoas não sentem as suas expectativas defraudadas, voltam aos festivais e passam palavra. É assim que há um mercado crescente de curtas metragens de autor e, em alguns países, começa-se a fazer pacotes de curtas metragens.

- A divulgação é fundamental?

AF- A divulgação e a imaginação para arranjar formas de rentabilizar os filmes.

- A televisão pode desempenhar um papel fundamental?

RP- A televisão vai começar a passar animação ao abrigo de um acordo do Ministério da Cultura com a RTP, em que, sendo co-produtores, têm direitos de exibição. Os nossos filmes passaram numa série de canais estrangeiros e nunca passaram numa televisão portuguesa, o que é um absurdo.

- Qual é a importância destes filmes serem exibidos na Festa, um local com um público tão variado?

RP- Parece-me interessante, porque se trata de um público mais aberto. **AF**- Espero que o público reaja bem, até porque o «Fado Lusitano» tem alguma crítica social e política, a que os visitantes da Festa serão com certeza sensíveis.

● Isabel Araújo Branco (texto)
● Sérgio Morais (fotos)

«Há muitas curtas metragens de animação que são obras-primas e poucas longas que o são»



«O Fado Lusitano», de Abi Feijó

«Portugal sente-se um pequeno país na cauda da Europa, tem um coração errante, um espírito aventureiro, uma alma amargurada e corpo obediente.» É assim que se pode resumir o episódio português da série de John Halas «Conheça os Europeus», denominado «Fado Lusitano».

«Procurei descobrir o humor português, como é que nos vimos a nós próprios», conta o realizador, Abi Feijó, que explica que optou pela técnica dos recortes para «respeitar as obras de arte relevantes que ilustram o filme». A narração foi feita por Mário Viegas e a música é da responsabilidade de Tentúgal. Tendo passado por vários festivais, o filme recebeu quatro

prémios nomeadamente no Cinanima e no Animateruel. «O filme funcionou muito bem com o público português, mas, talvez por ser «demasiado» auto-retrato, lá fora é um pouco difícil de ser compreendido. Tem referências que os estrangeiros não conhecem e, portanto, não percebem a piada», diz o realizador. Licenciado em Artes Gráficas e Design pela Escola de Belas Artes do Porto, Abi Feijó orientou vários workshops de animação e em 1987 fundou o estúdio de animação «Filmógrafo». Recebeu mais de 20 prémios em festivais portugueses e estrangeiros, destacando-se o Cinanima, Annecy e Golden Cartoon.

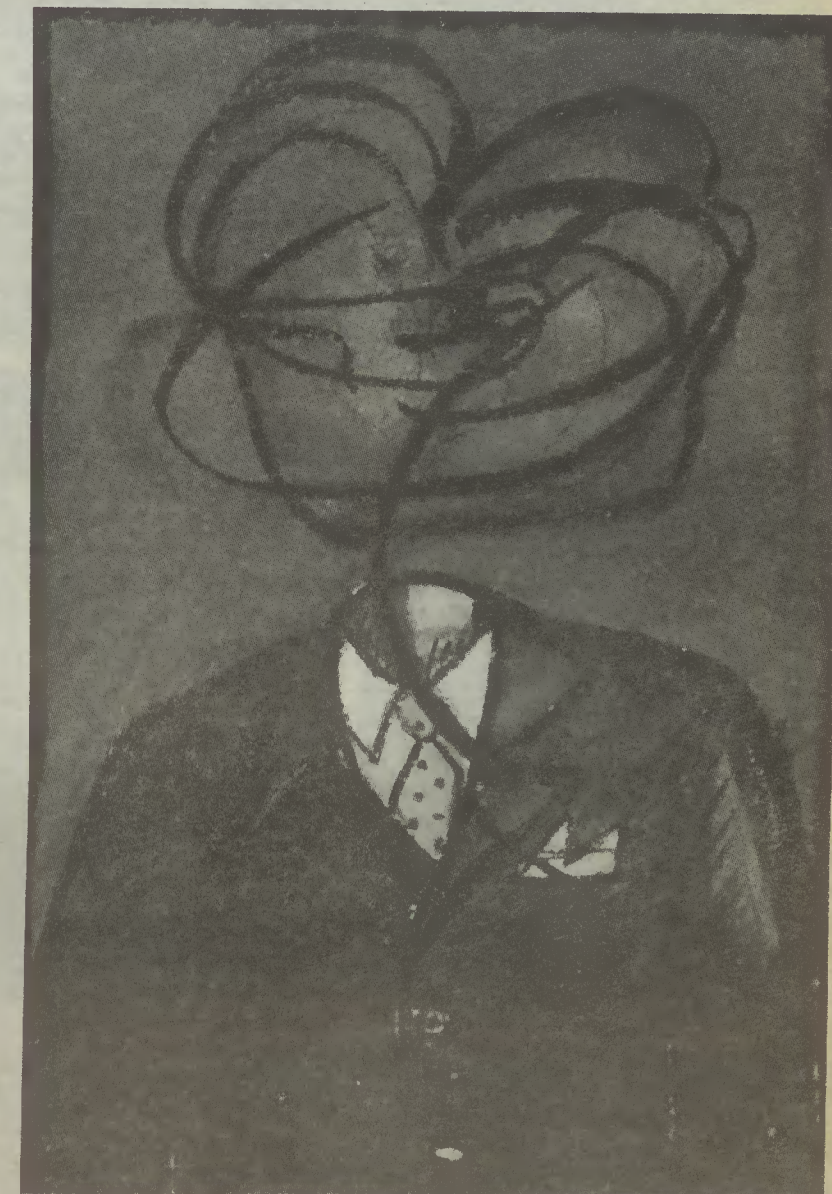
«De Cabeça Perdida», de Isabel Aboim

Um dia Horácio acorda e descobre que não tem a cabeça em cima dos ombros e parte à procura de outra. Este é o início de um filme com uma história de busca e descoberta, escrito e realizado por Isabel Aboim. O título não poderia ser outro: «De Cabeça Perdida». No total, são usadas cinco técnicas de animação diferentes.

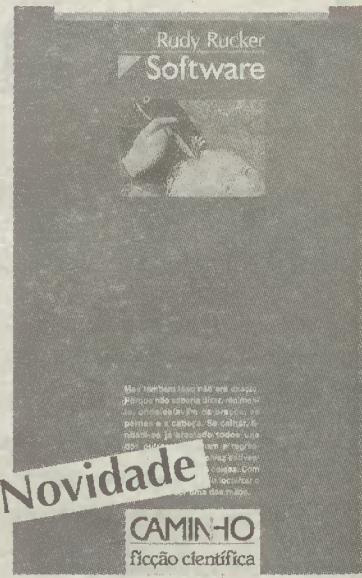
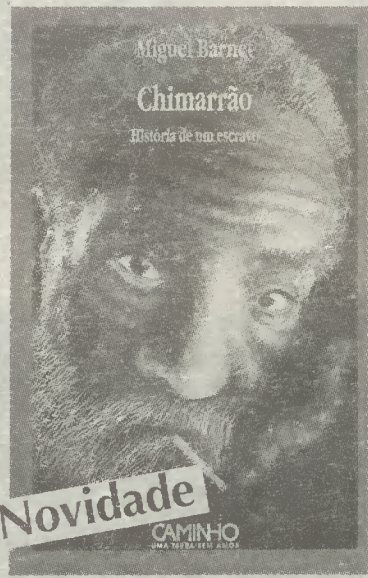
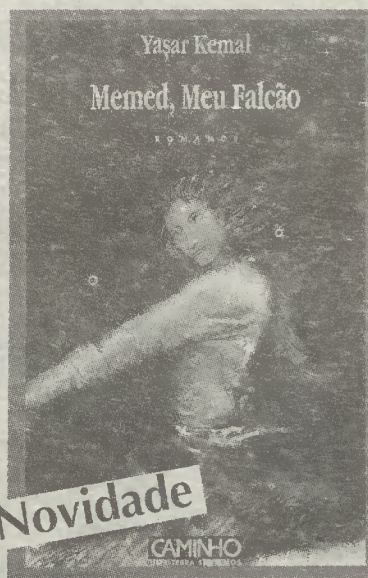
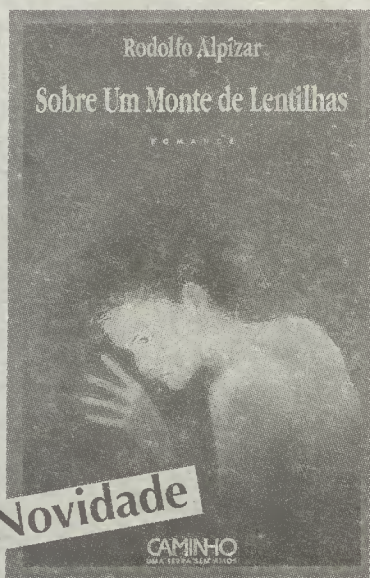
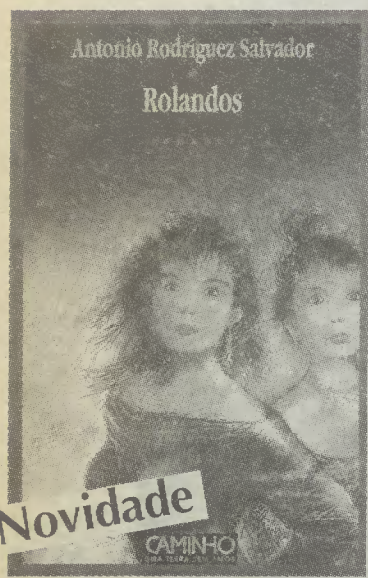
«É possível olhar, se não se tem olhos; cheirar, se não se tem nariz; ouvir, se não se tem ouvidos? A história passa por af», explicou a autora ao *Avante!*, dizendo que se trata de «um filme bastante poético, feito não de acções, mas de procuras e de estados de alma».



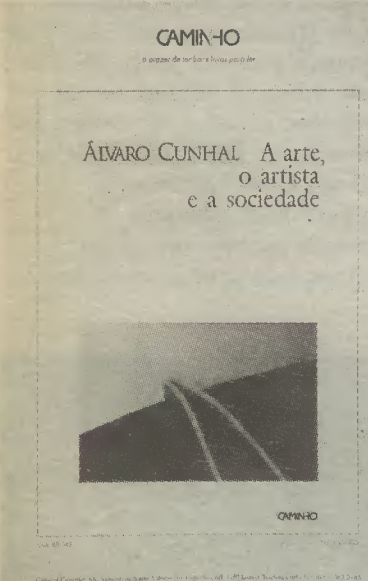
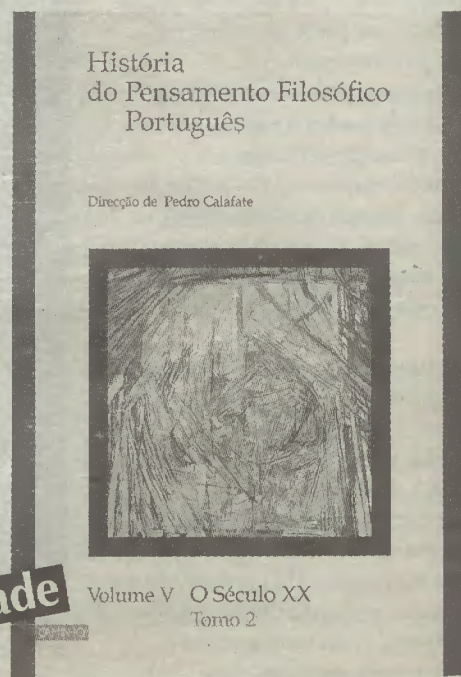
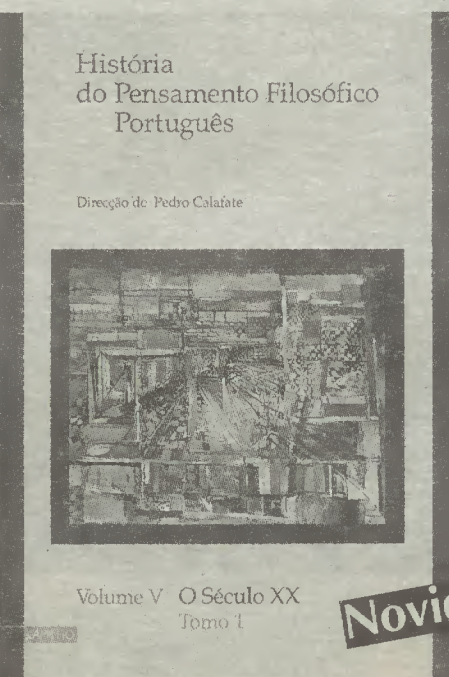
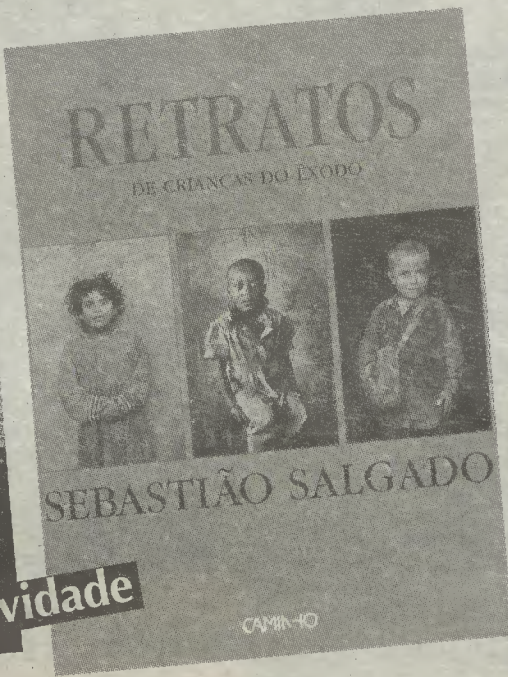
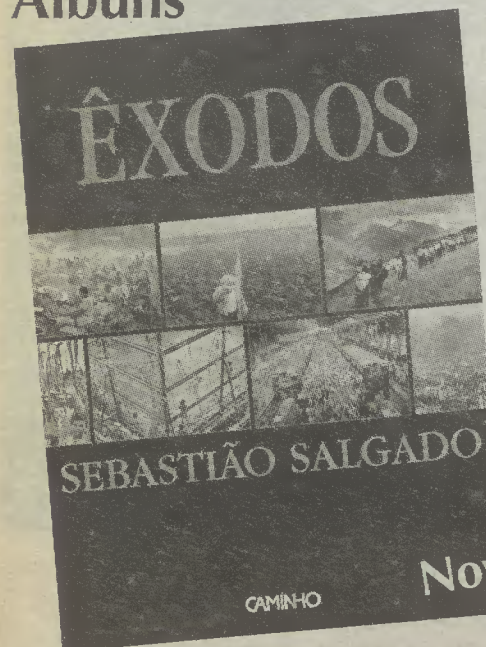
Com 18 minutos, o filme sofreu devido à sua duração pois é difícil difundir uma curta metragem tão longa. Isabel Aboim diz que a pouca aceitação por parte dos festivais se deve ao facto da sua obra ser marcadamente «de autor». «Os festivais procuram coisas mais abrangentes, comerciais ou visíveis. Este é um filme bastante pessoal, muito denso, não tem um «happy end» nem é um gag cómico.» Com 29 anos, Isabel Aboim está dentro do mundo da animação há 15 anos. Começou na Escola António Arroio e no Atelier da Fundação Calouste Gulbenkian, onde hoje dá aulas. A sua principal actividade é no cinema de imagem real.



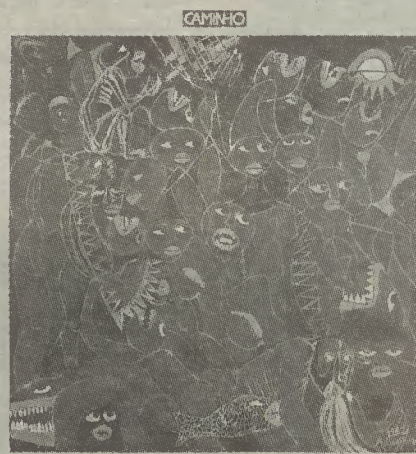
Festa do Livro Ficção estrangeira



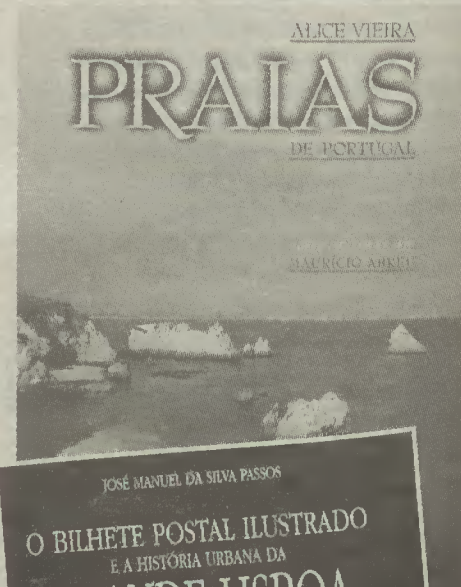
Álbuns



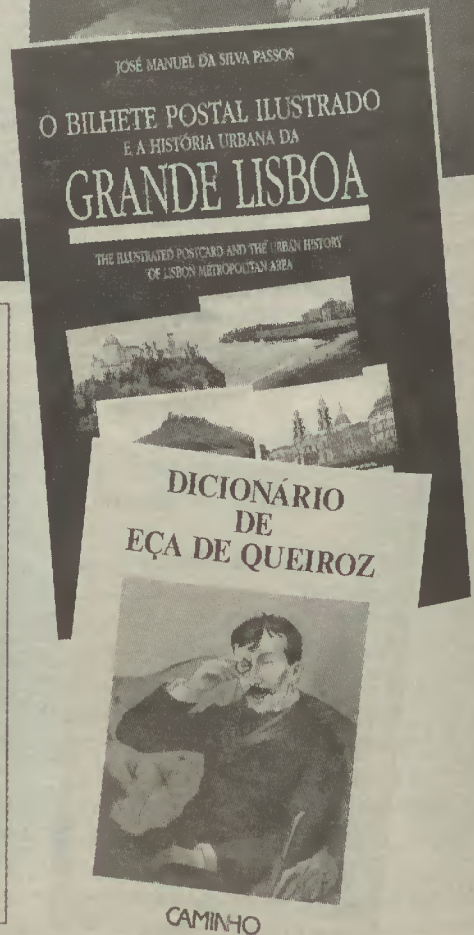
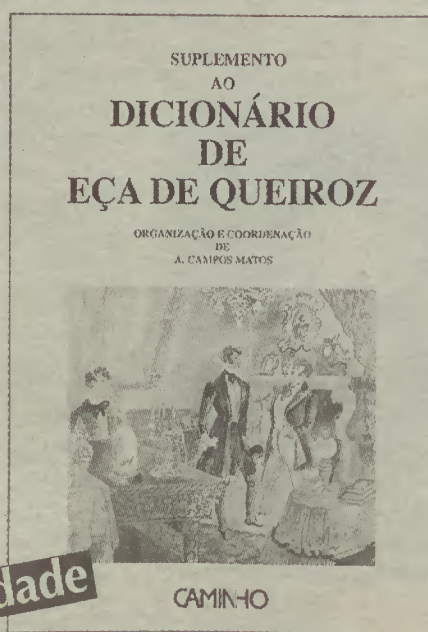
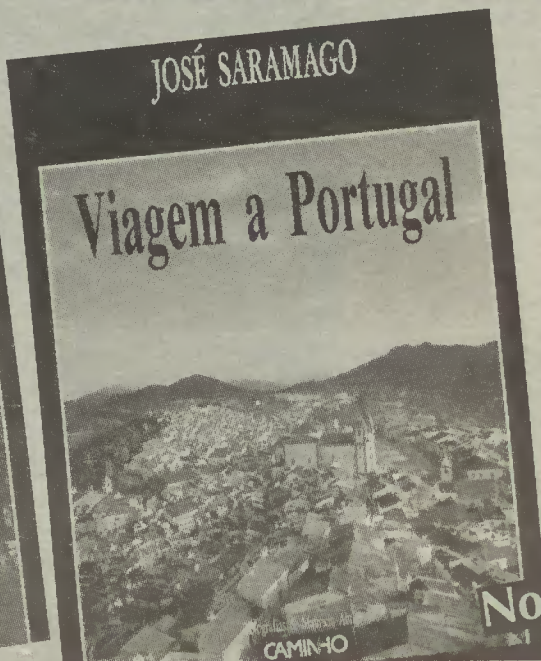
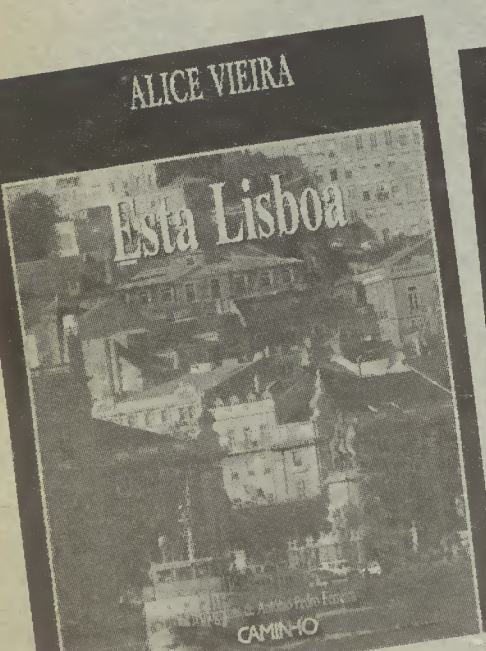
Malangatana



Roberto Chichorro



Sessões de autógrafos

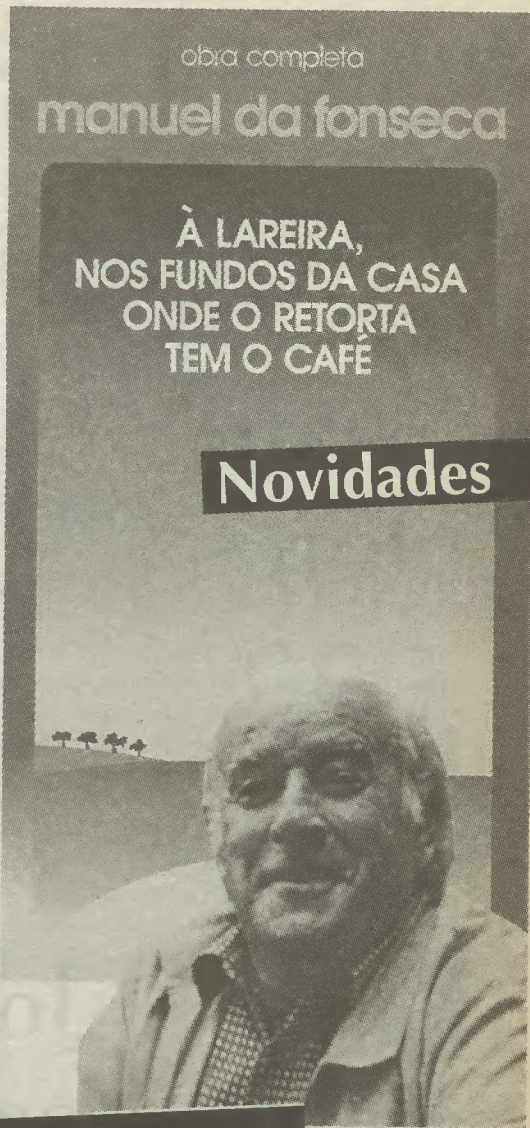
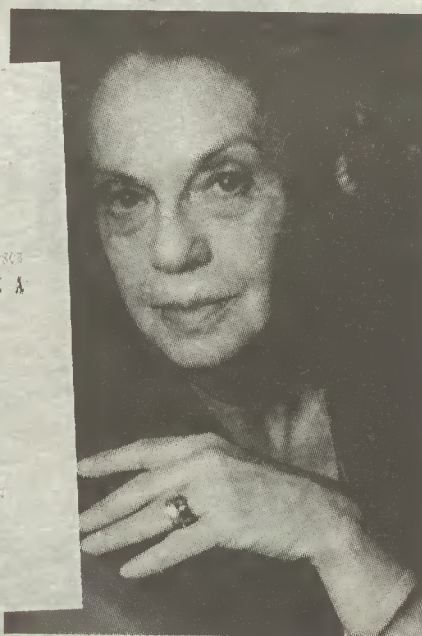
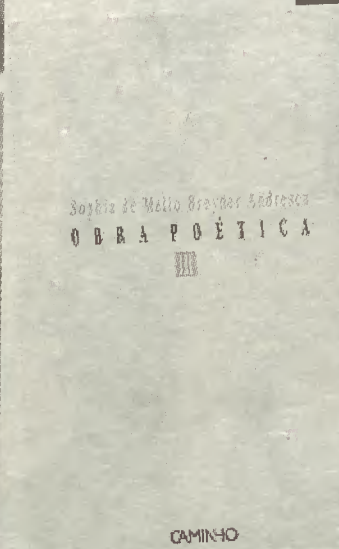
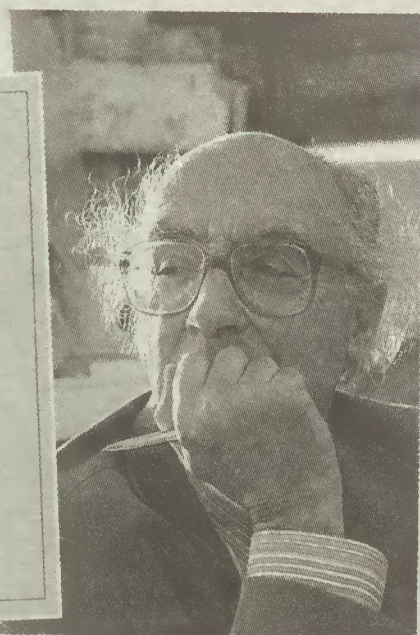
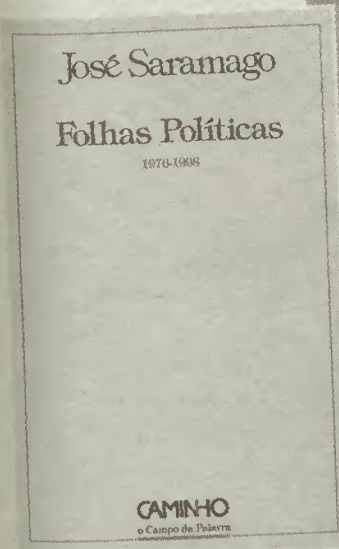


Bons livros a preços excepcionais!

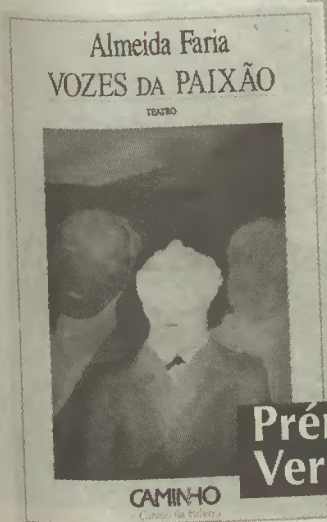
350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

Feira dos Saldos
livros a partir de 350\$00

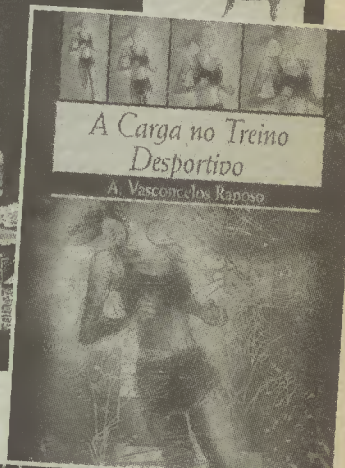
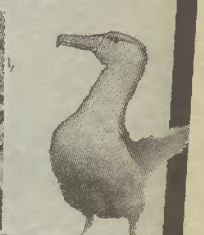
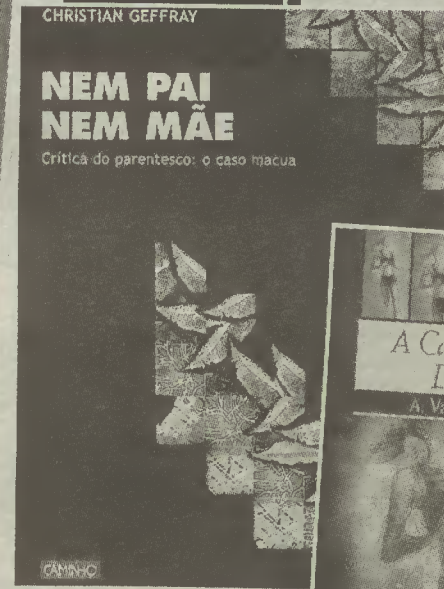
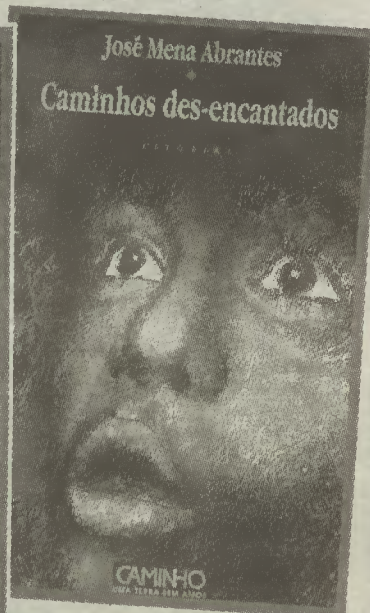
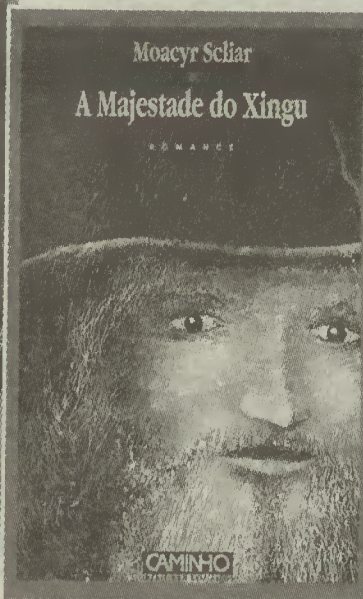
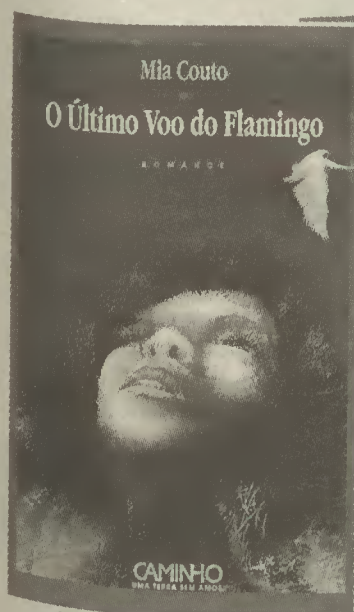
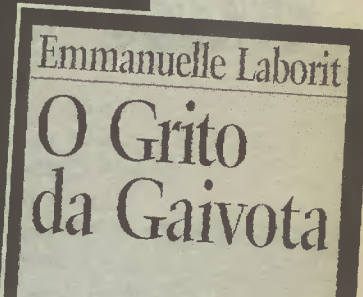
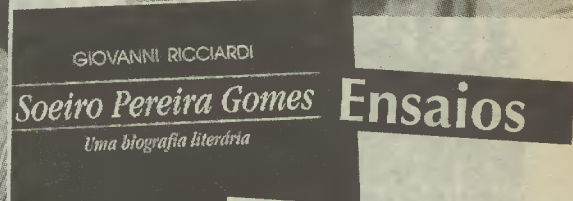
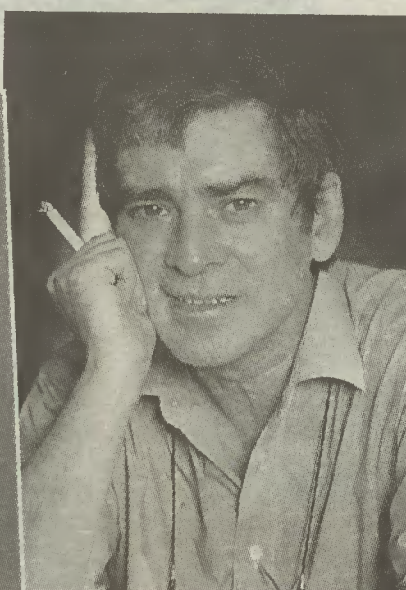
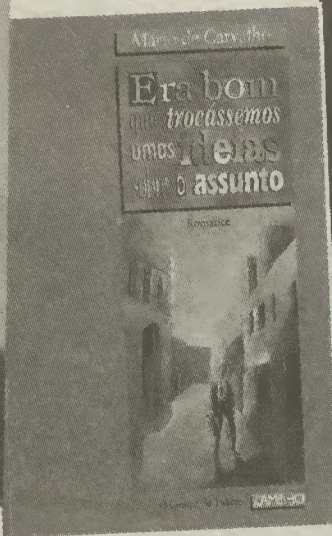
Festa do Livro Literatura de Língua Portuguesa



Novidades



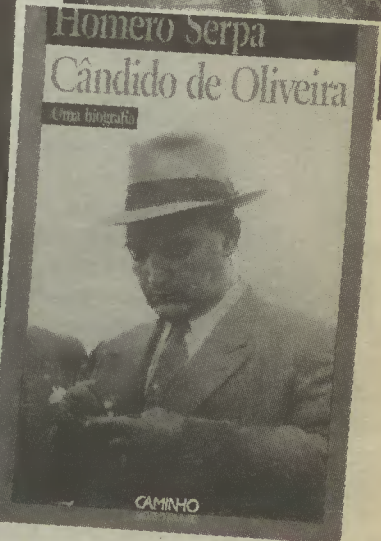
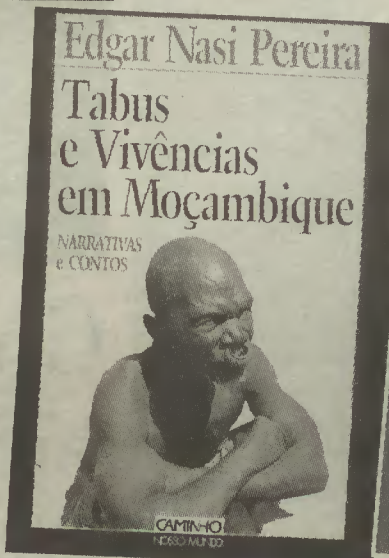
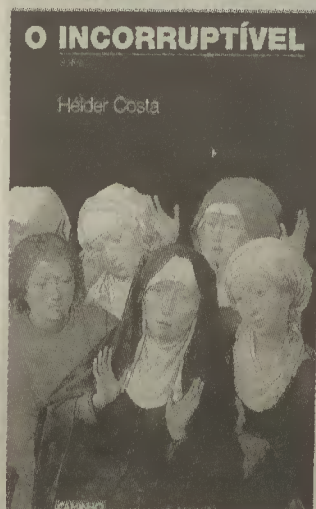
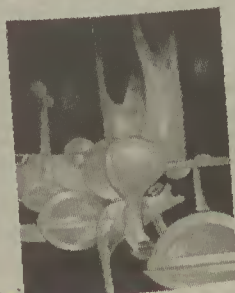
Prémio Vergílio Ferreira



Novidades

Bendenxa

25 poemas de São Tomé e Príncipe para os 25 anos de Independência



Bons livros a preços excepcionais!

350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

**Feira dos Saldos
livros a partir de 350\$00**

Acid Mass nos «Novos Valores»



O concurso de bandas organizado pela Comissão Regional do Porto da JCP terminou com a vitória dos Acid Mass, da Trofa, que assim conquistaram o direito de actuar no Palco dos Novos Valores da festa do «Avante!». Esta iniciativa da Jota constituiu um importante incentivo às jovens bandas do distrito, que tiveram oportunidade de tocar em locais de grande prestígio e com boas condições técnicas, como é o caso do Hard Club, onde se realizou a final, e será a Festa do «Avante!» nos primeiros três dias de Setembro. A organização só lamenta a pouca divulgação que o concurso mereceu nos órgãos de comunicação social, o que obrigou a que o esforço de divulgação tivesse de ser feito quase por inteiro pelos colectivos locais da JCP. Mesmo assim a final foi um grande êxito com mais de duas centenas de pessoas na assistência.



Jovens construtores confraternizam

Mais de 60 jovens construtores da Festa juntaram-se no passado sábado num almoço-convívio realizado na Quinta da Atalaia. Com o trabalho adiantado no espaço da juventude, bem como nos pavilhões de várias organizações regionais do Partido e dos serviços centrais, o objectivo da iniciativa foi tão só reforçar os laços de amizade e solidariedade entre aqueles que nas

últimas semanas têm dedicado boa parte dos seus tempos livres à construção e decoração das estruturas. Contudo, no final houve tempo para uma intervenção política, durante a qual Dias Coelho, membro do secretariado da Festa, realçou o carácter único desta grande realização dos comunistas portugueses e o importantíssimo papel que nela desempenha a JCP.



Chinquilho em Palmela

Seis equipas estão já apuradas para participar no torneio de Chinquilho - Malha Grande que se realiza nos dias 2 e 3 na Festa do «Avante!». Os jogos de apuramento decorreram nos dias 13 e 20 deste mês, no Grupo Desportivo de Algeruz, em Palmela, com a participação de 11 formações. As seis primeiras classificadas foram

Km - Meco e Forninho, ambas de Sesimbra; **Amigos**, de Setúbal; **Algeruz**, de Palmela; **Câmbia e Pontes**, estas duas últimas igualmente de Setúbal. Os restantes lugares foram ocupados pelas equipas **Jardia**, do Montijo, **Anunciada**, de Setúbal, **B. Moita**, e **Lagameças**, de Setúbal.



O regresso das férias

«Agosto é, normalmente, mês de férias e o calor que se faz sentir não convida muito a correr provas de estrada. Apeete mais fazê-lo na praia, junto ao mar, ali sempre à mão para um mergulho retemperador quando as pernas começam a "resmungar".

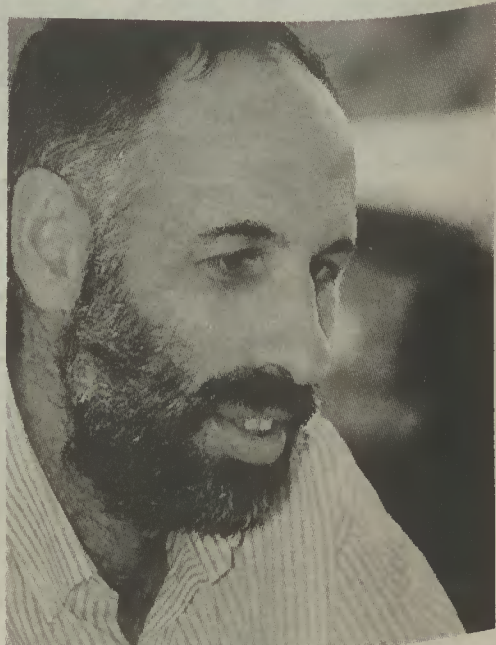
Chega Setembro e as saudades apertam. São os companheiros de treino que se revêem, são os adversários das provas que se reencontram, é aquele "prazer-feito-sofrimento" (ou "sofrimento-feito-prazer"?) das corridas populares.

A Corrida da Festa do Avante!, sempre no início de Setembro, é para muitos a oportunidade do reencontro.

As pernas estão ainda ferrugentas (para muitos nunca deixaram de estar ao longo da época - por mim falo...), mas o prazer do regresso aqueles convívios das manhãs de domingo ultrapassa tudo isso... pelo menos no aquecimento e nos quilómetros iniciais. Por isso, e pelo carácter festivo da prova -

independentemente de ideologias políticas - é sempre com agrado que participo na corrida, embora um convívio anual com os amigos da corrida, tradicionalmente no primeiro fim-de-semana prolongado de Setembro, me tenha impedido de estar nas últimas edições. Este ano, por artifícios do calendário, o convívio passou para outra semana e lá estarei na Corrida do Avante! Com o prazer de sempre....»

Manuel Arons de Caryalho
Jornalista



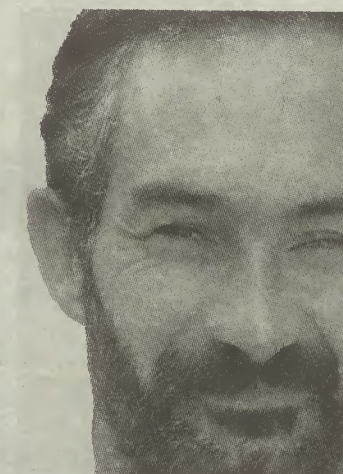
Inscritos 1000 atletas e 95 equipas Prontos para a partida

O número de inscritos na Corrida da Festa continua a aumentar tudo indicando que mais uma vez o total de atletas à partida ultrapassará largamente o milhar. Quem o desejar pode ainda enviar os pedidos de inscrição para Corrida da festa do «Avante!», na Quinta da Atalaia, Av. Baía do Seixal, 2845-415 Amora Seixal. Telefones: 21 222 40 00 Fax 21 221 41 31. Email festavante@mail.telepac.pt Entretanto, várias personalidades continuam a manifestar publicamente o seu apoio a esta grande manifestação desportiva, cuja partida está marcada para a manhã de domingo e animará as avenidas e ruas do Seixal e Amora.

A corrida da saúde e da alegria

«É com muita satisfação e com grande apreço e amizade pelos organizadores desta 13.ª edição da Corrida que, mais uma vez, me associo a este acontecimento que integra o programa cultural e desportivo da conhecida e sempre desejada e apreciada Festa do «Avante!». Recorrendo ao tema da 1.ª edição, espero que seja para os organizadores e participantes uma verdadeira corrida da «Saúde e da Alegria». Se decorrer sob o signo da alegria, é o primeiro passo para que ela seja também da saúde. Mas há que conhecer o estado geral, fazer preparação anterior e não ultrapassar nunca os limites de cada um. Isto porque «Corrida da Saúde e da Alegria» é uma prova para todos, independentemente dos ritmos e capacidades individuais.»

António Vilela
assessor do Pelouro do Desporto da CML



Uma referência

«A 13.ª Corrida da Festa do Avante!, que se realiza no próximo dia 3 de Setembro, é para os amantes da corrida uma referência e um exemplo de como é possível manter desde a primeira hora os objectivos e as convicções. Prova de estrada de tradição e características invulgares, mantém como objectivos fundamentais a dinamização da prática desportiva e o convívio. Apesar disso tem sabido estabelecer uma simbiose entre o desporto de lazer e o de competição, pois a participação de atletas de grande nível internacional, que se identificam com os objectivos deste evento, tem sido uma constante ao longo dos anos. Entendemos que juntamente com aqueles que fazem da corrida ou outras actividades desportivas um meio de melhoria da qualidade de vida, a presença de atletas de alta competição é um motivo de orgulho para a organização. Apelamos aos jovens de todas as idades para que participem na 13.ª edição da Corrida e que o dia 3 de Setembro seja

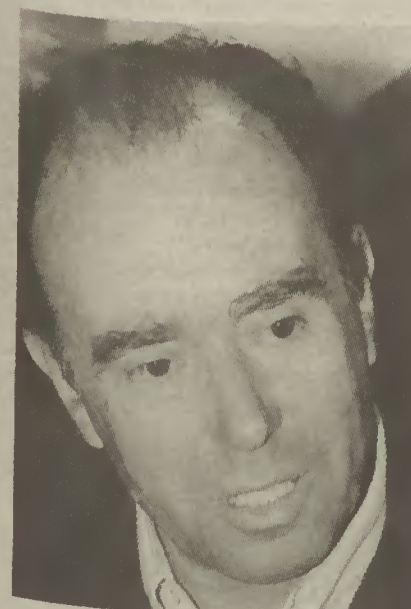


lembrado com o dia do atletismo, da saúde e do lazer.»

Depoimento subscrito por **Fernanda Ribeiro, João Campos, Luís Novo**



Um novo fôlego?



«Considerada pela maioria dos críticos de atletismo com uma das melhores provas de estrada que se realizam em Portugal, a Corrida da Festa do Avante! é, para além de toda a natural componente competitiva um momento muito especial de encontro entre adeptos da prática da corrida para todos. Na realidade, depois do habitual período de "defeso" escolhido pela maioria para o mês mais quente do ano, Agosto, a Festa assinala o reinício da actividade, ou melhor, um retomar de passadas capazes de proporcionar mais um época de prática desportiva do seu agrado. Se é certo que esta Corrida é um momento alto do calendário, julgamos que talvez tenha chegado o momento de dar novo fôlego

à estrutura organizativa. Não em termos técnicos, cujo nível é excelente, mas sim no lançamento, em paralelo com a prova principal, de uma distância mais curta e capaz de vir a motivar jovens desportistas e outros, inclusivamente veteranos, desejosos de participar mas impossibilitados de cumprir uma distância de cerca de 15 quilómetros. A introdução de uma mini-corrida com cerca de cinco quilómetros poderia ser do agrado de muitos desportistas, podendo efectuar-se a partida em simultâneo e manter-se uma única meta.»

Mário Machado
Responsável técnico pela organização da meia-maratona de Lisboa

Audiovisuais na Festa

Documentário ficção e videoarte

Paralelamente ao concurso «Arte de Transformar», cujos vencedores irão expor trabalhos originais para a Festa do «Avante!», a Comissão de Artes Plásticas promove num espaço coberto uma mostra de trabalhos artísticos na área do audiovisual.

Uma parte importante do programa será preenchida com a performance do Sound Video Artes Ensemble, projecto vencedor do Arte de Transformar, da autoria de Patrícia de Almeida. O espectáculo é formado por duas peças que unem a vídeo performance e o concerto musical com a participação de vários actores, bailarinos e músicos.

A restante programação divide-se entre uma mostra de vídeo – na qual serão exibidos filmes em três áreas: documentário, ficção e videoarte – e de instalações que utilizam igualmente elementos audiovisuais como o vídeo, a fotografia e o slide. Ao todo vão estar patentes seis instalações: «Factory», da autoria de Marco Barreto; «auto-retrato», de Margarida Santos; «Eu a ti conto-te tudo», de Tiago Madeira; um trabalho sem título de Paulo Freitas; «Bred», de Carlos

Elmer; e «Imagination», obra colectiva de João sobreiro, Rita Pereira e Mário Sirgado.

A mostra de vídeo inclui trabalhos, na área do **Videoarte**, de Edgar Pêra, Elsa T.L. Almeida, Catarina Campino e Andreia Helena Rebelo; na **Ficção**, Nuno Olim, Nuno Ricou Salgado, Maria Helena Garcia e Sandra Matos; no **Documentário**, Caroline Barraud, Gonçalo Luz, Pedro Serra Nunes, Rui Simões, Laurent Simões, Rita Nunes e João Nicolau.

Programa

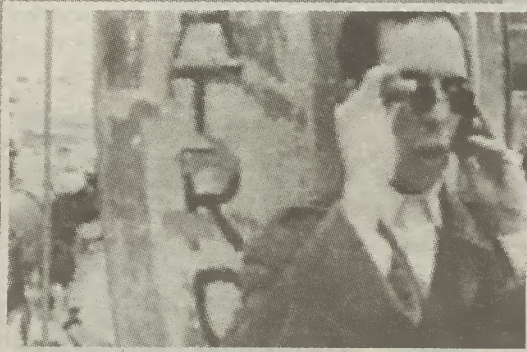
Na sexta-feira, o programa começa com a projecção de vídeos. Segue-se apresentação das instalações entre as 22 e 23 horas, e a noite termina com a performance do Sound Video Artes Ensemble.

Na manhã de sábado, neste espaço podem ser vistas as instalações e, a partir das 15,30 horas, continua a mostra de vídeo. No final da tarde, voltam a ser apresentadas as instalações, seguindo-se mais uma actuação Sound Video Artes Ensemble. Entre as 21 e as 24 horas, serão projectados mais vídeos.

As instalações artísticas estão de novo patentes na manhã de domingo, seguindo-se mais uma sessão de vídeos. O espaço encerra com uma última performance do Sound Video Artes Ensemble.

Nesta mostra, em que se pretende divulgar o trabalho artístico que se desenvolve nesta área em Portugal, a Comissão de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» contou com o apoio de várias instituições, designadamente da Videoteca, Citem – curso de cinema de animação da Gulbenkian e do Clube Português de Artes e Ideias, para além do envolvimento directo de vários autores.

Depois desta primeira experiência, os organizadores pensam já em manter nas futuras edições da Festa a presença desta vertente das artes, à qual se tem dedicado um número crescente de criadores.



«Eskynas Agudas», um filme de Edgar Pêra



«Hamburgers e outras Neuroses», filme de Maria Helena Garcia e Sandra Matos



«Amália por Nós», filme de Rita Nunes



БЛИЖИЙ ПРОПУСК



Adquirida agora, a EP custa apenas 2300 escudos. Nos dias da Festa o preço será de 3100 escudos

FESTA
Avante!
2000

SEXTA-FEIRA

FESTA
Avante!
2000

SABADO

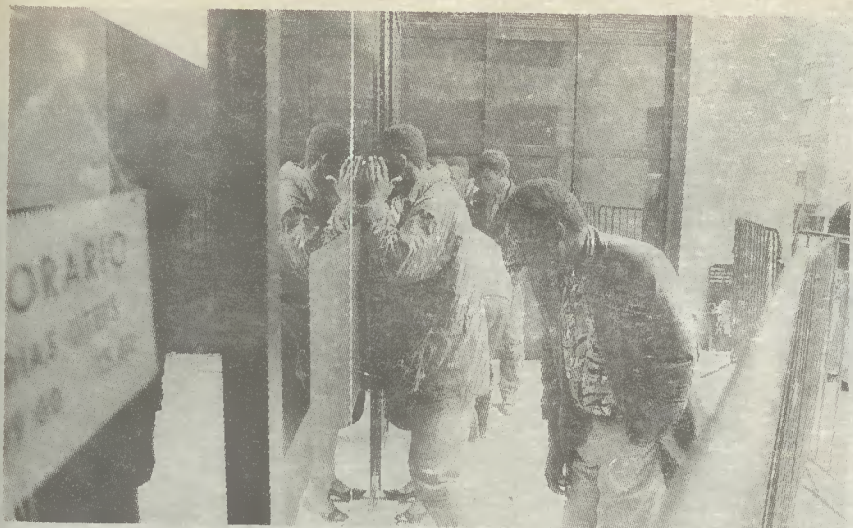
FESTA
Avante!
2000

DOMINGO

SECURITY + S
SECURITE + SICH
SICHERHEIT + SEK
Y + SEGURIDAD + S
SECURITY + SE
SECURITE + SICH

1 2 3
TÍTULO DE SOLIDARIEDADE

FES
1 2 3 SE



Imigrante

• Fernanda Vicente

sofre...

Se, para tratar do Processo de Legalização, o imigrante se vê obrigado a uma longa caminhada pelo deserto, o que dizer, posteriormente, do Processo de Reagrupamento Familiar? Para ser franca, creio que é caso para dizer: o imigrante sofre...

Reportando-me ao caso concreto de Vitorina, uma guineense radicada em Portugal há mais de sete anos, cujo reagrupamento familiar diz respeito ao direito de três crianças menores se juntarem à sua mãe, será caso para dizer não só que «o imigrante sofre...». Mas é que o imigrante sofre mesmo.

Conheci Vitorina quando ela ainda olhava para os cenários de Portugal como algo de novo e belo; quando ainda não tinha perdido os contornos daquilo que julgava que viria a ser a felicidade, ou quando ainda sonhava, acordada, com a chegada, para breve, dos seus três filhos: Ismael, Anita e Tomé. Daí que, embalada pela esperança que se galvanizara em si, ela se tenha decidido, rapidamente, pela apresentação do processo do tão almejado «Reagrupamento Familiar».

Em vão alguns amigos, guiados por experiência própria, lhe disseram que seria um processo extremamente moroso; que não criasse expectativas precipitadas; que em Portugal havia muita coisa que parecia que era verbalmente, mas que nada era na prática. Claro que acabavam por ficar sem argumento tal era a vontade e a persistência que deixava transparecer Vitorina quanto à possibilidade de reaver e abraçar os seus filhos.

Hoje, Vitorina já perdeu a objectividade das voltas e mais voltas que teve que dar; já perdeu no tempo a conta do tempo que esgotou na rua, nas escadas e no interior do próprio edifício do SEF. É que, cada vez que lá ia, havia sempre mais um documento, uma factura, uma declaração, um recibo, um requerimento ou fosse lá o que fosse que estava em falta.

Para que se possa ter uma pequena ideia da «burocracia» necessária - para fazer render o peixe? - devo dizer que Vitorina, a última vez que se deslocou ao SEF, ia munida de uma grossa pasta de arquivo onde constavam as fotocópias de toda a documentação solicitada e entregue.

Gostaria aqui de enumerar as dezenas e dezenas de solicitações que, gradual e burocraticamente, foram exigidas a Vitorina, mas para que os imigrantes estejam atentos e não se deixem enredar nas teias burocráticas das exigências do SEF, deixarei aqui o levantamento um pouco exaustivo da documentação apresentada, só que solicitada às prestações:

Comprovativo dos filhos - Cédulas de Nascimento, Atestados Médicos e Boletins de Matrícula da escola para onde iriam estudar. **Comprovativo dos meios de Subsistência** - Contrato de

Exploração do Estabelecimento, Contrato de um dos Fornecedores, Facturas diversas de outros Fornecedores, Recibo da Renda do Estabelecimento, Boletim de Inspeção Técnica. Comprovativo das Condições de Alojamento - Contrato de Arrendamento, Recibo da Renda de Casa, Recibo da Luz, Título de Residência, Passaporte, Bilhete de Identidade de Cidadã Estrangeira...

A última vez que Vitorina se deslocou ao SEF, dispus-me a acompanhá-la, sacrificando um dia das minhas férias. Graças à sua filha Elizabete, uma bebé de oito meses, já nascida em Portugal, lá fomos seguindo pela correnteza da longa fila serpenteante e, já no interior do edifício, ao fim de quatro horas e meia de espera, Vitorina esbarraria, mais uma vez, na pesada cortina da burocracia. Desta vez, foi-lhe dito que deveria ter levado, também, uma *Declaração do companheiro* a comprovar que ambos viviam em comum, um *Atestado de Residência* de cada um dos cônjuges, o *original do Passaporte* e ainda... a última *Declaração do IRS*, «se é empresária, em nome individual, nada garante que não esteja crivada de dívidas» - atalhou a funcionária, sem mais delongas, mecanicamente, dando o assunto por encerrado. Assim mesmo, sem uma palavra de afecto, sem um sorriso, sem um momento de atenção que fosse. Desanimada, Vitorina saiu do SEF lavada em lágrimas.

Hoje, no seu Café onde, para além do nome *Polon de Brá*, muita coisa nos fala da sua longínqua Guiné, como a música em cujo ritmo Vitorina tenta sacudir as tristezas ou mesmo os petiscos à base de peixe *bagre* ou do célebre *bentana* grelhado com molho picante, habituei-me a vê-la sempre com um sorriso nos lábios, mas já nada consegue apagar aquele brilho de tristeza do seu olhar.

Apesar de rodeada de amigos que, carinhosamente, a tratam por *Mamã*, Vitorina vai encontrando quem se solidarize com o seu infortúnio, dando-lhe força para que enfrente, com coragem, o dia-a-dia e é vê-la com uma serenidade quase inacreditável a sorrir, mesmo quando tenta sanar algum palavreado menos edificante deste ou daquele cliente um pouco mais «metido» nos copos.

Hoje, entregue ao vazio de um futuro incerto, Vitorina apenas tem a certeza que continuará à espera dos seus filhos, à espera, à espera, à espera... Até quando?

Zona Franca da Madeira

• Jorge Vilaça

Devido a deploráveis declarações, assistiu-se a um «ping-pong» mal jogado, entre o governante madeirense e governantes do Continente, tendo-se destacado o secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros. Este secretário de Estado colocou o acento tónico na actividade desenvolvida na Zona Franca da Madeira, querendo fazer crer que o único e grande beneficiário dessa actividade é o governante madeirense. Falou em Zona Franca, mas nunca da sua boca se ouviu uma palavra sobre o papel dos grupos financeiros.

O governante madeirense tem um apoio total dos grupos financeiros portugueses e de outros países, dado o importante papel desempenhado pela Zona Franca da Madeira nas actividades financeiras. No entanto a história não se resume, unicamente, aos apoios que o governante madeirense recebe. O Governo português do Partido Socialista também cumpre as funções que lhe são atribuídas e distribuídas pelos grupos financeiros sediados em Portugal e, conseqüentemente, aparece no rectângulo do organigrama do capital financeiro multinacional.

Portanto, os actuais governantes do País, encontram-se em situação similar à do governante madeirense.

O camarada Henrique Custódio no esclarecido artigo do «Avante!» de 00/07/20, escrevia a determinado ponto: «Os grandes protagonistas do branqueamento de capitais são as respeitáveis instituições financeiras de não menos respeitáveis países da Comunidade (e não só obviamente), sobrando como ilustração o facto de no «paraíso fiscal» das Ilhas Caimão pontificarem grandes banqueiros de Londres.»

A polémica com o governante madeirense e este artigo do camarada Henrique Custódio despertaram-me o interesse para um passeio pelos relatórios e contas da Banca que actua em Portugal e as suas actividades nos paraísos fiscais. Todas as instituições bancárias que consultámos exercem a sua actividade, quer nas Ilhas Caimão quer na sua prima direita ilha da Madeira. Assim, no relatório do Banco Pinto & Sotto Mayor lê-se a pág. 49: «Na actuação do Banco relativamente à gestão da rede exterior há a relevar o contributo da unidade off-shore da Zona Franca da Madeira que registou, uma vez mais, um importante volume de negócios, com uma crescente diversificação de serviços...» Na relação dos estabelecimentos no estrangeiro deste banco, vamos encontrar a sucursal nas Cayman Islands.

No relatório do Banco Espírito Santo lê-se: «Em 1993 foi constituída por este Banco a Espírito Santo Overseas Ltd (ESOL) com sede nas Ilhas Cayman. Em 1996 a BES Overseas Ltd (BESOL) com sede nas Ilhas Cayman. Em 1997 a BES Finance Ltd, com sede nas Ilhas Cayman.»

Na Região Autónoma da Madeira dispõe o BES de 13 agências.

No relatório do Banco Totta & Açores, no capítulo respeitante aos Impostos sobre os Lucros lê-se: «... Porém, as Sucursais Financeiras Exteriores da Região Autónoma da Madeira do BTA beneficiam, ao abrigo do art. 41.º do Estatuto dos Benefícios Fiscais, de isenção de IRC até 31 de Dezembro de 2011.»

Bancos menos badalados como o Banco Português de Negócios, Banco Nacional de Crédito Imobiliário, Banco Internacional de Crédito e outros, têm, também, as suas sucursais nos paraísos fiscais das Ilhas Cayman e Zona Franca da Madeira.

Na Zona Franca da Madeira proliferam as instituições de crédito estrangeiras. Assim o Banco Itaú Europa, Ltd. detém, na Zona Franca da Madeira, o Itaú Europa SGPS Ltd Madeira (off-shore center) e o Madeira off-shore branch.

Está sediado na Zona Franca da Madeira o Bank Boston Latino-Americano (sociedade unipessoal) SA. Este banco nos últimos anos teve um efectivo médio de 3 trabalhadores. Em 1998 teve um lucro líquido de 8 milhões de contos. Em 1999 o lucro líquido atingiu os 13 milhões de contos. Que produtividade!

Neste banco regista-se ainda a curiosidade de os membros do Conselho de Administração não receberem remuneração. Até nisto fogem aos impostos!

Este banco, como todos os outros que desenvolvem actividade na Zona Franca da Região Autónoma da Madeira, beneficia da isenção de impostos sobre os lucros.

Em 1998 à taxa de 40% o Estado português deixou de receber só, deste banco, a insignificância de 3 milhões e duzentos mil contos. Em 1999 seriam 5 milhões e duzentos mil contos.

Multipliquem-se estes valores anuais do Bank of Boston pelas dezenas de instituições financeiras que actuam na Zona Franca da Região Autónoma da Madeira e, então, se perceberá a justiça da luta do Partido Comunista Português contra as benesses que, pelo Estatuto dos Benefícios Fiscais, o Governo oferece aos grupos financeiros. E percebe-se, também, por que razão o governante da Madeira tem as atitudes conhecidas.



No Centenário da Constituição Australiana

Princípio da festa

no fim dos Jogos Olímpicos

Fez 100 anos no passado dia 7 de Julho que a Câmara dos Comuns, em Londres, passou as leis conducentes à criação da Federação Australiana. Mas as celebrações respectivas só começarão em fins de Setembro e alongar-se-ão até 5 de Maio quando o jovem país comemorará o centenário da abertura do parlamento de Melbourne que, em 1927, seria transferido para Camberra.

Você, amigo Português que estará presente em Sydney para assistir aos Jogos Olímpicos, ao fazer um simples telefonema interno ou externo fica desde já a saber que o valor pago por esse telefonema não pertencerá à Austrália, não irá para os Estados Unidos. E talvez este simples aspecto da situação económica australiana contribua para explicar o interesse dos americanos em que os Jogos se realizassem em Sydney - as receitas cairão nos cofres das suas próprias companhias que, espalhadas por todo o país, dominarão a cena olímpica. Os australianos ficarão com as migalhas. Talvez consigam mesmo, o que será ótimo, amortizar um pouco os juros das dívidas aos seus credores americanos e japoneses. Os Jogos Olímpicos também têm a sua política e a sua justificação em termos económicos. Desporto? Onde se esconde?

A Austrália de 2000 é um país atravessado pelas dramáticas consequências da grande crise que o Mundo vem atravessando desde 1989. As falências e o desemprego, os desequilíbrios da situação financeira do Estado, os escândalos que levaram ao encerramento de muitas grandes firmas, o terramoto financeiro que fez perecerem grandes instituições e grandes nomes, as dívidas em que o povo australiano, seduzido, se enterrou, a insuficiência da capacidade produtiva nacional e o domínio do mercado pelas transnacionais americanas e nipónicas conduziram a duas coisas: ao empobrecimento e à desilusão. Os Jogos Ano 2000 podem vir a constituir um dos meios necessários para a reabilitação do ânimo social e nacional.

Hoje, a Austrália tem as suas portas fechadas à imigração. Já não constitui o refúgio tradicional para onde convergiam os desesperançados da Europa e da América. Partiu-se o mastro

onde flutuava, divina, a bandeira da liberdade. A Ópera de Sydney está cansada. Agora, só entram no país financeiros ou aspirantes a essa condição, em busca de aventuras comerciais - uma estranha espécie de gente que os pioneiros de Melbourne apelidavam de desportistas. Falsos desportistas, evidentemente, tal como o são os empreendedores de alma negra sem os quais os Jogos Olímpicos dos nossos tempos já não podem, parece, conhecer a luz do dia. Esta situação fez com que a Comissão da Candidatura de Sydney (*Sydney Olympics 2000 Bid, Limited*) e o seu presidente, Roderick H. McGeoch, se lançassem numa política de não olhar a meios para conseguir os Jogos.

O país compreende seis Estados, a saber: New South Wales (Nova Gales do Sul), Victoria, Queensland, South

Australia, Western Australia, Tasmânia. Incorpora, ainda, três territórios internos: Northern Territory, Australian Capital Territory e Jervis Bay Territory, além de mais sete zonas territoriais externas - Norfolk Island, Coral Sea Islands (não habitadas), Cocos (Keeling) Islands, Christmas Island, Ashmore e Cartier Islands Territory (no Índico, mas não habitadas), o Território da Haard Island e as MacDonal Islands, no sub-Antártico, e o Território Antártico Australiano.

O primeiro Estado é o mais populoso e foi aquele onde a colonização britânica se iniciou. Com seis milhões de habitantes é o mais urbanizado e o de maior concentração industrial. A capital desse Estado, como já sabemos, é Sydney (3,5 milhões de habitantes), um dos maiores portos marítimos do Mundo.

A economia australiana sofreu profundas alterações de base nos últimos vinte anos. Abandonando as suas indústrias fundamentais e apostando nos serviços, parecia ter conquistado grandes progressos, até que chegou a crise cujas implacáveis destruições têm feito muita gente pensar a fundo quanto ao destino do país. O desemprego tem dado lugar a problemas sociais de até então desconhecida magnitude, não se compreendendo como é possível não haver trabalho num país tão grande, tão rico e tão fracamente habitado.

Largas explorações agrícolas e multi-milionários criadores de gado continuam a dotar a economia australiana com riquíssimos recursos. Os valores naturais e energéticos do país são imensos, mas a sua exploração encontra-se, na generalidade, em mãos estrangeiras.

Três Revoluções

A Nova Gales do Sul, na Austrália de hoje, foi descoberta oficialmente e reclamada para a Coroa Inglesa, por James Cook, em 1770. Entretanto, tinha-se tornado urgente, em Inglaterra, a adopção de medidas que permitissem regular o crescimento explosivo da população cujo brusco empobrecimento começava a considerar-se inevitável. Por outro lado, a existência de nada menos de 100 000 pessoas nas lúgubres e atrozmente prisioneiras inglesas, criava impossíveis problemas ao governo da época e o previsto envio desses condenados para as colónias americanas achava-se prejudicado devido à recente independência das mesmas. O que parecia claramente demonstrado ao governo de William Pitt (pai), de que o ministro do Interior se chamava Sydney, era a imperiosa necessidade de dispor desses presos, assim como das numerosas massas de pobres que enchiam Londres e para as quais não existia futuro nas ilhas britânicas, através duma solução nova: o transporte em massa de toda essa gente para a Nova Gales do Sul.

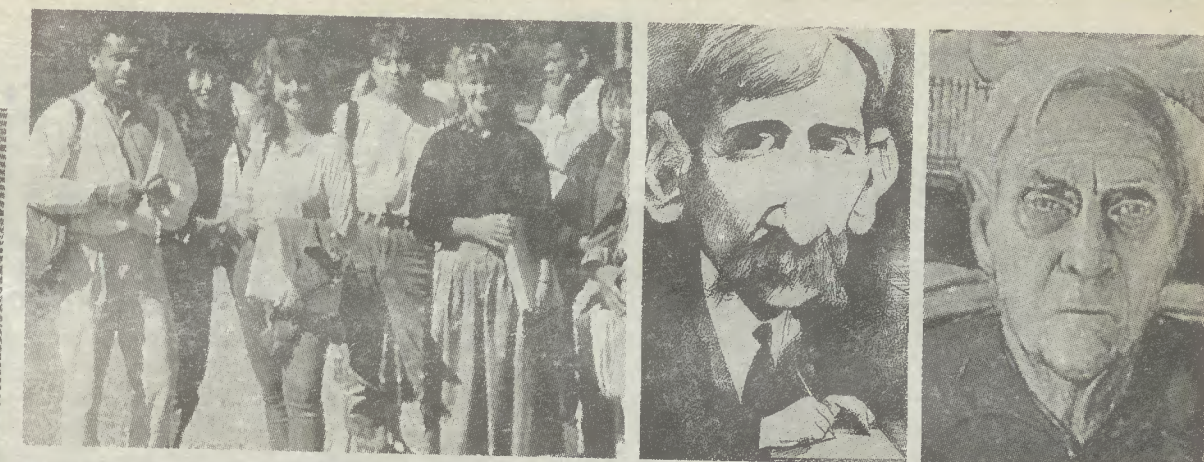
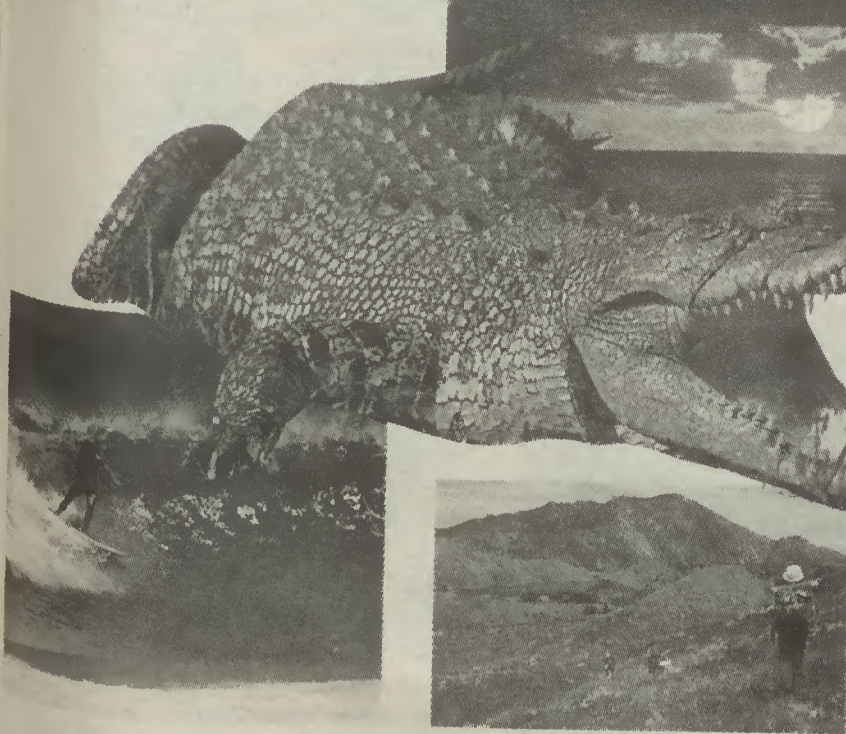
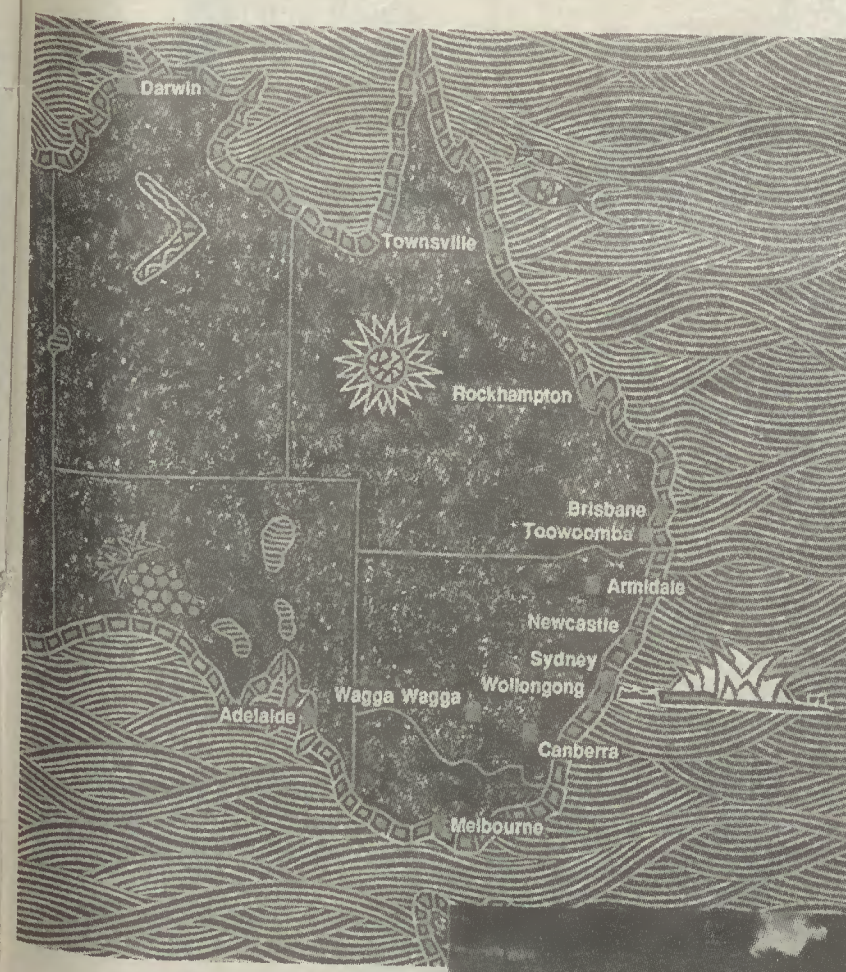
Assim a nova economia do tipo capitalista-agrícola que surgia em Inglaterra e na Irlanda quando se conheciam já os primeiros impulsos da indústria transformadora nascente, beneficiando dos resultados dum considerável comércio internacional devido à existência duma forte marinha mercante, tudo apoiado por poderosíssimo sector bancário, ficava com as mãos livres para poder desenvolver-se. Consequentemente, quando, a 18 de Janeiro de 1788, o capitão Arthur Philip chegou à «Botany Bay» (Sydney) com um carregamento de 717 condenados, homens e mulheres, assim como uma tripulação de 200 marinheiros, o estabelecimento das colónias australianas da coroa britânica estava iniciado.

Newgate: o inferno dos infernos

Nessa altura, a população da Inglaterra era de nove milhões de pessoas, e a da Irlanda situava-se entre os quatro

e cinco milhões. Produzia-se uma colossal e histórica transformação económica e social. Com efeito, durante o reinado de George III, o campesinato inglês viu-se praticamente varrido da cena económica e a agricultura em larga escala surgiu no horizonte da História. As portas da indústria, o proletariado nascia. Mas a Europa agitava-se. Portugal, a Espanha, a Holanda, eram potências já subordinadas ao poder político, militar e financeiro da Inglaterra ou da França. E, quando os primeiros estabelecimentos coloniais começaram a formar-se na Austrália, três revoluções dominavam a vida das nações e o viver das pessoas: a revolução americana, a revolução francesa e a revolução industrial a que começava a assistir-se na Grã-Bretanha. Quem não compreende isto, não compreenderá jamais a natureza da Austrália nem identificará nunca as raízes rebeldes que conduziram à formação daquele que é hoje o grande povo australiano. Mas, afinal, quem eram os homens, os presos, os cadastrados, os inocentes a ferros que jaziam nas prisões inglesas, os que constituíram os primeiros batalhões de condenados que a terra agreste australiana viu desembarcar na «Botany Bay»?

O policiamento da cidade de Londres e a «Lei da Polícia de Westminster» causavam agitados debates no Parlamento, em 1785. Na Inglaterra dessa altura, sob o mais selvagem código penal no Mundo, o simples roubo de cinco xelins do balcão de uma loja era punido com a pena de morte. Na Câmara dos Comuns, Edmund Burke, gritava: «Existe uma casa em Londres que, neste momento, abriga 558 membros. Não me refiro aos Comuns cujo número é idêntico, mas à sinistra e bárbara prisão de Newgate.» «O inferno de Newgate», cuja história de crimes contra a Humanidade já vinha de há 700 anos, era de tal magnitude que, em 1902, foi mandado demolir. Foi de lá que saiu a maior parte dos 715 presos (529 do sexo masculino) para conhecer «Botany Bay»: 34 condenados a prisão perpétua, 19, a 14 anos de pri-



«Advance Austrália, Fair» (Para a frente, Austrália, com lealdade*)

Os portugueses, evidentemente, não desconhecem a posição da Austrália no mundo moderno. Temos lá uma considerável comunidade emigrante e aquilo é terra jovem feita de gente orgulhosa de duzentos anos de constantes progressos e agarrada com ambas as mãos ao comboio do futuro, que ninguém deseja perder. Entretanto, certos aspectos da modernidade australiana fazem-nos pensar: como é possível que numa terra tão vasta e tão cheia de riquezas, povoada por povo jovem e em número reduzido relativamente à extensão do território, se verifique uma tão grave crise socioeco-

nómica como a que se conhece, actualmente, acentuada pela existência de mais de meio milhão de desempregados?

Austrália é o nome apaixonante que põe grandeza e distância em tudo. Terra longínqua, moderna, território infindo, um mundo de mar e de sol, de grandes secas, de intermináveis desertos, mas onde despontam cidades de estilo ocidental cheias de juventude e de progresso.

* Do hino nacional australiano

são, 600, a 7 anos; dos restantes não se conhecem as penas - e foram eles quem começou a Austrália.

Os «Desportistas» de Melbourne

Cem anos mais tarde, quando a Austrália, regada já com os monstruosos sacrifícios de muitos milhares de infelizes, começava a erguer-se para o futuro contra a indiferença da grande metrópole imperial britânica, dizia-se em Melbourne que um homem de vida «desportiva» era o que perdia 150 libras ao jogo num simples quarto de hora. Os «desportistas» da cidade, que crescia explosivamente, eram bem conhecidos nos meios policiais e nos das apostas. Levantavam-se ao meio dia. Os olhos, um fundo escuro. Aspectos cadavéricos. Grande fumadores. Repare-se: não eram gente de trabalho ou homens de negócios - eram, simplesmente, «desportistas». Mas, com o aproximar da noite, reactivavam-se-lhes a lucidez e o olhar ganhava brilho. Então, tudo recommençava. Fartos jantares. Jogos de moeda ao ar. Debocheria até de manhã.

A Melbourne do princípio do séc. XX está descrita e cantada por muitos autores em todos os aspectos. Mary Jane, criada doméstica, acabava o serviço, aos domingos, às sete da tarde. Depois, dizia-se que ia à missa. Viam-na, sem dúvida, atravessando a Bourke Street com a Bíblia na mão. Mas ia apanhar ar, essa é que era a verdade, à porta do Walmough's Hotel... Collins Street, às quatro da tarde de sábado, era um mundo em si. Costureiras desciam à rua, às centenas, passeando. Operárias têxteis, bonitinhas e, aparentemente, felizes. Corria a cerveja nas tabernas. Tocavam banhos e pianos e ouviam-se roucos cantares. Nos «Cup Day», as mais importantes corridas de cavalos, famílias elegantes com interesses em gigantescos ranchos de criação de gado e

em propriedades agrícolas com centenas de quilómetros, mas com o dinheiro depositado em Londres, discutiam sobre as grandezas da vida, passeando na relva. As senhoras, brilhantemente vestidas, agitavam lençinhos e pára-sóis. O «peão», no campo das corridas propriamente dito, negro de gente.

Esta era a terra sacrificada e heróica donde provinham alguns daqueles que fizeram a Austrália-mãe, a mãe que sofreu as angústias experimentadas pelos seus primeiros filhos europeus - os condenados - mas esse sofrimento, já distante dois séculos, persiste enraizado na alma dos homens e das mulheres da Austrália nova. Respeitam a Inglaterra, sim, mas querem vencê-la sempre e sempre. Não lhe perdoam a fria indiferença, o distanciamento, a hipocrisia e a crueldade a que foram submetidos os infelizes que, atirados para o inferno dos pântanos e dos desertos, começaram cavando com as unhas e com as mãos uma terra estéril e traiçoeira. Heroicamente, no processo fizeram dessa terra uma nação nova cheia dum povo jovem com três revoluções no peito.

Literatura

Foi também da alma dos condenados e dos presos políticos Irlandeses que a literatura australiana brotou. A partir de 1820, floresciam baladas e versos de tonalidade vincadamente irlandesas. Na poesia e na música cantavam-se os presos inocentes, a acção dos guardas e dos carrascos, os bravos homens sem fronteiras que partiram e desapareceram nas infundáveis distâncias, a descobrir o continente. Expunham-se os actos da polícia brutal, os juizes cruéis. Exaltava-se o patriotismo dos irlandeses e o amor que guardavam pela sua terra verde, chuvosa, fértil, sempre sofredora às

mãos da Inglaterra imperial. Charles Harpur (1813-68) foi o primeiro a colocar nos seus versos as bandeiras do sofrimento e da revolta.

Henry Lawson (1867-1922) demonstrava uma similar consciência. Em si, a Revolução Vermelha era a resposta para os «terrores da rua». E, no poema «Cento e três», insurgem-se contra as condições selvagens das penitenciárias e contra o conjunto dos sistemas penal e judicial.

Em muito da literatura australiana nota-se, constantemente, o sentido dos oprimidos, a solidão, a alienação e o medo que a violência ou a ameaça desta simbolizam. Romances, novelas, contos, poemas, peças teatrais, está tudo cheio de violência no seu tratamento dos sistemas judicial e prisional, das relações entre os dois sexos, das guerras entre bandos de delinquentes e da guerra a sério, da verdadeira. A literatura sobre presos e penitenciárias encontra-se, inevitavelmente, preta de brutalidade e, essa brutalidade, quase inesperada para o leitor português moderno, vamos encontrá-la sempre em autores tão diversos como Patrick White, Thea Astley, David Ireland, Roger McDonald, Colin Jackson, Archie Wheeler.

Os onze romances de Patrick White (1912-??) constituem um marco na ficção de estilo simbólico e social-realista. A sua obra tornou-o, em 1973, no único escritor australiano distinguido com o prémio Nobel da Literatura, mas, caracterizada por inficções sempre vagarosas, por quase constantes novos começos, alterações frequentes no tempo e no lugar das coisas, essa obra levou tempo a impor-se junto da crítica australiana quando o escritor, afinal, era já consideravelmente distinguido em Inglaterra e, duma maneira geral, em todos os países de língua e de cultura inglesa.

Os seus romances «The Aunt Story» (A História da Tia) e «The Tree of Man» (A Árvore do Homem), são os mais destacados universalmente.

Livros

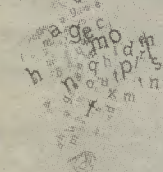
Bernardete Costa
A Guardadora
de Ausências



A Guardadora de Ausências

Falemos hoje de estreias. E desde logo de três edições recentes da **Campo das Letras**, editora que não apenas estreia autores mas que se dá à ousadia de trazer a público poesia, o que vem sendo raro. O primeiro livro que hoje abordamos é o de **Bernardete Costa** que pela primeira vez - para além de textos dispersos na imprensa regional - publica um livro. Prefaciado por Urbano Tavares Rodrigues, que dele diz ter sido «composto com certo artifício, o da saudável mentira poética», um livro de «amor e de ausência», e da autora: «Julgo que Bernardete Costa, poetisa de raiz, não quer ser julgada só por este livro.» Venham mais.

Jorge M. Machado
Quartos Escuros



Quartos escuros

Este é um livro de **Jorge M. Machado**, um poeta que «gosta de gatos», conforme se apresenta em contracapa. Mas também gosta de Baudelaire, segundo consta, e começou a escrever poesia depois de o ler. Bom começo, embora nos versos deste jovem poeta não encontremos ressonâncias dessa leitura. E ainda bem. Estes **Quartos Escuros** surgem como as primeiras palavras que se ensaiam já apontadas para voarem.

Paulo Ferreira da Cunha
Tratado das Coisas Não Fungíveis



Tratado das Coisas Não Fungíveis

Sigamos a «apresentação» que a estreia de **Paulo Ferreira da Cunha** nos dá em nota de contracapa, porque esta coluna não é de crítica, mas apenas de recensão do que vale a pena: «Este *Tratado das Coisas Não Fungíveis* investiga singulares entidades do mundo externo que, para lá das Pessoas e das Acções, não podem ser substituídas por outras, na aparência idênticas.»

Crónicas da Idade Média

Ruben de Carvalho

Guerra Fria e a Cultura (II)

Um aspecto que só lateralmente tem sido analisado constitui porém um dos mais importantes e significativos elementos da «guerra fria»: o que, em termos gerais, poderemos chamar a guerra no campo das ideias, da cultura e da informação.

A II Guerra tornara claro para os beligerantes a importância dos elementos subjectivos e ideológicos, da mobilização de consciências e vontades. A ascensão de Hitler constituía um doloroso exemplo das capacidades da propaganda e os EUA responderam com a pujança dos seus meios económicos e de uma dinâmica cultura popular que conhecera aliás na década de 30, no quadro do New Deal, um significativo incremento.

Na transição da «guerra quente» para a «guerra fria», a importância dos elementos ideológicos não se atenuou, pelo contrário. Os observadores norte-americanos

da realidade europeia (e muito particularmente da França, Itália e, em circunstâncias diferentes, da Alemanha) compreenderam rapidamente a importância política do grande prestígio com que comunistas e a URSS haviam saído da Guerra e os sentimentos antiamericanos a que a arrogância da posse isolada da arma atómica e o descarado intervencionismo davam origem. Neste quadro, especial relevância adquiria a maioritária influência da esquerda junto dos intelectuais - escritores, artistas plásticos, cientistas, num quadro tanto mais ameaçador para os interesses do grande capital quanto essa postura se manifestava também nos próprios Estados Unidos, também pelo peso de intelectuais europeus que tinham procurado refúgio do outro lado do Atlântico ao longo do domínio nazi-fascista. Contribuindo aliás de forma determinante para evoluções tão significativas e diversas quanto o salto da indústria cinematográfi-

ca de Hollywood ou o «projecto Manhattan» de que sairia a arma nuclear.

Duas obras recentes constituem um contributo precioso para de uma vez acabar com quaisquer dúvidas sobre o papel desempenhado pelos serviços secretos americanos no apoio e aproveitamento de homens como Andre Koestler, Stephen Spender, Reinhold Niebuhr, etc., na criação de publicações anticomunistas da mais variada índole, num esforço rigorosamente coordenado com uma feroz perseguição interna que teve no *mccarthysmo* a sua expressão mais violenta, tal como numa intervenção de condicionamento político-ideológico na produção cultural estado-unidense.

O estudo mais sistemático é o de Frances Stonor Saunders, *The Cultural Cold War - The CIA and the World of Arts and Letters* (1), de especial interesse pela forma como traça a progressiva montagem orgânica da rede de influência dos servi-

ços secretos americanos (com ramificações previsíveis, mas apesar de tudo surpreendentes, como Orwell ou Malraux), mas também o abandono a que, à medida que a influência americana se ia consolidando na Europa com o alargamento da NATO e o plano Marshall frutificava no enquadramento capitalista das comunidades que dariam origem à CEE, foram sendo deixados os por vezes bem desprezíveis instrumentos dos estrategos de Washington.

Cold War Culture - Media and the Arts, 1945-1990, de Richard A. Schwartz (2), é um trabalho de características completamente diversas, um quase livro de referência organizado por ordem alfabética, com várias centenas de entradas que abrangem desde «James Bond» a «film documentaries» ou «spy novels». Trata-se de uma vasta visão dos protagonistas essenciais do conflito e das expressões que ele assumiu, completado com uma vastíssima bibliografia e meticolosos índices.

Apesar do seu carácter quase de «dicionário», *Cold War Culture* transforma-se contudo num interessante livro de leitura corrente, pois é impossível, após folhear duas ou três páginas, não encontrar um tema que directamente nos interpela, como sejam os filmes de John Wayne, as novelas policiais de Mickey Spillane ou os equívocos políticos de Jean Paul Sarte nos anos 40-50.

(1) SAUNDERS, Frances Stonor. *The Cultural Cold War - The CIA and the World of Arts and Letters*. The New Press, New York, 1999.

(2) SCHWARTZ, Richard A. *Cold War Culture - Media and the Arts, 1945-1990*. Checkmar Books, New York, 2000.

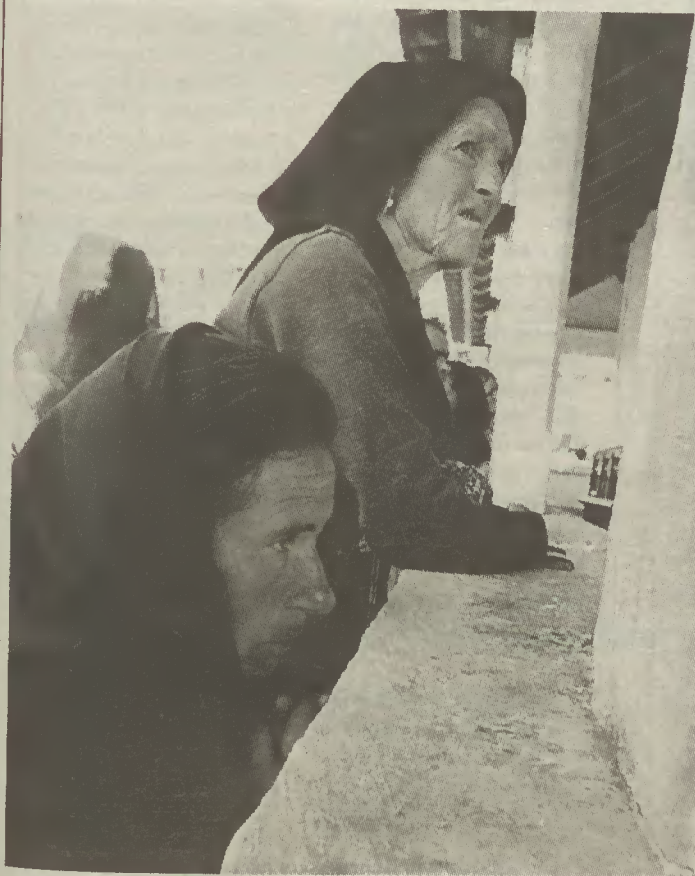


Religiões

• Jorge Messias

A Liga Operária Católica produziu, em 1982, um notável trabalho de leitura global da encíclica «*Laborem Exercens*». A análise dirigia-se aos seus activistas e a igreja institucional mantinha ainda, no rasto dos compromissos do Vaticano II, uma imagem popular e eclesial que depois veio a perder. Infelizmente, este bem estruturado estudo cedo caiu no esquecimento, tal como certos aspectos positivos da encíclica a que se referia, inicialmente válidos mas posteriormente violados, da forma mais grosseira, pela própria instituição da igreja.

O autor do enquadramento, o padre José Carlos Sousa, afirmava resumidamente: 1. Antes da industrialização, o homem relacionava-se com a natureza de forma totalmente diferente da actual - era ele e a terra, ele e a caça, ele e a pesca, ele e o sol, a chuva, as estações do ano. Os homens davam-se uns com os



outros como seres em termos de igualdade face à criação; 2. A industrialização tudo mudou: os homens deixaram de se relacionar como homens naturalmente iguais e passaram ao nível de produtores. Mais importante do que os outros homens é aquele que mais produz e que maior riqueza acumula; 3. Os homens mais ricos são aqueles que possuem as máquinas: quem for mais rico é quem mais produz, quem domina o merca-

Realismos e utopias

do; quem mais produz, é quem mais barato vende, quem mais clientes tem; 4. Surge, então, o poder absoluto do dinheiro: para ter grandes lucros, importa possuir muitas máquinas; para consumir, é necessário trabalhar muito, trabalhar cada vez mais. O dinheiro é o único valor que conta; 5. Assim, «o poder do dinheiro faz surgir uma nova cultura». O homem digno e respeitável será aquele que maior riqueza acumular. Nomeadamente a nível do Estado, a exclusiva bitola é o crescimento económico, a acumulação e o lucro. Esta *nova lógica* parecia imparável. José Carlos de Sousa cita reformadores sociais dessa época (Le Play, Ketteler, La Tour du Pin) que, face à crescente força do dinheiro não souberam manter vivos os seus ideais de transformação do mundo. Não, que se vendessem. Mas porque foram incapazes de resistir à imagem de força e de sucesso que o poder dominante parecia para sempre possuir. Esvaziaram-se da sua anterior mística de acção, simultaneamente realista e profética. Perderam a noção construtiva do absurdo. Falhos de tudo o mais, adoptaram o conceito da *ciência do possível*. Como acontece na pós-modernidade. Estes homens entraram, então, na rampa irreversível de sucessivas crises ideológicas. Os seus valores de referência mantinham-se, em termos gerais. Mas passaram a sobrevalorizar os resultados a curto prazo, as pequenas vitórias imediatas e pontuais. O mundo em que os homens iriam viver estava já decidido. De uma vez por todas, vencera o dinheiro, as tecnologias que o poder controlava e a teologia do lucro. As ideologias de natureza social continuariam, naturalmente, a cultivar-se mas apenas na palavra, no discurso político. A verdade íntima, cuidadosamente silenciada, reconhecia a vitória dos inimigos de classe dos explorados ou dos socialmente injustiçados.

O padre José Carlos Sousa profere depois a afirmação, a muitos títulos notável nessa altura, que foi a geração de pensadores conduzida por Karl Marx o pilar principal da resistência a essa visão derrotista e a promotora de uma doutrina política, de uma filosofia e de uma proposta revolucionária iniciadoras de uma nova era centrada em torno da construção de uma sociedade mais justa. Como é natural, as análises de José Carlos de Sousa tomavam como referência principal a doutrina católica, sobretudo na dupla relação conciliar Igreja/Mundo e Mundo/Igreja Hoje, sabemos como, ao viciar os dados desta questão central, o Vaticano conduziu a comunidade católica ao suicídio místico e ao abandono de um verdadeiro projecto de raiz cristã.

Deixemos, porém, em paz a igreja católica. A sua pior crise de sempre é, afinal, uma crise das instituições ocidentais, religiosas ou não. Desencadeia-se quando os homens renunciam a atravessar o presente de olhos postos num futuro que jamais verão mas em cuja viabilidade acreditam firmemente.

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Diário

Proposta

Uma viagem a Marte? Bora, pá.

Antes que tal viajarmos até à Pedreira dos Húngaros?

Também se diz que há vida lá.

As luzes da cidade

A noite na cidade. O imenso barco iluminado.

Incêndios a neon. Agressivos nas montras verticais nos prédios. Rápidos. Estáticos. Ritmados. No topo dominantes.

A noite. A guerra expulsa com seus mísseis as estrelas.

A lama, os sapos, o sonho

Natural era esperar pela neve. Não por esta lama quotidiana.

Lá em baixo rasgada a túnica, há o baile dos sapos. Dorremiante música não falta.

Um poema sonha com a neve e vestido dos anjos.

Actualidade

A D. Clementina foi ao hospital onde lhe detectaram um polipo na bexiga.

- E agora? - perguntou.
- Agora, volte daqui a oito meses para ser operada.

Não comento. Pra quê? De qualquer forma os versos nunca entrariam nem mesmo numa antologia micharuca. Podiam ter alguma utilidade se ajudassem a D. Clementina a ir depressa à faca.

Mas nem isso. Por isso se limitam a uivar.

(E quanto à antologia estão-se borrifando.)

Cartoon

• Monginho



Desporto

• José Pascoal

Começou a nova época futebolista. Felizmente, sem casos nem escândalos, mas com disparates sem fim, grande parte deles com origem no que dizem e escrevem jornalistas. E isto porque o recurso a estranhos modismos e a um interminável rol de lugares comuns se tornou prática diária. Basta ouvir as rádios e estar atento ao que dizem narradores e comentadores na televisão, bem como ao que se escreve nos jornais desportivos ou nas páginas de desporto de diários e semanários.

«Vamos agora a esse F.C. Porto-Benfica», diz o moderador de uma rádio, pretendendo com isso estabelecer ligação com os respectivos repórteres. Pergunta-se: porquê esse? À mesma hora e no mesmo local, haveria por acaso outro F.C. Porto-Benfica? Feita a ligação, logo se ouve um deles a falar desde, quando não mesmo a partir do Estádio das Antas, confundindo lugar com tempo. Mais tarde, ouvir-se-á alguém anunciar ao País que vai recuperar esse som de João Pinto,



Disparates e pontapés na gramática

autor do primeiro golo do Sporting no campeonato. Até parece que alguém perdera a bobine ou a cassete contendo o registo magnético do ex-benfiquista, que se estreou na I Liga de verde-e-branco vestido, marcando o golo que deu a vitória à sua nova equipa.

Em directo, porém, as coisas tornam-se mais interessantes. Há o narrador que vê jardins onde eles não existem — fulano de tal conduz a bola à flor da relva — outro que usa e abusa de terminologia racista — e lá vai o *colored* — e não falta até quem, certamente, nem sequer usa a massa encefálica para pensar: «Grande remate de fulano de tal para a defesa de sicrano!», grita. Disparate! Um jogador quando atira à baliza é no golo que pensa e não na defesa do guarda redes. Ou: «Bola fora para a reposição de César Prates». Aqui, a coisa torna-se mais complicada. Como vai o seu companheiro repô-lo em jogo? Não quereria ele dizer que alguém vai repor em jogo a bola acabada de sair do rectângulo? Não somos capazes de imaginar um jogador a pegar noutra e atirá-lo para dentro campo.

Na televisão, as coisas tornam-se, então, simplesmente patéticas. «Aqui, fulano, *desenquadrado* com a baliza [que é rectangular], atira ao lado», ouve-se. E vê-se. Por isso, mais disparatado se torna o comentário. Desde logo, porque desnecessário. Pior ainda, quando o jogo foi disputado num sábado, por exemplo, e a peça passa, sem qualquer tipo de emendas, nos serviços de notícias da segunda-feira seguinte. Quantas vezes sem o cuidado de corrigir o *ontem* para *anteontem* ou de proceder a qualquer outro tipo de correcção temporal. Mais que disparate, tais falhas revelam até mau profissionalismo. E que dizer da escolha do golo mais bonito da jornada, quando

aparece o apresentador do programa a pedir desculpa pelo facto de não terem registado este ou aquele tento?

Mas voltemos à rádio. «Estou a ver o presidente do clube tal a falar como o seu homólogo do clube da casa e vou interromper, por momentos, o diálogo para lhe perguntar...», diz o repórter, sempre em cima do acontecimento. Nós, porém, aconselhamo-lo a não fazer isso. Antes de mais, porque é falta de educação interromper conversas entre quem quer que seja. Não seria melhor e até mais correcto pedir, primeiro, autorização e, obtida a anuência do interlocutor, avançar, então, para a tal conversa?

Disparates e pontapés na gramática, quando não também na lógica e na semântica fazem, infelizmente, parte do dia a dia da informação desportiva. Exemplo elucidativo: «Se o documento não chegar à Liga e à Federação até ao meio-dia de amanhã — e durante o dia de hoje isso não aconteceu — Marchena fica impedido de actuar na 1.ª jornada». Este precioso naco de prosa podia ser lido na quinta-feira passada num semanário, mas, felizmente para o Benfica, o tal documento deve ter dado entrada, a tempo e horas, porque o central espanhol integrou o «onze» encarnado que defrontou o F.C. Porto, no último sábado. O que ele, como outros colegas seus, não devem ter conseguido foi *cutar as linhas de passe*, porque não evitaram que os jogadores azuis-brancos rematassem com o pé que tinham mais à mão e vencessem o jogo. E isto para não centrarmos a discussão deste, como de outros jogos, ao nível da relva ou dos *intervenientes*, até porque os golos são sempre marcados por *intermédio* de alguém.

Mas para quê tanta preocupação com o que se diz e se escreve nos órgãos de informação ou nas páginas de Desporto, se, afinal, a lógica no futebol é uma batata e prognósticos, como dizia um conhecido futebolista português, só no final do jogo?

Pontos Cardeais

Nunca foi tão fácil...

Numa altura em que milhares de famílias portuguesas fazem contas à vida para conseguirem pagar a prestação mensal da casa que compraram a crédito, com as taxas de juro a subirem e o Governo a olhar para o lado, os bancos não desistem. Em campanhas de publicidade «calorosas» e a saberem a Verão e a férias, fazem como os vendedores de automóveis — dizem que basta meia dúzia de tostões para se adquirir o último modelo. Em letrinha miúda — vem escrita a sentença — a entrada é choruda e pouca gente lhe chega. O resto é que são só facilidades — três meses «sem pagar» e o resto em «suaves prestações» que nem se dá por elas. No «caso» das casas, a coisa é tão descarada que chegam os bancos a afirmar, a toda a dimensão de página, que «Nunca foi tão fácil comprar casa». Esta é do BPI e, para mais informações, consulte o interessado o balcão ou a loja, ou o número de telefone ou a internet. Outro banco dá a estampa o engodo e faz crer que a casa lhe pode ficar por 3523 escudos. Por minuto? Por hora? Por dia? Por centímetro quadrado? Informe-se o interessado e logo lhe tiram as ilusões.

Desesperada censura

Desta vez perdeu Barroso a cabeça. Depois de o «Expresso» noticiar que o chefe laranja já admite a realização de um congresso e a realização de «directas», com o partido finalmente preocupado com os despautérios do régulo madeirense que já causou mossa nas fileiras do PSD, Durão Barroso decidiu-se pela berraria. Na Nazaré, em lugar de desancar no temível Jardim, optou por zurzir o coitado do Governo e ameaçou, de dedo em riste, com uma moção de censura. Não parece que seja por isso que o Governo vá rever as suas posições e faça «outra» política de direita. Com ela está o patronato — que é o mesmo patrão da família do PSD e do PP — satisfeito na genera-

lidade. O resto são querelas de tribo. Afé que Durão tem razões para se preocupar. Por exemplo com as ausências dos santanistas, de Marques Mendes e da Jota-esse-dé. Luís Filipe Menezes, cheio de maneiras, dá dois meses ao chefe...

Vá para fora cá dentro

Por seu lado, o PS tem razões de sobra para se sentir inquieto. Acumulam-se, para além dos erros seus, má fortuna, verão ardente, as críticas que chovem de quase de toda a amplitude do espectro político. Os jornais não dão tréguas e, no interior do partido, acumulam-se as zangas, as divisões, os azedumes. Narciso parte em batalha contra Assis, Alegre contra Sócrates, um tal Ramalho contra Edite. No Governo não há ministro que não esteja sob o fogo da crítica e do protesto. Procurando salvar a pele política, Jorge Coelho escolheu, entretanto, uma fórmula que certamente trouxe da profunda meditação que terá feito em férias ou nas profundezas do Metro. Prometeu que irá viajar, dia sim, dia não, pelo País, a «visitar obras». Deve ter pensado que não pode ficar atrás de Guterres a cirandar pelo estrangeiro. Só que Coelho vai para fora... cá dentro. Boas férias.

Compras e vendas

Continuando no seu papel de defensor da UNITA em Portugal — não é só a família Soares que se mostra agradecida a Savimbi — o «Público» deu recentemente à estampa um interessante artigo sobre a «compra de militantes» daquela organização terrorista. Mais uma vez o que o artigo pretende é denegrir o governo angolano e dar créditos às pobres vítimas que são os apoiantes do terrorismo. Mas a propaganda tem destas coisas, às vezes volta-se o feitiço contra o feiticeiro. Pretendendo denunciar operações de corrupção e de esbanjamentos de dinheiro para aliciar opositores, o que o artigo demonstra é que os homens da UNITA se podem comprar.

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 — Pedra preciosa azul; saber navegar. 2 — Prep. que indica lugar, tempo, modo, causa, fim e outras relações; modalidade desportiva praticada numa embarcação a remos; e sem; elogio. 3 — Ponto cardeal oposto ao norte; estaciona; prep. que indica várias relações, como companhia, instrumento, ligação, modo, oposição, etc.; sétima nota da escala musical. 4 — Conjunto de adornos que as mulheres usam na cabeça; pesquisar. 5 — Cifra; abatocar. 6 — Peça do piano para percutir as cordas; içar por um cabo. 7 — Altar cristão; órgão excretor que tem a seu cargo a formação da urina; naquele lugar. 8 — Espécie de lírio campestre de flores amarelas; caçarola. 9 — Planta herbácea cujas folhas são usadas como antiasmáticas e expectorantes; quantia que, entre os Hebreus, o noivo era obrigado a pagar ao pai da futura esposa. 10 — Extrair; manifestação que se faz, sorrindo, e que exprime um sentimento de benevolência, simpatia ou ironia. 11 — Antes de Cristo (abrev.); anuência; planta trepadeira da família das araliáceas; bebida alcoólica, proveniente da destilação do melão. 12 — Fúria; privilégio; terreno inculto, coberto de plantas agrestes; per-versa. 13 — Coberto de água; apologia.

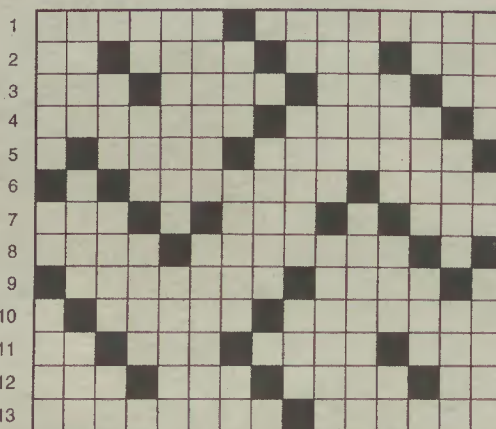
VERTICAIS: 1 — Tempo de descanso, na hora de maior calor; Antemeridiano (abrev.); designativo de aumento, grandeza ou comparação. 2 — Agastamento; almofariz; rude. 3 — Fulgor; escudeiros; abade (abrev.). 4 — Caminhar; dez vezes dez; projectil dessa peça de artilharia. 5 — Restaurar; escudo. 6 — Amante; brado. 7 — Falo em público; denunciar; manuscrito (abrev.). 8 — Amuo. 9 — Pref. de origem grega, que exprime a ideia de privação, separação; tranquilo; prep. designativa de falta, exclusão, ausência, condição, excepção. 10 — Prudência; desprovido de princípios de moral. 11 — Imóvel; designação genérica dos sais do ácido clórico. 12 — Espécie de padiola, para transporte de doentes; rio da Suíça que desagua no Reno; designa alternativa (conj.). 13 — Hectolitro (abrev.); mais elevado. 15 — A parte oculta de qualquer coisa; graça; engomar.

8 — Betga. 9 — Am; calmo; sem. 10 — Recato; imoral. 11 — Imoto; clorato. 12 — Maca; Aar; ou. 13 — Hl; rala; rta. 14 — Aoi; rale; sumo. 15 — Ralr; rti; gomar.

SOLUÇÃO DO N.º 2000X32 [L. P.]

1. Thf2+, Rg7; 2. Tg2+, Rh6; 3. Tg2, Df1; 4. Th2+, Rg5; 5. Td2+, R-; 6. Tf2 + e g.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



8 — Betga. 9 — Am; calmo; sem. 10 — Recato; imoral. 11 — Imoto; clorato. 12 — Maca; Aar; ou. 13 — Hl; rala; rta. 14 — Aoi; rale; sumo. 15 — Ralr; rti; gomar.

SOLUÇÃO DO N.º 2000X32 [L. P.]

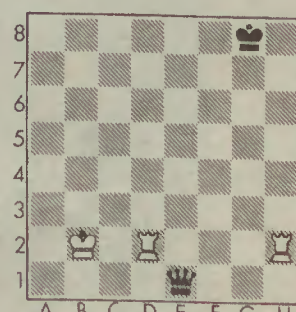
1. Thf2+, Rg7; 2. Tg2+, Rh6; 3. Tg2, Df1; 4. Th2+, Rg5; 5. Td2+, R-; 6. Tf2 + e g.

Xadrez

DCCLXVI — 17 DE AGOSTO DE 2000
PROPOSIÇÃO N.º 2000X32

Por: Ladislav Prokes
«Sach», 1942

Pr.: [2]: Df1 — Rf8
Br.: [3]: Ts.d2, h2 — Rb2



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2000X32 [L. P.]

1. Thf2+, Rg7; 2. Tg2+, Rh6; 3. Tg2, Df1; 4. Th2+, Rg5; 5. Td2+, R-; 6. Tf2 + e g.

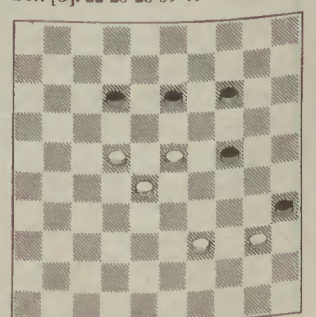
A. de M. M.

Damas

DCCLXVI — 17 DE AGOSTO DE 2000
PROPOSIÇÃO N.º 2000D32

Por: Blonde [1741-1819]
«Analyse du Jeu de Dames à la polonoise»
Paris, 1798

Pr.: [5]: 12-13-14-24-35
Br.: [5]: 22-23-28-39-40



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2000D32 [B.]

1. 23-18, (12x32); 2. 22-18, (35x33); 3. 18x27 e +; 1., (35x33); 2. 18x38 e +

A. de M. M.

Carlos Carvalhas em Santo André

Inauguração do Centro de Trabalho da DOR do Litoral Alentejano

na Colectiva C5, Bairro Azul, Vila Nova de Sto. André

Sábado, 26 às 12h

Almoço-convívio no Parque das Merendas, no Bairro Azul,
às 13h, com a presença e intervenção do Secretário-geral do PCP, que visita em seguida a Feira anual de Grândola

FESTADO Avante! 2000

1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

A uma semana da Festa na Atalaia continua a haver

TRABALHO PARA TODOS

Participa!

(nos dias 1, 2 e 3 de Setembro a Festa retribui!)

Sábado, dia 27:

Jornada de trabalho e convívio
de Micro e Pequenos Empresários de Setúbal
Encontro na Zona de Setúbal
Almoço-convívio às 13h
No Sábado da Festa, às 16h30
Encontro-convívio
no Pavilhão do Tamboril da Zona de Setúbal



CASCAIS / Organização Concelhia

Excursão à Festa do Avante!
nos dias 2 e 3 de Setembro



AUTOCARRO N° 1

Tires..... 8h 15 m – Alto de Tires
Manique..... 8h 20 m – Largo (Casa das Bicicletas)
Alcoitão 8h 25 m – Ao pé dos semáforos
Alcabideche..... 8h 30 m – Largo
Cascais..... 8h 35 m – Av. Sintra (P. Açúcar)
S. João..... 8h 40 m – Ao pé dos semáforos
Parede..... 8h 45 m – Junto ao CT do PCP
Rana 8h 50 m – Alto
Tires..... 8h 55 m – Largo do Chafariz
S. Domingos 9h 00 m – Largo
Rebelva..... 9h 05 m – Junto à Rotunda
Sassoeiros 9h 10 m – Café Santos

Regresso: Dia 2 – 01h 00

Dia 3 – 23h 00

AUTOCARRO N° 2

Tires..... 9h 00 m – Alto de Tires
Sassoeiros 9h 05 m – Café Santos
Alcoitão 8h 25 m – Ao pé dos semáforos

Regresso: Dia 2 – 01h 00

Dia 3 – 23h 00

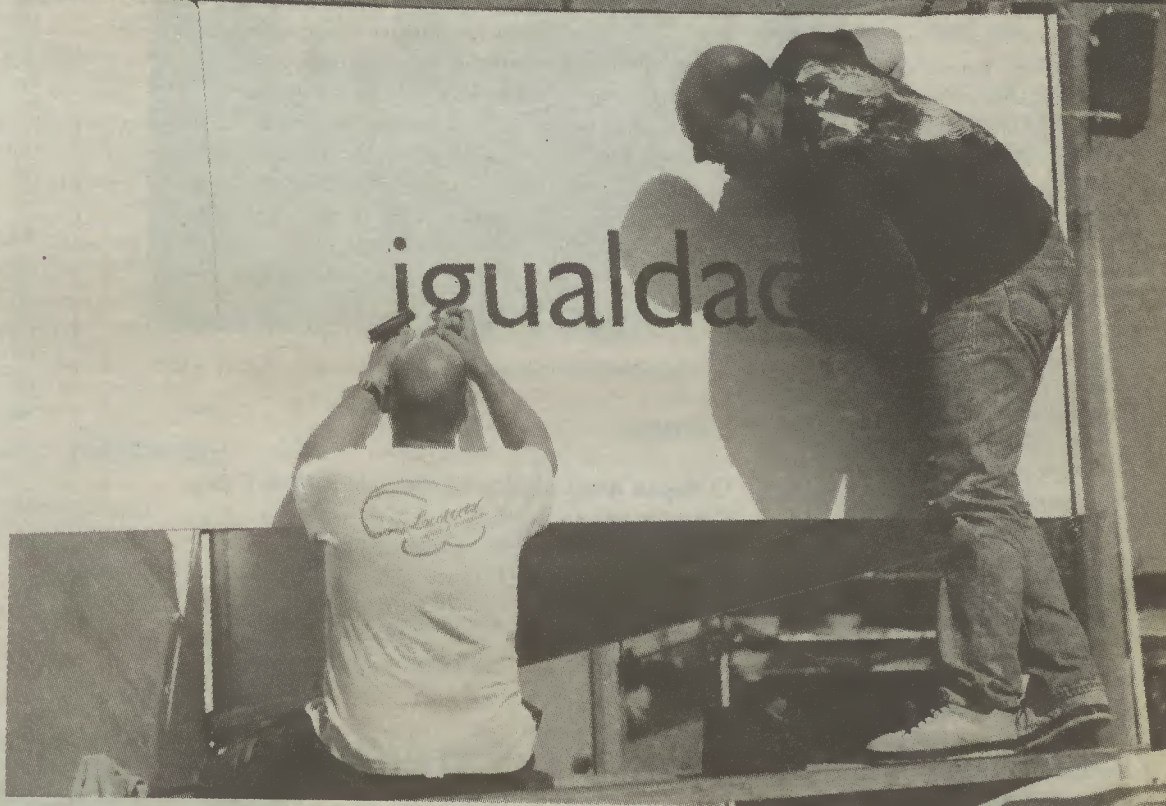
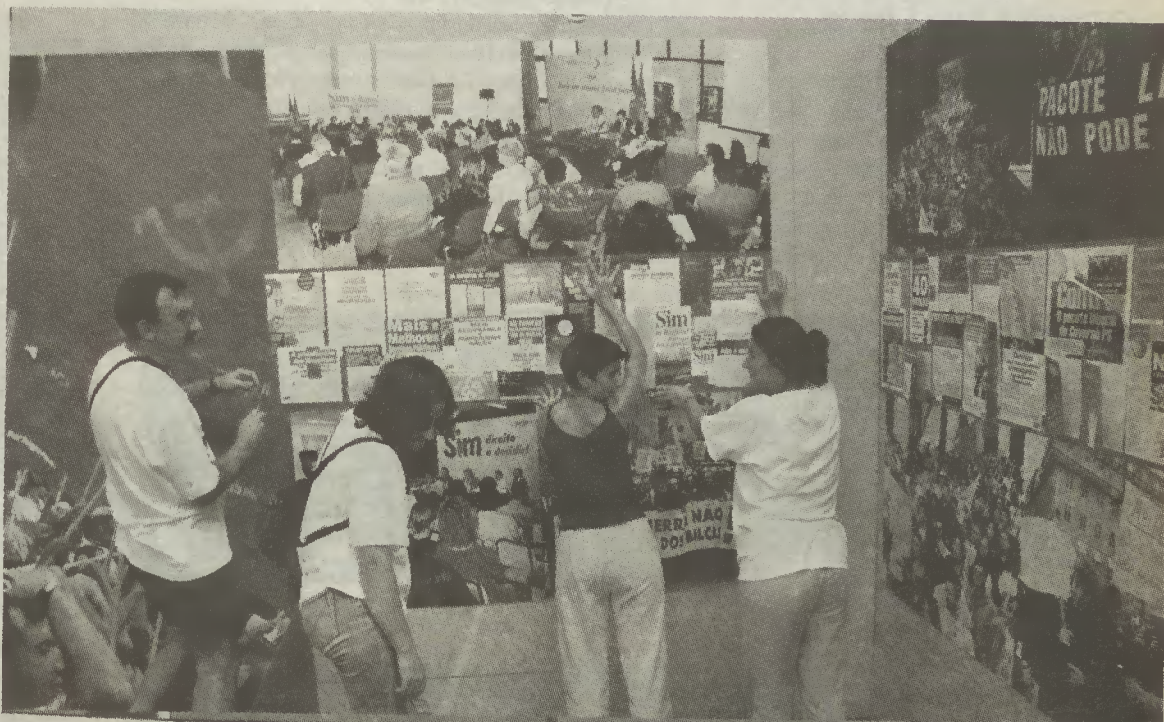
Inscrições até 30/08 nos CT's S.D.Rana (214442253),

Alcabideche (214692145), Cascais (214866991),

Parede (214561122)

PLENÁRIO DA CÉLULA DA CM DE LISBOA

Hoje, dia 24, às 19h, no CT Vitória,
sobre a situação política e a Festa do Avante!



ATVer

A melhor
adaptação
ao cinema
de
«O Carteiro
Bate Sempre
Duas Vezes»

Fellini-Satyricon

(Quinta, 23.00, RTP 2)

Longe das reconstituições históricas, **Fellini** recria aqui a antiguidade romana, à sua medida e (por isso) desmesurada. E conta-nos, traindo de forma genial a sua fonte de inspiração (o escritor romano **Gaio Petrónio**), as aventuras e as peregrinações de três jovens parasitas - *Encolpio*, *Gitone* e *Asculto* - essa «viagem dos domínios da Ficção Científica por um passado desconhecido», para utilizar a expressão do próprio cineasta.

O Destino Bate à Porta

(Sexta, 22.00, RTP 2)

Quem apenas conhece, do pequeno ecrã, a segunda, mais divulgada (e dispensável) adaptação deste romance, com **Jessica Lange** e **Jack Nicholson** nos principais papéis, não deve perder a oportunidade de apreciar a primeira e inesquecível versão cinematográfica - datada de 1946 e realizada por **Tay Garnet**, com o inquietante **John Garfield**



destacou, à época da estreia, o trabalho de direcção de **Doillon**, patente na extraordinária interpretação da jovem **Victoire Thivisol** (cinco anos apenas), justamente premiada no **Festival de Veneza**.

A Pantera

(Quarta, 02.00, RTP 1)

Realizado com um orçamento miserável, este filme de terror e do fantástico onde quase nada é mostrado mas tudo é sugerido (fora do campo da acção ou apenas na banda sonora) ficou como um marco no cinema do género, na altura contribuindo para, com o seu êxito, reanimar os estúdios da **RKO**. O realizador é **Jack Tourneur** e os principais papéis estão a cargo de **Simond Simon**, **Kent Smith** e **Tom Conway**.



Harrison Ford é o «O Fugitivo», com o maneta sempre à perna...



«A Ameaça», uma excelente fita de terror

e a espantosa **Lana Turner** - da chocante história de adultério e crime. Uma história que ainda interessou, entre outros, **Luchino Visconti** em 1942 para o seu *Ossessione*.

Tora! Tora! Tora!

(Domingo, 17.00, RTP 1)

Para quem prefere o clássico «filme de guerra», a curiosidade vai para esta coprodução EUA-Japão, realizada por **Richard Fleischer** e recheada de

vedetas, cujo argumento se centra na preparação e desencadeamento do ataque japonês a *Pearl Harbour* durante a II Guerra Mundial - o que é obra, já que o filme dá a ver, com rigor da reconstituição histórica, o posicionamento de ambos os lados em confronto. Destaque para a longa sequência que reproduz o ataque aéreo, particularmente espectacular e realista.

Pedro, O Louco

(Segunda, 23.00, RTP 2)

Ferdinand reencontra *Marianne* e passa a noite com ela. Pela manhã, um cadáver encontrado no apartamento e uma sombria história de *gangsters* obriga-o a fugir em direcção ao Sul. Entretanto, *Marianne* aborrece-se, acabando por atrair o chefe dos *gangsters*! *Ferdinand* mata-a, depois pinta a cara de azul, coloca explosivos em volta da cabeça, acende o rasilho, mas tenta apagá-lo tarde demais... e explode frente ao mar! Eis o que à superfície nos conta esta obra-prima de **Jean-Luc Godard**, retrato feroz da sociedade, de «uma beleza sublime», como dele disse **Aragon**. Com **Jean-Paul Belmondo** e **Anna Karina**.

Ponette

(Quarta, 00.15, RTP 1)

Este filme de **Jacques Doillon** debruça-se sobre a história de uma miúda de quatro anos fortemente traumatizada pela morte prematura da mãe, transmitindo-nos com grande sensibilidade (mas não menor crueza) o drama pessoal da criança, sucumbindo à tristeza e amargura da perda de um ente tão querido. Toda a crítica, em geral,



«A Ameaça» - ficção científica com um cheirinho de... «guerra fria»

E ainda...

O Rapaz dos Cabelos Verdes, de **Joseph Losey**

(Quinta, 00.45, RTP 1)

Fogo de Artificio, de **Takeshi Kitano**

(Sábado, 01.45, RTP 2)

O Fugitivo, de **Andrew Davis**

(Domingo, 17.30, SIC)

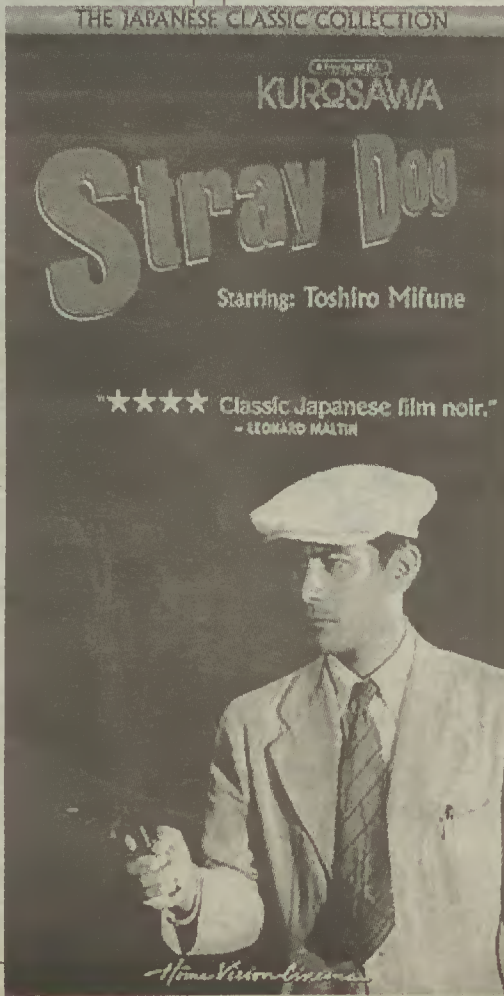
A Ameaça, de **Christian Nyby-Howard Hawks**

(Terça, 02.45, RTP 1)

Cabo e Satélite

Um filme importante

Desta vez, a opção foi mesmo recomendar ao leitor (sobretudo ao leitor cinéfilo) mais um filme: *Cão Enraivecido*, de um dos maiores mestres do cinema mundial, o japonês **Akira Kurosawa**. Uma obra que nos faz penetrar no mundo obscuro da cidade de Tóquio e do crime organizado. Realizado em 1949, dele disse o conhecido homem de cinema italiano **Aldo Tassone**: «A investigação sobre um roubo, a captura do assassino, servem na realidade de pretexto a uma investigação sobre o Mal e sobre a responsabilidade moral. Filme policial rejeitando os critérios habituais, corte vertical de uma cidade como o neo-realismo jamais nos pôde oferecer, viagem em demanda do seu alter ego, *Cão Enraivecido* é uma das obras mais tensas, mais cativantes do cineasta, que nela investiu todo o seu espantoso virtuosismo técnico». É no *Arte*, com **Toshiro Mifune** e **Takashi Shimura**, em versão original e legendado em francês. (*Arte*, sexta, das 22.35 às 00.30)



Quinta, 24

▼ RTP 1

07.00 Euronews
09.30 Os Melhores Anos
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Concurso: Só Números
21.45 Bacalhau com Todos
22.45 Parque Maior
00.15 24 Horas
00.45 «O Rapaz dos Cabelos Verdes» (The Boy with Green Hair, de Joseph Losey, EUA/1948, com Dean Stockwell, Pat O'Brien, Robert Ryan, Barbara Hale. Drama)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; 17.00 Informação Gestual)
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Simpsons
21.00 Tempos da Ciência
22.00 Jornal 2
23.00 «Fellini-Satyricon» (de Federico Fellini, It./1970, com Martin Potter, Hiram Keller, Max Born. Ver Destaque)
01.20 «Das Tripas Coração» (de Joaquim Pinto, Port./1992, com Elsa Batalha, Manuel Wiborg, Leonor Silveira. Drama)

▼ SIC

08.00 Buéréré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Jornalistas
16.00 Walker, O Ranger do Texas
17.00 Malhação
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Imagens Raras
22.30 Laços de Família
00.15 Sai Debaixo
00.55 «As Duas Faces do Espelho» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil
02.55 Último Jornal

▼ TVI

09.00 Animação
12.40 Os Animais Também São Gente
13.30 TVI Jornal
14.30 O Direito de Nascer
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
19.35 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Entre Marido e Mulher
21.40 Investigação TVI
23.20 A Bola é Nossa
01.25 Seinfeld

Sexta, 25

▼ RTP 1

07.00 Euronews
09.30 Os Melhores Anos
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.00 Regiões
19.40 Futebol: Real Madrid-Galatasaray
21.40 Telejornal
22.40 Concurso: Só Números



Entre as séries documentais, destaca-se «Austrália Selvagem» (segundas, RTP 2)

23.30 No Limite
24.00 Companhia do Riso
00.40 24 Horas
01.10 «Detesto o Amor» (de Laurence Ferreira Barbosa, Fr./1996, com Jeanne Balibar, Jean-Quentin Chatelain. Comédia)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; 17.00 Informação Gestual)
17.30 A Paixão dos Santos (Estreia)
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Jornal d' Africa
20.30 Dinheiro Vivo
21.00 Jornal 2
22.00 «O Destino Bate à Porta» (The Postman Always Rings Twice, de Tay Garnett, EUA/1946, com Lana Turner, John Garfield, Hume Cronyn. Ver Destaque)
00.25 Vítimas Inocentes (Estreia)

▼ SIC

08.00 Buéréré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Jornalistas
16.00 Walker, O Ranger do Texas
17.00 Malhação
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Ponto de Encontro
22.00 Laços de Família
23.00 Sai de Baixo
24.00 Jogo Limpo
02.00 Último Jornal

▼ TVI

09.00 Animação
12.10 Os Animais Também São Gente
13.30 TVI Jornal
14.30 O Direito de Nascer
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
19.35 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Ri-te, Ri-te
23.00 Reis da Música Nacional
01.35 Seinfeld
02.35 «Crime em Boston» (de Jerrold Freedman, EUA/1990, com Ken Olin, Margaret Colin. Policial)

Sábado, 26

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
11.00 Jet Set
12.00 Automobilismo: G.P. Bélgica
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.45 Destinos de Sofia
16.45 «As Aventuras de Rocketeer» (de Joe Johnston, EUA/1991, com Bill Campbell, Jennifer Connelly. Acção)
18.50 20 000 Léguas Submarinas
20.00 Telejornal
21.00 Santa Casa
22.45 Tourada
00.15 24 Horas
00.30 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro



«O Lugar da História» debruça-se esta semana sobre o cientista inglês Charles Darwin (terça, RTP 2)



«O Lugar da História» debruça-se esta semana sobre o cientista inglês Charles Darwin (terça, RTP 2)

00.45 «Marcados Para Morrer» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil

▼ RTP 2

07.00 Euronews
12.00 Iniciativa
14.00 Dá-me Pés para Dançar
15.00 Desporto
20.10 Mau Tempo no Canal
22.00 Jornal 2
22.45 Magazine 2001
23.15 Sim, Sr. Ministro
23.45 Valha-me Deus
00.15 Gente como Nós
00.45 Shining
01.45 «Fogo de Artificio» (de Takeshi Kitano, Jap./1997, com Takeshi Kitano, Kayako Kishimoto. Policial)

▼ SIC

07.30 Zip Zap
12.00 Muita Lóco
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Big Show Sic
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.00 O Maior Cabaret do Mundo
23.30 O Sexo e a Cidade
00.20 «Academia do FBI» (de Dan Goldberg, EUA/1998, com Rebecca De Mornay, Mary Gross. Comédia)
02.20 Último Jornal

▼ TVI

09.00 Animação
10.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
10.30 O Sótão do Pedro
11.00 Top Rock
12.00 Caras Lindas
14.00 Contra-Ataque
15.15 4.º A Fundo
15.30 «Segredos Ocultos» (de Mimi Leder, EUA/1993, com Michael Boatman, Cicely Tyson. Drama)
17.30 «Super Heróis ao Ataque» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil
19.35 Directo XXI
20.00 «Justiça nas Ruas» (de Chris McIntyre, EUA/1994, com Linda Kozlowski, Paul Sorvino. Drama)
22.00 Jardins Proibidos
23.10 Lux
00.10 «Guerra em Família» (de David Greene, EUA/1994, com Kate Nelligan, John Heard. Drama)
02.10 Seinfeld
02.40 «Eclipse Total» (de Anthony Hickox, EUA/1993, com Mario Van Peebles, Patsy Kensit. Drama)

Domingo, 27

- ▶ RTP 1**
- 07.00 Infantil / Juvenil
 - 11.30 3ª. Calhau a Contar do Sol
 - 12.00 Jornal da Tarde
 - 13.00 Automobilismo: G.P. Bélgica
 - 14.50 Made in Portugal
 - 16.10 Animais em Grande Plano
 - 17.00 «Tora! Tora! Tora!» (de Richard Fleischer, EUA/1970, com Martin Balsam, Sô Yamamura, Joseph Cotten, James Whitmore. *Guerra*)
 - 19.55 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
 - 20.00 Telejornal
 - 20.50 Futebol: Belenenses-Porto
 - 23.05 Domingo Desportivo
 - 00.30 «As Asas do Amor» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil
 - 02.20 Automobilismo: G.P. Bélgica
 - 02.35 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
 - 02.45 24 Horas
 - 03.05 «Regresso ao Deserto» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil

- ▶ RTP 2**
- 07.00 Euronews
 - 09.00 Programa Religioso
 - 10.30 Missa
 - 11.30 Sobrevivência
 - 12.15 Tesouros Perdidos do Mundo Antigo
 - 13.15 Quem Sai aos Spas
 - 13.45 Margarida - A Última Princesa
 - 14.45 Desporto
 - 19.00 A Balada do Atlântico
 - 20.00 Onda Curta
 - 20.40 Artes e Letras: «Dance Ballarina Dance»
 - 21.30 Horizontes da Memória
 - 22.00 Jornal 2
 - 23.00 Kingdom
 - 00.15 Faenas
 - 00.45 Artes do Palco - Teatro: «Lobo» (de Abel Neves e Therese Collins, com Graeme Pulleyn, Eduardo Correia. Realização de Margarida Ferreira de Almeida)

- ▶ SIC**
- 07.30 Zip Zap
 - 12.00 BBC Vida Selvagem
 - 13.00 Primeiro Jornal
 - 14.00 «A Super-Mulher» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil
 - 15.40 Xena, A Princesa Guerreira
 - 17.30 «O Fugitivo» (The Fugitive, de Andrew Davis, EUA/1993, com Harrison Ford, Tommy Lee Jones. *Drama*)
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 21.10 Bom Baía
 - 21.40 Residencial Tejo
 - 22.45 Sai de Baixo
 - 23.40 «Algemados» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil
 - 01.40 Último Jornal

- ▶ TVI**
- 09.00 Animação
 - 11.00 Espaço Religioso
 - 11.10 Missa
 - 13.00 Portugal Português: Magoalouro
 - 13.45 Caras Lindas
 - 15.15 Especial Robert Leal
 - 19.05 Directo XXI
 - 21.00 Jardins Proibidos
 - 22.10 «Em Terra Selvagem» (de Steven Seagal, EUA/1994, com Steven Seagal, Michael Caine. *Ação*)
 - 00.10 «Sob Ameaça» (de John Pasquin, EUA/1991, com Victoria Principal, Paul Sorvino. *Drama*)
 - 02.10 Seinfeld

Segunda, 28

- ▶ RTP 1**
- 07.00 Hora Viva
 - 10.00 Praça da Alegria / Culinária
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 14.00 A Mentira
 - 15.00 Canções da Nossa Vida
 - 16.15 Sozinhos em Casa
 - 16.45 Não é Homem não é Nada
 - 17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
 - 18.30 Roseira Brava
 - 19.30 Regiões
 - 20.00 Telejornal
 - 21.00 Mr. Bean
 - 21.45 Serviço de Urgência
 - 22.45 «Brincadeiras Perigosas» (Funny Games, de Michael Hanke, Austria/1997, com Susanne Lothar, Ulrich Mühe. *Thriller*)
 - 00.40 24 Horas
 - 01.05 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
 - 01.20 «Gadjo Dilo, O Estrangeiro» (Gadjo Dilo, de Tony Galif, Fr./1997, com Romain Duris, Rona Hartner. *Melodrama*)

- ▶ RTP 2**
- 07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews)
 - 15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
 - 16.30 Informação Gestual
 - 17.30 Austrália Selvagem
 - 18.30 Informação Religiosa
 - 19.00 Espaço Infantil-Juvenil
 - 20.00 Simpsons
 - 20.25 Cidade Louca
 - 21.00 Rotações
 - 21.30 Bombordo
 - 22.00 Jornal 2
 - 23.00 «Pedro, O Louco» (Pierrot, Le Fou, de Jean-Luc Godard, Fr./It./1965, com Jean-Paul Belmondo, Anna Karina. *Ver Destaque*)
 - 01.00 Trinity

- ▶ SIC**
- 08.00 Buêré
 - 11.00 SIC 10 Horas
 - 13.00 Primeiro Jornal
 - 14.00 O Juiz Decide
 - 15.00 Jornalistas
 - 16.00 Walker, O Ranger do Texas
 - 17.00 Malhação
 - 18.00 O Cravo e a Rosa
 - 19.00 Uga Uga
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 21.00 Laços de Família
 - 22.30 Roda dos Milhões
 - 00.40 Sai de Baixo
 - 01.20 Último Jornal
 - 02.05 «A Mão que Embala o Berço» (de Curtis Hanson, EUA/1992, com Annabella Sciorra, Rebecca De Mornay. *Thriller*)
 - 03.30 Último Jornal

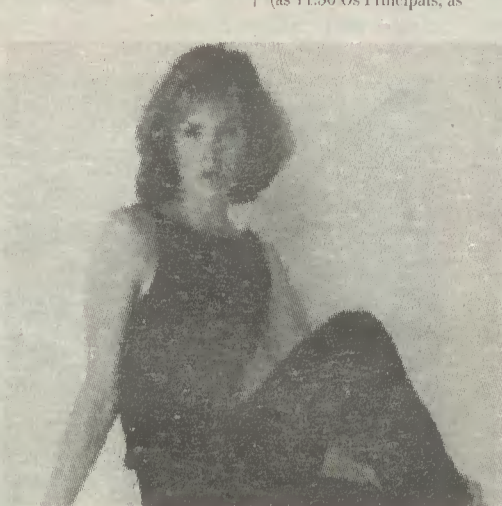


«A Memória do Jazz» é a temática das «Noites Longas da SIC» este mês (segunda e terça)

- 04.00 As Noites Longas da SIC - A Memória do Jazz (1)
- ▶ TVI**
- 09.00 Animação
 - 12.40 Os Animais Também São Gente
 - 13.30 TVI Jornal
 - 14.30 O Direito de Nascer
 - 15.45 Batatoon
 - 19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
 - 19.35 Directo XXI
 - 20.00 «Águas Selvagens» (de David Nixon, EUA/1997, com Erika Gabaldon, Brett Rice. *Drama*)
 - 22.00 Crianças S.O.S.
 - 23.10 Ficheiros Secretos VII
 - 00.10 Causa Justa
 - 01.15 Seinfeld

Terça, 29

- ▶ RTP 1**
- 07.00 Hora Viva
 - 10.00 Praça da Alegria / Culinária
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 14.00 A Mentira
 - 15.00 Canções da Nossa Vida
 - 16.15 Sozinhos em Casa
 - 16.45 Não é Homem não é Nada
 - 17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
 - 18.30 Roseira Brava
 - 19.30 Regiões
 - 20.00 Telejornal
 - 21.00 Mr. Bean
 - 21.45 Mãos à Obra
 - 22.20 Sabadabadi
 - 23.30 24 Horas
 - 23.55 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
 - 00.10 Strangers (Estreia)
 - 00.50 «Próximo Alvo» (Supreme Sanction, de John Terlesky, EUA/1999, com Kristy Swanson, Michael Madsen. *Thriller*)
 - 02.45 «A Ameaça» (The Thing [From Another World], de Christian Nyby e Howard Hawks, EUA/1951, com Kenneth Tobey, Margaret Sheridan. *Ficção Científica*)



A bailarina Deborah Bull (do Royal Ballet) aborda em «Artes e Letras» o trabalho de cinco grandes coreógrafos (domingo, RTP 2)

- ▶ RTP 2**
- 07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews)
 - 15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
 - 16.30 Informação Gestual
 - 17.30 Matas, Bosques e Brenhas
 - 18.30 Informação Religiosa
 - 19.00 Espaço Infantil-Juvenil
 - 20.00 Simpsons
 - 20.30 Cidade Louca
 - 21.00 O Lugar da História
 - 22.00 Jornal 2
 - 23.00 «Comic Act» (de Jack Hazan, Gr.Br./1998, com Neil Mullarkey, David Schneider. *Comédia*)
 - 00.55 A Queda das Dinastias Europeias

- ▶ SIC**
- 08.00 Buêré
 - 11.00 SIC 10 Horas
 - 13.00 Primeiro Jornal
 - 14.00 O Juiz Decide

- 15.00 Jornalistas
- 16.00 Walker, O Ranger do Texas
- 17.00 Malhação
- 18.00 O Cravo e a Rosa
- 19.00 Uga Uga
- 20.00 Jornal da Noite
- 20.50 Médico de Família
- 22.15 Laços de Família
- 23.45 Sai de Baixo
- 00.30 «Beleza Fatal» (de Tom Holland, EUA/1987, com Whoopi Goldberg, Sam Elliott. *Thriller* / *Comédia*)
- 02.15 Último Jornal
- 02.45 As Noites Longas da SIC - A Memória do Jazz (2)

- ▶ TVI**
- 09.00 Animação
 - 12.40 Os Animais Também São Gente
 - 13.30 TVI Jornal
 - 14.30 O Direito de Nascer
 - 15.15 Animação
 - 15.45 Batatoon
 - 19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
 - 19.35 Directo XXI
 - 20.00 Mares Vivas no Havai
 - 21.00 Olhó Vídeo
 - 22.00 A Testemunha (mini-série)
 - 02.05 Seinfeld

Quarta, 30

- ▶ RTP 1**
- 07.00 Hora Viva
 - 10.00 Praça da Alegria / Culinária
 - 13.00 Jornal da Tarde
 - 14.00 A Mentira
 - 15.00 Canções da Nossa Vida
 - 16.15 Sozinhos em Casa
 - 16.45 Não é Homem não é Nada
 - 17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
 - 18.30 Roseira Brava
 - 19.30 Regiões
 - 20.00 Telejornal
 - 21.00 Mr. Bean
 - 21.50 Estrelas do Mar
 - 23.30 24 Horas
 - 23.55 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
 - 00.15 «Ponette» (de Jacques Doillon, Fr./1996, com Victoire Thivisol, Delphine Siltz, Marie Trintignant. *Ver Destaque*)
 - 02.00 «A Pantera» (Cat People, de Jacques Tourneur, EUA/1942, com Simone Simon, Kent Smith. *Ver Destaque*)

- ▶ RTP 2**
- 07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews)



A bailarina Deborah Bull (do Royal Ballet) aborda em «Artes e Letras» o trabalho de cinco grandes coreógrafos (domingo, RTP 2)

- ▶ RTP 2**
- 07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews)
 - 15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
 - 16.30 Informação Religiosa
 - 17.30 Matas, Bosques e Brenhas
 - 18.30 Informação Religiosa
 - 19.00 Espaço Infantil-Juvenil
 - 20.00 Simpsons
 - 20.30 Cidade Louca
 - 21.00 O Lugar da História
 - 22.00 Jornal 2
 - 23.00 «Comic Act» (de Jack Hazan, Gr.Br./1998, com Neil Mullarkey, David Schneider. *Comédia*)
 - 00.55 A Queda das Dinastias Europeias

- ▶ SIC**
- 08.00 Buêré
 - 11.00 SIC 10 Horas
 - 13.00 Primeiro Jornal
 - 14.00 O Juiz Decide
 - 15.00 Jornalistas
 - 16.00 Walker, O Ranger do Texas
 - 17.00 Malhação
 - 18.00 O Cravo e a Rosa
 - 19.00 Uga Uga
 - 20.00 Jornal da Noite
 - 21.00 Os Predadores
 - 22.00 O Bom Baía
 - 22.30 Laços de Família
 - 24.00 Sai de Baixo
 - 00.40 «Ritual de Sangue» (de Donald P. Bellisario, EUA/1988, com Tom Berenger, Daphne Zuniga. *Thriller*)
 - 02.40 Último Jornal

- ▶ TVI**
- 09.00 Animação
 - 12.40 Os Animais Também São Gente
 - 13.30 TVI Jornal
 - 14.30 O Direito de Nascer
 - 15.15 Animação
 - 15.45 Batatoon
 - 19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
 - 19.35 Directo XXI
 - 20.00 Mares Vivas no Havai
 - 21.00 Olhó Vídeo
 - 22.00 A Testemunha (mini-série)
 - 02.05 Seinfeld

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

TVisto
Correia da Fonseca
Mariano, e depois

Durante anos e anos, sempre que ouvia falar em Cabo Verde, por menos que o quisesse visitavam-me a memória três versos de Gabriel Mariano: *Era p'ra ser cabo verde/Era p'ra ser verde cabo/era p'ra ser e não foi (...)*. O tempo diluiu há muito o resto do poema, se é que alguma vez o retive de memória, mas aqueles versos têm-me acompanhado como uma síntese da paisagem caboverdiana e da tragédia da seca que a explica. De resto, da obra poética de Gabriel Mariano muito pouco mais conheci, decerto porque tal como a generalidade dos leitores portugueses, mesmo dos relativamente poucos que ainda lêem poesia, todo o tempo me tem parecido escasso para ir lendo os poemas que por cá nasceram mais dois ou três dos brasileiros, convencidos ou quase de que toda a grande poesia de expressão portuguesa foi escrita pelos poetas nacionais mais o Bandeira, o Drummond e o Jorge de Lima. É desta massa, é claro, que se fazem as ignorâncias presumidas. Porém, no passado fim-de-semana, andava eu de canal em canal a fugir, entre o espavorido e o desalentado, das programações das RTP 1 e 2, da SIC e da TVI, quando num dos canais distribuídos por cabo me surge em grande plano João Perry a dizer admiravelmente uma poesia admirável. Era na RTP-África. Antes mesmo que o programa prosseguisse, achei que aqueles versos tinham um qualquer sabor que eu reconhecia: era a Cabo Verde mas era também a mais que isso. Logo a seguir soube do que se tratava: por um feliz acaso, talvez por interesse do santo patrono dos críticos de televisão e dos que por isso mais ou menos passam, eu estava diante de um programa acerca de Gabriel Mariano.

Antes de continuar, não quero deixar de escrever qualquer coisa que me parece muito importante: não sei de ninguém que na televisão, pelo menos na televisão, diga poesia como João Perry; a televisão é que parece nunca se ter dado conta disso, o que é uma pena no sentido de que é um esbulho feito ao País. Quando se fala, se porventura se fala, de poesia dita na TV, logo é lembrado um outro nome que, parece-me, serviu muito menos a poesia do

que se serviu dela, os céus me perdoem se estou a ser injusto. Quanto a Perry, os telespectadores podem conhecê-lo de uma ou outra intervenção em telenovelas. Por notável que tenham sido esses seus trabalhos, e foram-no, a verdade é que nem chegam para se saber quem é o actor João Perry nem alguma vez estiveram à altura da preciosa prestação que ele daria ao dizer poesia na TV. Suspeito de que nesta omissão anda uma dose decisiva de desmazelo por parte da RTP, a quem naturalmente mais caberia esforçar-se para que essa virtual riqueza fosse aproveitada. É claro que o próprio Perry poderia não estar disposto a vir dizer poemas para prazer e proveito do público de televisão. Mas qualquer vizinha me segreda que ninguém alguma vez se esforçou por isso.

Descobrir Cabo Verde

Voltando ao programa sobre Gabriel Mariano e a sua poesia, direi que a mais de um título me serviu de reconforto e também de enriquecimento, pois, para minha profunda vergonha, eu ignorava quase tudo o que ali aprendi, até algumas coisas que tinha estrita obrigação de saber. Era uma repetição; tinha data de 97 e creio que se integrara num conjunto de programas sobre poetas caboverdianos em tempos transmitida pela RTP 2. Pela «2», isto é, de modo a escaparem à atenção da larga maioria do público e até à dos que têm a obrigação de estarem atentos a estas coisas. E, enquanto o programa prosseguia, ia eu pensando como seria importante, até em domínios que largamente excedem o da divulgação cultural, que a TV informasse o País de que Cabo Verde tem um património literário, em poesia e em prosa, que surpreenderia quase todos. Nele, Gabriel Mariano, poeta e juiz, é um dos momentos altos, mas há mais e nem todos são juízes. Num tempo em que na empobrecida avaliação geral os caboverdianos são conotados com peripécias que servem para reforçar preconceitos injustos e muitas vezes infames, o conhecimento dos poetas de Cabo Verde permitiria, além do mais, contrariar o perigoso deslize de parte da opinião pública para repugnantes vícios mentais. É claro, porém, que esse efeito de saneamento não seria possível com transmissões semi-clandestinas no «segundo canal» da RTP e a horas inadequadas. É mais claro ainda é que a RTP não está nada interessada num esforço desses: basta-lhe perguntar, na «1», «quem quer se milionário», e esperar que dessa sementeira floresçam audiências que a salvem do descrédito. Como se esse pudesse ser caminho para um qualquer «serviço público». Como se ser útil e cumprir deveres já não a aqueçam nem arrefeçam.



A talhe de foice

• Anabela Fino

Fogos

As atenções têm estado centradas nos incêndios que grassam pelo País, cujas imagens se repetem até à exaustão, aparentemente esquecidos todos os alertas dos especialistas que garantem ser contraproducente a sua divulgação. Em tempos de penúria noticiosa, a contenção retirou-se para parte incerta, e o espectáculo do país a arder invadiu todos os canais televisivos, ateando sabe-se lá quantas doentias imaginações.

No caso recente do Parque Natural de Sintra o despautério excedeu todos os limites, chegando a irresponsabilidade ao ponto de o serviço público de televisão se vangloriar do número de horas dedicado ao evento!

Como se isto não bastasse, houve ainda a polémica suscitada em torno da intervenção dos bombeiros na Quinta da Marinha, em directo e ao vivo na SIC, com um tal senhor Miguel Champalimaud, espécie de marialva seródio mais preocupado com os campos de golfe do que em facilitar a vida aos soldados da paz. Com a arrogância de quem está habituado a ver o mundo pelo prisma dos que só sabem dar ordens em proveito próprio, o sujeito insultou a torto e a direito os responsáveis pelo combate ao fogo; desmentiu os que o acusaram de desprezar as forças da ordem e de obstaculizar o trabalho dos bombeiros; apontou-se a si próprio como exemplo de eficiência na luta contra as chamas apesar de contar apenas com um punhado de ajudantes, alguns dos quais mulheres, logo de pouca valia; e terminou deixando no ar a suspeição de uma guerra política cujo alvo seria - vá lá saber-se porquê... - o presidente da Câmara de Cascais. Não se sabe se Judas ficou agradecido, mas esta intervenção de Champalimaud júnior torna legítima a desconfiança de que não são só as chamas que ameaçam o Parque de Sintra.

No meio de toda esta bagunça, a queda de cerca de 20 por cento na venda de automóveis ligeiros, recentemente anunciada, passou quase despercebida. Testemunho da crescente perda de poder de compra da população, este dado está a preocupar os que negociam no ramo automóvel. Depois da explosão registada no sector e dos chorudos lucros daí resultantes, a iniciativa privada, tão ciosa da sua independência em tempo de vacas gordas, reagiu como é costume em tempo de vacas magras: pediu a intervenção do Governo. Esta característica intrínseca dos investidores portugueses de privatizarem o lucro e colectivizarem o prejuízo arrisca, neste caso concreto, transformar-se num escândalo nacional. Confrontados com a queda das vendas, logo dos lucros, os privatíssimos empresários do sector pretendem, nada mais nada menos, que o Governo legisle no sentido de obrigar a abater ao efectivo os carros de «profecta» idade, isto é, com mais de dez anos. E para quê? Para forçar a compra de carros novos, está claro. Mas para que não se pense que é apenas o mero interesse pelo vil metal que os move, os empresários fizeram acompanhar a sua proposta de muitas considerações sobre a importância da renovação do parque automóvel, a segurança nas estradas, a defesa do meio ambiente, etc., etc., etc. Não se chega ao ponto de dizer que o que está em causa é a mais genuína preocupação com o País e com os portugueses, mas falta pouco.

O executivo, que por acaso já dispõe de uma autorização legislativa do Parlamento para decidir sobre a matéria, há-de estudar o assunto no regresso de férias. Talvez lá para Outubro, quem sabe, depois do ministro Sócrates ter mostrado ao País como Lisboa pode ser bela sem automóveis, e como se respira melhor longe dos tubos de escape. Ou será que é com carros novos? Pouco importa, é tudo uma questão de saúde, e a saúde paga-se, como dizia o outro. O problema é se os ânimos dos portugueses, tão ciosos do seu carrinho e com a bolsa tão minguada, se inflamam. Ele há incêndios devastadores e não é só o amor que arde sem se ver.

Ecologistas lançam campanha 10 milhões de mensagens em defesa do planeta

Reduzam a degradação ambiental no planeta, tal é, na sua essência, o sentido do apelo de um «site» criado na internet para a recolha de 10 milhões de mensagens a enviar a líderes políticos mundiais.

A iniciativa partiu de duas dezenas de organizações ecologistas, entre as quais o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e a Greenpeace. O director da Campanha sobre a Mudança Climática do WWF, Andrew Kerr, explicou terça-feira que faz agora 10 anos que a comunidade científica internacional lançou o primeiro alerta sobre as ameaças decorrentes de alterações ambientais.

Na página www.climatevoice.org cada milhão de mensagens, do total de 10 milhões, pretende corresponder a cada ano em que continuou em falta qualquer resposta dos governos, revelou Kerr. A mesma fonte acrescentou ser «escandaloso que soluções válidas para os problemas tenham sido estupidamente abandonadas».

Os cibernautas podem escrever mensagens em que expressem preocupação sobre o aquecimento global, por exemplo, a enviar prioritariamente para chefes de Estado e primeiros-ministros da União Europeia (UE).

Em 1990, o Forum Intergovernamental sobre a Mudança Climática, das Nações Unidas publicou o seu primeiro relatório chamando a atenção para os elevados índices de gases na origem do efeito de estufa e as suas

implicações futuras. Mau grado a comprovação dos efeitos destes gases na atmosfera, desde então, os executivos não têm adoptado medidas concretas capazes de inverter o quadro e, no caso de países mais contaminadores, como os Estados

Unidos da América (EUA), foi permitido um aumento das emissões.

Apesar dos efeitos nefastos provocados pela emissão de gases não tem havido vontade política dos governos para inverter a situação

Por outro lado, Karl Mallon, da Campanha sobre o Clima do Greenpeace, disse ser chegado o momento de os líderes reconhecerem que os cidadãos votantes querem um futuro mais limpo e seguro

para as suas famílias. Para aquele dirigente ecologista a cimeira de Novembro próximo é ideal para provar se os políticos ouviram este apelo - numa referência à VI Conferência das Nações Unidas sobre a Mudança Climática, a realizar em Haia. Na ocasião, é esperado que os governos fixem uma data limite para cumprimento do Tratado de Kioto, para redução de emissão de gases causadores do efeito de estufa.



«Terra» há só uma...

Última homenagem a Henrique de Barros

Realizou-se terça-feira o funeral do professor Henrique de Barros, destacada figura de democrata e antifascista, que presidiu à Assembleia Constituinte (Ver «Aconteceu» na página 2). Entre o povo que o acompanhou na última despedida, numerosas individualidades, entre as quais militares de Abril pertencentes ao ex-MFA. Em representação do PCP esteve uma delegação constituída por Domingos Abrantes, António Abreu, Dias Lourenço e Marília Vila-verde Cabral.

Em telegrama dirigido à sua família, no qual expressa as suas «sentidas condolências», o Secretariado do Comité Central do PCP lembra o combate travado por Henrique de Barros contra o regime fascista, sublinhando simultaneamente o seu «papel relevante na investigação agrícola e na propostas de uma reorganização profunda da estrutura agrária em Portugal».

Também o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, enviou um telegrama à família do democrata agora desaparecido.

Feira de Agosto em Grândola, de 25 a 28

Vastos motivos de interesse

«Turismo, Ambiente e Desenvolvimento» é o tema genérico da tradicional Feira de Agosto, em Grândola, que este ano decorre de 25 a 28, no Parque das Feiras.

Para além de todas as componentes de uma feira tradicional, a Feira de Agosto em Grândola conta este ano com a participação musical de alguns grupos com projecção nacional, como os «Silence 4», «Phase» e «Liberdade Condicio-

nal», todos com actuação prevista para o dia 28.

Para além da presença de outros grupos e de outros géneros musicais, bem como de um espaço dedicado ao folclore nacional, a Feira de Agosto inclui ainda a 4.ª edição do Festival Hípico de Grândola, que terá lugar no próximo sábado à tarde.

A presença de mais de duas dezenas de «stands» de artesanato constitui outro motivo de interesse da

tradicional Feira de Grândola que, no quadro da edição deste ano, conta ainda com a realização de dois seminários. Um, realizado terça-feira, no auditório municipal, centrou a atenção dos participantes na «Importância da Cortiça na Economia Nacional». O outro, agendado para hoje, para o mesmo local, subordina-se à análise do «III Quadro Comunitário de Apoio - Oportunidades de Investimento».

Na sua 17.ª edição

Vem aí a Seixalíada

Foram já abertas as inscrições para a 17.ª edição da Seixalíada, a decorrer entre 16 de Setembro e 8 Outubro. Traduzindo as opções da política desportiva desenvolvida pelo Município, a Seixalíada pretende voltar a repetir o êxito das edições anteriores.

Promovida anualmente pelas colectividades e a comunidade desportiva municipal, em colaboração

com a Câmara Municipal e as juntas de freguesias, a Seixalíada é composta por um conjunto de práticas desportivas que se transformam sempre numa grande jornada de animação e convívio.

Na 17.ª edição podem participar praticantes federados ou populares, quer em representação de clubes ou equipas, quer em representações individuais.

Ao todo são 36 modalidades individuais e colectivas, para as quais a entidade organizadora conta com a colaboração de associações distritais ou com o apoio técnico pontual federações nacionais.

As inscrições dos atletas ou equipas podem ser feitas nas juntas de freguesia ou na Câmara Municipal do Seixal.

